



SIMPÓSIO DE HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA
**MEMÓRIA DA ZONA LESTE
DE SÃO PAULO**

RESUMOS

1º Simpósio de História Oral e Memória: Memória da Zona Leste de São Paulo

22 e 23 de junho de 2010

Realização

GEPHOM - Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória

Apoio

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo

Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo

Coordenação geral

Valéria Barbosa de Magalhães

Ricardo Santhiago

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

1º Simpósio de História Oral e Memória : Memória da Zona Leste de São Paulo : resumos / [coordenação geral Valéria Barbosa de Magalhães, Ricardo Santhiago]. -- São Paulo : GEPHOM - Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória, 2010.

Vários autores.
ISEN 978-85-62959-03-5

1. História oral 2. Historiografia 3. Resumos
4. São Paulo (Cidade), Zona Leste - História
5. Simpósio de História Oral e Memória : Memória da Zona Leste de São Paulo (1. : 2010 : São Paulo, SP)
I. Magalhães, Valéria Barbosa de. II. Santhiago, Ricardo.

10-06362

CDD-981.61106

Índices para catálogo sistemático:

1. Região da Zona Leste : São Paulo : Cidade :
História oral e memória : Simpósios
981.61106

GEPHOM - Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória

<http://each.uspnet.usp.br/gephom/>

APRESENTAÇÃO

O **1º Simpósio de História Oral e Memória: Memória da Zona Leste de São Paulo** é uma iniciativa do **GEPHOM – Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória** da Universidade de São Paulo. A ideia de sua realização foi semeada no início de 2009, quando o grupo iniciou suas atividades. Constatou-se, entre outras coisas, a carência de estudos específicos sobre a Zona Leste, especialmente aqueles utilizando os recursos da história oral e da memória e, ao mesmo tempo, a existência de iniciativas isoladas que tinham poucas oportunidades de diálogo.

Como forma de integrar pesquisadores e fomentar discussões sobre novos temas, centramos as atividades em dois eixos temáticos: *História oral, memória e fontes de pesquisa* e *História e memória da Zona Leste de São Paulo*. Com isso, cumpre-se o objetivo de discutir e debater a historiografia e as iniciativas de valorização da memória da Zona Leste de São Paulo, reunindo pesquisadores de áreas diversas. Ao mesmo tempo, se dá continuidade às reflexões sobre os caminhos de investigação e de registro da história da região, contemplando questões teórico-metodológicas que envolvem o trabalho com história oral e memória.

A organização do evento só foi possível graças ao apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, do Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo e da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, que sedia o simpósio. Além disso, contamos com a presença de especialistas renomados e com inúmeros trabalhos preparados por pesquisadores ativos que revelam a riqueza e a diversidade dos muitos assuntos derivados dos temas do evento, o que pode ser confirmado por este livro de resumos.

Boa leitura!

**ABORDAGENS AUTOBIOGRÁFICAS:
A HISTÓRIA ORAL EM PROCESSOS DE FORMAÇÃO DOCENTE**

Fernando Luiz Cássio

As abordagens (auto)biográficas na Educação há muito se utilizam de diversos tipos de documentos autobiográficos - diários, autobiografias, histórias de vida, memoriais biográficos -, cada qual encontrando uma finalidade específica nas práticas de formação docente. O eixo norteador dessa comunicação é o “tempo”, contínuo na autobiografia e fragmentado no diário - ambos intrinsecamente presentes na história oral de vida, consequência do trabalho relacional de entrevistado e entrevistador. Esse caráter dual faz da história oral uma ferramenta privilegiada para o trabalho autobiográfico com professores, podendo ser utilizada tanto no estudo dos trajetos profissionais docentes (dimensão de continuidade) como na reflexão sobre as experiências do cotidiano (dimensão fragmentar).

**A CIDADE DE SÃO PAULO E OS NÍVEIS DO SEU PROCESSO DE PRODUÇÃO:
OS NEXOS CONSTRUTIVOS DE UMA PERIODIZAÇÃO ATÉ 1532**

Maria de Oliveira

Justificativa: estudar a cidade de São Paulo é sempre uma tarefa muito difícil, pois, independente da perspectiva, da abordagem, do método de interpretação e da metodologia da pesquisa, é recorrente a necessidade de desenvolver uma periodização que coloque no presente os nexos construtivos da história do seu território; objetivos: apresentar uma periodização para auxiliar na pesquisa em geral, tanto da cidade de São Paulo como de quaisquer outros recortes territoriais, a exemplo do bairro, da rua, da região, do lugar, do distrito (de São Paulo); marco teórico: definir o início da industrialização na cidade de São Paulo como processo constitutivo do urbano, enquanto modo de vida e, principalmente, quanto às localizações das classes sociais no espaço urbano da cidade; metodologia: construir os níveis da periodização a partir dos nexos construtivos trazidos do passado, a partir de problemáticas do presente; resultados: estabelecer níveis do processo de produção da cidade de São Paulo significa, sobretudo, buscar os ritmos do espaço-tempo de cada lugar, os quais, embora classificados num mesmo nível de produção da cidade, se diferenciam pelos respectivos modos de apropriação, seja na esfera dos espaços de representação (uso, prática), seja na esfera das representações do espaço (concepções, projetos); bibliografia: Odette Seabra (2003), *Urbanização e Fragmentação*; Janice Theodoro e Rafael Ruiz (2004), *São Paulo, de Vila a Cidade*; Henri Lefebvre (1974), *La Production de l'espace*; Juergen Langenbuch (1971), *A estruturação da Grande São Paulo*; Nabil Bonduki (1998) *Origens da habitação social no Brasil*; José de Souza Martins (1992), *Subúrbio*; Milton Santos (1996), *A Natureza do Espaço*.

**A CIDADE DE SENTO-SÉ E A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DO SOBRADINHO:
A HERANÇA DE UMA POPULAÇÃO E O PODER DE UMA FAMÍLIA**

Ana Catarina Lins de A. Sento-Sé Martinelli Braga

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as questões de memória e de identidade cultural, referentes a população ribeirinha da barragem do Sobradinho, na década de 70. A construção desta barragem culminou com a inundação de quatro cidades do sertão nordestino. Dentre estas, estava Sento-Sé, ou, “terra dos carnaubais”, com aproximadamente 7.000 habitantes. A população da cidade foi expulsa de suas casas e todo o seu patrimônio material e cultural foi perdido. Gerando uma perda significativa para a memória daquele município. Através de fotos, documentos e depoimentos orais, pôde-se recuperar a história de deste povo, produzindo-se uma releitura da mesma.

**A EFETIVIDADE DO PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DO SERVIÇO SOCIAL NO
TRABALHO DOS ASSISTENTES SOCIAIS DA ZONA LESTE DE SÃO PAULO**

Rodrigo José Teixeira, Elisabete Andrade da Silva, Elizete Melo de Assis,
Maria Valéria Gonçalves Brandão, Patrícia Gleici Alberto, Vera Lúcia da Silva dos Santos

O presente trabalho foi realizado por alunos do quinto período (matutino e noturno) do curso de Serviço Social da UNICASTELO, campus Itaquera – SP, na disciplina de *Fundamentos Históricos, Teóricos e Metodológicos do Serviço Social V*. Esta pesquisa teve por objetivo analisar a efetividade do projeto ético-político do Serviço Social no trabalho dos assistentes sociais trabalhadores da Zona Leste. O projeto ético-político da profissão é uma construção coletiva dos assistentes sociais, consolidado nas lutas sociais da década de 70/80 se efetiva na década de 90 com o Código de Ética Profissional (1993), na Lei 8662/93 que regulamenta a profissão de Serviço Social, nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso (1996). O marco teórico-metodológico deste projeto apresenta uma matriz Materialista, Histórica e Dialética tanto na formação como na atuação dos profissionais assistentes sociais

nos espaços sócio-ocupacionais onde são empregados. Este projeto, por seus elementos legais conquista hegemonia na categoria profissional, mas tal fato não o torna homogêneo por sua natureza política ideológica na conjuntura atual. O instigador que nos norteou a pesquisar foi: Como efetivar este projeto de base marxista nesta sociedade neoliberal que salienta a exploração da classe trabalhadora? Como os assistentes sociais da Zona Leste de São Paulo, trabalhadores que vivem da venda de sua força de trabalho, e também explorados pelo capital, constroem enfrentamentos a esse sistema para efetivar o projeto ético-político? A metodologia de história oral permitiu recolher depoimentos de 33 (trinta e três) assistentes sociais da Zona Leste, dos mais diversos segmentos de atuação: saúde, assistência social, segurança pública, ONG, setor público e privado, a fim de compreender como estes profissionais efetivam o projeto ético-político no cotidiano do seu trabalho profissional. Ao utilizar a História Oral como metodologia de pesquisa, ultrapassamos o âmbito das ações profissionais e traçamos, por meio das oralidades, os tons vitais desses trabalhadores assistentes sociais, observando como a partir de suas experiências pessoais e profissionais aderem e efetivam este projeto. A metodologia foi estudada a partir dos textos do Professor Alessandro Portelli junto com todos os alunos da disciplina, foram construídos sub-grupos nas salas para viabilizar as entrevistas. Todo trabalho foi acompanhado pelo Professor responsável, inclusive a transcrição e a edição dos relatos. Todos os profissionais assinaram termo de consentimento. Os resultados nos mostram que os assistentes sociais efetivam este projeto ético-político das mais criativas formas de atuação na garantia dos direitos sociais e humanos; outro aspecto levantado foi que um dos elementos que colocam em risco a efetividade do projeto ético-político são posturas neoconservadoras de profissionais na direção de novos paradigmas nas ciências sociais e humanas; e, um dos principais desafios encontrados pelos assistentes sociais está na construção de mediações entre os interesses defendidos pela instituição, onde o assistente social é trabalhador, e os interesses defendidos pelo profissional assistente social, a favor da classe trabalhadora.

A HISTÓRIA DO PARQUE ECOLÓGICO DE VILA PRUDENTE CONTADA PELOS MORADORES LOCAIS

Rosely Marchetti Honório

O trabalho que pretendo apresentar é uma reflexão sobre a história de criação e implantação do Parque Ecológico Prof^a Lydia Natalizio Diogo, que se iniciou há um ano quando propus a elaboração e implementação de um projeto interdisciplinar de visita monitorada e a organização de uma exposição, que pudessem contribuir para o desenvolvimento e o fortalecimento do vínculo afetivo dos usuários do Parque. Com esse propósito, comecei a escutar as memórias dos moradores locais e a perceber a importância delas na interpretação do processo histórico do Parque.

As fontes documentais e bibliográficas relatam que o Parque Ecológico de Vila Prudente foi criado por lei em 1996 e recebeu a denominação *Prof^a Lydia Natalizio Diogo* por decreto em dezembro de 2004. O Parque localiza-se nos limites de bairros do distrito de Vila Prudente. A origem do bairro e do distrito de Vila Prudente situa-se em 1890, quando se iniciou o processo de industrialização da cidade de São Paulo na região das várzeas do rio Tamanduateí, ocupada atualmente pelo Brás, Mooca e Vila Prudente. A área em que o Parque encontra-se instalado era ocupado por terrenos mais elevados da várzea do córrego da Mooca, afluente do rio Tamanduateí. Um morro utilizado pelos moradores locais para lazer, que perdeu essa característica lúdica com o processo de desindustrialização, que descaracterizou a região. A instalação do Parque, na área que permaneceu desocupada no morro, retomaria o uso lúdico do espaço? Que papel a comunidade local teve no resgate desse uso para o espaço?

A história oral revelou-se como o instrumento importante de pesquisa com o objetivo de coletar depoimentos por meio de entrevistas com os moradores locais para elucidar, por meio do que vivenciaram e experimentaram, os seus pontos de vista sobre essas questões. Os entrevistados, reunidos em pequenos grupos, são convidados a relatar seus depoimentos fazendo uso de fotografias, caso sejam possuidores delas. As memórias, registradas e transformadas em fontes históricas, e as imagens fotográficas irão compor uma exposição que será organizada no Parque. É uma proposta, em andamento, de reconstruir a história do espaço por meio da partilha das experiências individuais, o que possibilitará produzir uma memória coletiva constituída das diferentes versões sobre as questões colocadas.

A adoção da metodologia da história oral possibilita construir uma nova narrativa, isto é, um novo conhecimento sobre o passado recente do Parque. As memórias sobre as questões colocadas são narradas com um senso interpretativo amadurecido pela vivência posterior situada no tempo presente. Diante da realidade descrita, cada interlocutor manifesta suas interpretações, estabelece relações entre as memórias individuais, compartilha a construção de uma memória coletiva, contribuindo para a elaboração da história do Parque.

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO IMIGRATÓRIO JUDAICO E ÁRABE PARA A HISTÓRIA E MEMÓRIA DO RIO DE JANEIRO

Marcela Maria Freire Sanches

A experiência da imigração judaica e árabe no Rio de Janeiro é importante para entendermos a história, memória e identidade da cidade. Estabelecemos um diálogo entre as questões dos segmentos étnicos na cidade, algumas similaridades e diferenças, as memórias e histórias que foram tecidas no seio da sociedade carioca. E ressaltamos a importância do uso da história oral nesta

área específica dos estudos imigratórios. As narrativas são impregnadas pelas experiências de vidas, onde percebemos a emoção seja num gesto, numa lágrima ou até no ocultar de um fato.

A história oral é um instrumento significativo na luta de valorização dos segmentos sociais historicamente excluídos. A inclusão da ação dos segmentos étnicos, como parte integrante do patrimônio cultural brasileiro, revela a compreensão de que na essência da formação da sociedade submeteu-se a um processo de trocas culturais.

Na pesquisa realizada sobre a imigração judaica apontamos três instituições criadas pelo grupo étnico: um colégio, uma colônia de férias e uma biblioteca. Na pesquisa dos imigrantes judeus destacamos três depoimentos referentes a imigrantes ou descendentes que viveram este momento histórico.

No que se refere à imigração árabe apontamos a criação do círculo literário da Liga Andaluza e a Revista de Letras Árabes da Liga Andaluza.

O marco teórico utilizado para discutir a questão da imigração, história, memória e identidade foram a partir de LESSER(2001), Hall(2003), Said(2003) e Halbwachs(1990). Lesser discute como a identidade nacional é articulada. Hall defende a posição da identidade moderna híbrida, fragmentada e polifônica. Said aborda a questão do imigrante e exilado. E Halbwachs aponta como a cidade é percebida enquanto espaço simbólico da memória coletiva dos grupos.

Sucintamente as metodologias adotadas para as duas pesquisas dos grupos imigratórios se basearam fundamentalmente em levantamento de dados sobre os sujeitos históricos ou as testemunhas oculares, acesso a rede social da comunidade, e articulação para a realização de entrevistas pontuais.

Obtemos uma parcial dos resultados, na primeira pesquisa sobre imigração judaica o acesso às testemunhas obteve uma infra-estrutura melhor, em consequência esta coleta de depoimentos apresentou-se relativamente favorável. Na segunda pesquisa da imigração árabe a conjunção de alguns fatores levou a um resultado desfavorável, porém ainda prosseguimos na esperança de reverter esta situação. A história oral possibilita um outro olhar para as memórias dos grupos étnicos permitindo compreender a subjetividade a partir das emoções e narrativas.

ALGUMAS MEMÓRIAS DE SÃO PAULO: O OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO AÇORIANA DA VILA CARRÃO NA ZONA LESTE

Elis Regina Ângelo

Este artigo fundamenta-se na busca por vestígios da inserção social, econômica e cultural dos açorianos na Vila Carrão, localizada na Zona Leste da cidade. Com o processo imigratório durante as décadas de 1950 e 1960 um grande contingente de famílias deixou as Ilhas açorianas em busca de trabalho e melhores condições de vida na cidade, num processo de desenvolvimento econômico do Brasil que contribuía para as intenções de deslocamento definitivo de Portugal. Ao pensar na construção do bairro, as memórias açorianas possuem relevância no que tange à multiplicidade de faces e países que contribuíram para que os bairros fossem organizados espacial e culturalmente, deixando vestígios e marcas que expressam-se por meio de tradições, gostos, identidades e afinidades. As fontes de pesquisa foram para isso esquematizadas a partir dos depoimentos orais dos açorianos que vieram no período em questão e que atualmente reforçam suas tradições por meio da Casa dos Açores de São Paulo, na qual desenvolvem diversas atividades abertas ao público em geral. Frente aos depoimentos algumas ponderações se apresentam como forma de elegê-los como co-participantes das memórias da cidade e ao mesmo tempo como protagonistas de sua história, deixando registros e marcas que se expressam em seu cotidiano e em suas festividades, dando visibilidade aos Açores, rememorando seus costumes, hábitos, religiosidade e sabores. Dos desencadeamentos da pesquisa há fatores intrinsecamente ligados à construção identitária das festas religiosas, da organização social do grupo e das formas de sociabilidade que se formou no bairro, garantindo com isso uma forma de manter os elos com o passado e continuar a manter viva a cultura açoriana, também presente e ativa na cidade.

A MEMÓRIA E O FAZER DE UMA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fo.

Procuo identificar aqui as possíveis simetrias entre a obra de Beatriz Sarlo *Tempo Passado. Cultura da memória e guinada subjetiva* e a de outros autores que se debruçaram sobre questões ligadas à memória, subjetividade e relações entre memória e história, como Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Henri Bergson. Em seu *Tempo Passado*, obra de fina carpintaria, Beatriz Sarlo (1942 -) comenta sobre o debate epistemológico entre a História e a memória, comentando, dentre outras coisas, que as duas categorias se utilizariam do passado de modo concorrente, e sobre a desconfiança em relação à memória como fonte para a História, o que também é sugerido por historiadores como Robert Frank.

Questões como a valorização da História Oral de Vida, a partir da grande massa de testemunhos vivos e proteiformes que se fazem disponíveis, o ressurgimento de uma cultura da memória e a associação entre memória e história parecem ser fundamentais para o entendimento de fenômenos e acontecimentos contemporâneos, e a História do Tempo Presente, como campo historiográfico, ao se valer da identificação destas relações, pode trazer maior grade de análise e inteligibilidade a estes.

A MEMÓRIA FERROVIÁRIA NO BAIRRO BARRANCA - ARARANGUÁ-SC

Daniel Alves Bronstrup

Após a retirada dos trilhos do bairro Barranca (em Araranguás-SC), permaneceram no espaço central do bairro os resquícios de uma época que havia terminado. A estação ferroviária que foi a propulsora do bairro, se viu por muito tempo esquecida. Junto com a estação que teve seu fim na década de oitenta do século XX, as outras edificações foram se perdendo com o tempo.

Isto não quer dizer que o bairro não tenha memória, mas que seus suportes foram renegados e apagados como se quisessem esconder as marcas do atraso. Sendo isso uma tendência da vida em sociedade, Maurice Halbwachs nos diz que “cada local recebe a marca do grupo em que nele vive/viveu”. Na Barranca, as marcas deixadas pelo grupo que vivenciou a atividade ferroviária no bairro foram quase que extintas pela geração de moradores posterior ao trem, e que tiveram pouco contato com a estação. Atualmente, estes habitantes estão deixando suas marcas sobre os vestígios dos antigos, alguns exemplos é a Igreja Católica que foi construída justamente no local da estação, e um antigo depósito de farinha, que depois de demolido, teve seu terreno transformado em uma quadra de futebol.

De acordo com Paul Thompson em *A voz do passado*, “para os políticos o passado é uma fonte de símbolo em que se apóiam: vitórias imperiais, mártires, valores vitorianos (...)”. Thompson continua se referindo a influência dos governantes na história ao dizer que “a própria estrutura de poder funcionava como um grande gravador, que modelava o passado a sua própria imagem”. Ou seja, a história contada pelo Estado é modelada de forma que venha a engrandecer os feitos políticos e ganhar legitimidade e sustentabilidade do poder. Segundo Peter Burke, a Nova História Cultural começa a se interessar por toda atividade humana, assim, temas como o cotidiano, a infância e movimentos populares e femininos passaram a ganhar maior ênfase nas pesquisas históricas. A memória também passou a ser valorizada, pois poucos documentos escritos fazem parte desses universos.

No Bairro Barranca, o relacionamento dos moradores, poder público e edificações históricas foi deplorável. Após o fim da atividade ferroviária, percebe-se que os moradores queriam dar ao bairro uma nova remodelação. Entretanto, nota-se que as edificações históricas que fizeram parte do conjunto construído pela ferrovia não constaram em nenhum plano de conservação. Nem por parte do poder público e nem dos moradores do bairro. As edificações que serviram de cenário para aquelas histórias na Barranca seriam tão importantes quanto à memória dos moradores. No entanto, como isto não é mais possível, a entrevista dos moradores do bairro torna-se um importante “referencial de reflexão histórica” de um período que não volta mais, de um bairro que não existe mais.

A ORALIDADE COMO FRENTE DE RESISTÊNCIA AO HEGEMÔNICO NO CONTEXTO DAS CULTURAS POPULARES SUBALTERNAS

Fabiana Nogueira Chaves

O presente artigo analisa as relações entre a oralidade e as formas de resistência das culturas populares subalternas, bem como as formas de reificação as quais está exposta e os motivos pelo quais este fenômeno acontece, para que, através disto, se torne mais palpável um esclarecimento sobre esta temática, a fim de produzir novas formas de conhecimento que possibilitem a criação de meios para a transformação desta realidade, e que contribua para a preservação das identidades culturais das pequenas comunidades.

Considerar a oralidade como um *locus* de resistência é também enxergá-la como lugar de constantes conflitos. É enxergá-la sempre como uma portadora de conteúdos que são alvos sucessivos de tentativas de expurgação pela lógica de consumo, seja através da deformação ou deslocamento de sua essência ou mesmo através do descarte. Lógica esta que, paulatinamente, tenta embutir dentro das próprias culturas orais, a negação de sua identidade, relegando-a a inutilidade. Torna-se possível, a partir destes pressupostos, entender um fenômeno relativamente novo no universo das culturas populares subalternas, que é a criação de um sistema de autodesvalorização cultural em muitas comunidades.

Muitas vezes as formas de englobamento da oralidade pelo puramente mercadológico se dão através de uma tecnologização da palavra. Procura-se entender a valorização constante da escrita em detrimento da palavra falada como uma forma impositiva às pequenas comunidades, dada pela indústria do turismo em parceria com a mídia, que ao estabelecer um sistema de referências erudito desvaloriza o que não lhe é próprio. Com a exclusão da tradição oral passa-se a excluir da história não somente o componente subjetivo, mas também uma reflexão sobre o mundo popular como ator indispensável em sua construção.

Para se entender os diferentes âmbitos em que a história oral se insere no campo de oposição ao dominante, este artigo perpassará, *a priori*, através da teoria cultural marxista, pela análise teórica do conflito entre subalterno e hegemônico, considerando-o como fundamental para o entendimento de todos os tipos de produções e relações sociais.

A presente discussão abordará também o atual contexto histórico sob o viés da teoria da sociedade de massas, considerando as culturas populares subalternas e suas manifestações dentro da cultura oral como novos produtos (deformados e des-significados), ou não-produtos (portanto inúteis a lógica de consumo e descartáveis) para indústria cultural do turismo.

Dentro destas discussões e do destaque de conceitos como o de comunidade, identidade e memória coletiva, se tornará mais referenciado o debate sobre a relação entre história oral, consumo padronizado e mídia. Pretende-se concatenar neste artigo as diferentes formas como a cultura oral pode ser entendida, significada, des-significada, ou mesmo descartada.

A QUESTÃO DO TRÂNSITO DE PROFESSORES NA CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” (UNESP)

Luciana Schreiner de Oliveira Zanardi

Esta é uma pesquisa de doutorado em andamento sobre o trânsito de professores na criação da UNESP. Em 1975 foi realizada uma reforma administrativa na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo onde foi definida a transformação dos Institutos Isolados existentes no interior do estado em uma universidade *policampi*, a UNESP.

Como os Institutos Isolados foram criados sem nenhum planejamento prévio, a criação da UNESP, que se deu em 1976, se deparou com vários obstáculos, sendo um dos principais a transferência de curso entre os *campi*, isto é, departamentos inteiros removidos de um *campus* e instalados em outro. Os tipos de ações empregadas pelos políticos para a organização inicial da UNESP, isto é, a remoção de professores que foram transferidos e, portanto obrigados a mudarem de cidade e reorganizar completamente suas vidas e de seus familiares tende a ser um poderoso provocador de ressentimentos por parte dos indivíduos inferiorizados (professores transferidos), que pertencem a um grupo que se sente injustiçado e que não tem o poder, ao menos no momento, de reagir contra o grupo hierarquicamente dominante (Estado).

A partir da narrativa e da memória oral dos atores sociais envolvidos nesse trânsito e de possíveis documentos oficiais ou não governamentais buscaremos atribuir significado e compreensão das tramas constitutivas dos ressentimentos causados nas transferências dos professores e chefes de departamento na época da criação da UNESP, dando prioridade para o estudo de transferências em departamentos de Matemática. Utilizaremos como metodologia de pesquisa a História Oral.

Somente essa tomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo indefinidamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.

AS INTERVENÇÕES NA VÁRZEA DO CARMO E OS PROJETOS PARA CIDADE (1872-2009)

Vanessa Costa Ribeiro

A presente comunicação trata das intervenções urbanísticas realizadas na Várzea do Carmo, porção da Várzea do Rio Tamanduaté localizada entre o núcleo urbano antigo da cidade de São Paulo e o povoado do Brás, atualmente denominada Parque Dom Pedro II, em três momentos em que se elaboraram importantes projetos urbanísticos para cidade, a saber: na virada do século XIX para o século XX, meados do século XX e início do século XXI.

Investigam-se as especificidades das narrativas produzidas por cronistas, pelos editores dos principais jornais da capital, pelos representantes do aparelho do Estado e pelos fotógrafos (B. J. Duarte e Aurélio Becherini) e de que maneira as idéias nelas contidas repercutem nos principais planos e projetos urbanísticos idealizados para capital que possuem intervenções diretas e/ou indiretas sobre essa região.

Exploram-se por meio das fontes as diferentes formas de narrar a Várzea do Carmo- visualmente e textualmente. Estuda-se de que maneira a condição dos produtores de discursos (estrangeiros, moradores, políticos, funcionários públicos e fotógrafos) influencia nas diversas conotações das narrativas e imagens construídas.

Acredita-se que a compreensão dos projetos urbanísticos propostos para esta área é indissociável do estudo das imagens criadas sobre a Várzea. Estas imagens não se construíram somente a partir de documentos visuais propriamente ditos, dos quais são exemplos as fotografias, mas também a partir de narrativas de viajantes, discursos de políticos e representantes do aparelho estatal, notícias de jornais etc.

O estudo das diferentes imagens construídas sobre a região da Várzea do Carmo objetivado por esta comunicação é uma importante contribuição para a discussão e a elaboração de projetos para as áreas centrais da cidade de São Paulo, vista a candência do tema nas atuais propostas de requalificação do centro da cidade e preservação do patrimônio cultural urbano.

Esta comunicação faz parte de projeto de mestrado, desenvolvido no departamento de História da Universidade de São Paulo, no qual se estuda a construção de diferentes imagens sobre a Várzea do Carmo no período de 1860 a 1950 e de que maneira as intervenções urbanísticas realizadas nesta região nos ajudam a compreender os planos e projetos desenvolvidos para a cidade de São Paulo.

AS VOZES DOS AGENTES OCULTADOS: OS TRABALHADORES DE SÃO MIGUEL PAULISTA EM 1950

Ricardo Correia Marcondes

O bairro de São Miguel Paulista, localizado na Zona Leste da capital paulistana, na década de 1950, ficou conhecido por “Bahia Nova”, isso devido as fortes ondas migratórias que começaram a surgir já no final de 1930 com a utilização da propaganda getulista apoiado pelos empresários José Ermírio de Moraes e Horácio Láfer para que novos trabalhadores viessem até a fábrica Nitro Química Brasileira. Com isso, o conflito cultural foi imediato entre os patrões e os migrantes que vieram com a força da sobrevivência em conseguir o “progresso” rápido por estarem em um território moderno, próspero de liberdade e de esperanças, mas a realidade iria mostrar-lhes outros caminhos.

A geografia local começou a mudar drasticamente com a chegada rápida desses novos moradores, muitos deles vieram trazidos por transportes da própria fábrica, ou mesmo através dos paus-de-arara e dos trens ligados a Central do Brasil. Toda a propaganda sobre a casa própria e o trabalho seguro tornaram-se frustrantes com a vivência da realidade contrária as palavras sutilmente passadas à massa. Várias casas em um mesmo terreno começaram a ser erguidas, com os famosos “puxadinhos” suburbanos, que faziam de um mesmo espaço o ambiente de sobrevivência de toda uma família. Novas regras e costumes começaram a fazer parte da vivência dessas pessoas com uma nova situação de vida que objetivava simplesmente a sobrevivência em conjunto, por isso, uma das armas políticas de manutenção do poder fabril estava no assistencialismo social em conduzir o lazer, a educação e a alimentação, abraçando-lhes como uma verdadeira “Família Nitrina”, termo construído na época e passado aos operários através da mídia impressa gratuita conhecida por *Nitro Jornal*.

O texto tem como objetivo analisar a contradição cultural desses migrantes, que em sua grande maioria vieram do Nordeste, encontraram com suas famílias ao entrar no Estado de São Paulo em busca de melhores condições de vida, por isso muitos deles vieram seduzidos pela propaganda de crescimento rápido passada pela rádio, pela imagem getulista e pelo sonho de uma vida melhor. A análise busca centrar-se principalmente na propaganda institucional criada pelos diretores da fábrica com o intuito de “acomodar” seus novos trabalhadores, de “ensinar” adequadamente como manusear as máquinas e, por fim, em “adequá-los” culturalmente em um ambiente homogêneo administrado pelos poderes dos diretores da instituição unidos com a Igreja e os comerciantes do local na condução do cotidiano contra manifestações do período, como as greves.

Para tentar sentir melhor essa realidade foi utilizado um meio sensível como fonte para conseguir penetrar nos detalhes do cotidiano e dessa luta cultural: a oralidade. Entrevistas foram realizadas com a missão de não apenas descrever novos detalhes, mas sim, entrar no passado e buscar entender a situação pela raiz de sua vivência coletiva e dar voz àqueles ocultados pelo poder.

BALANCE DE LOS ESTÚDIOS SOBRE LA MEMÓRIA EN COLOMBIA

Sandra Patricia Arenas Grisales

En los últimos años el tema de la memoria en Colombia ha cobrado importancia. Y aunque en este país no hubo dictaduras como las que se presentaron en Brasil, Argentina o Chile, e incluso puede hablarse de cierta estabilidad institucional derivada del hecho de que las autoridades públicas son elegidas a través de elecciones; no se han presentado golpes de Estado y podría afirmarse que en cierta forma ha prevalecido la independencia del poder judicial, aún así desde la década de los sesenta se presenta una guerra irregular que involucra al Estado, las guerrillas y los grupos paramilitares. Como consecuencia de lo anterior, en las últimas dos décadas persiste una grave crisis humanitaria. En reacción a esta situación son muchas las voces que desde la academia y las ONG's han llamado la atención sobre la urgencia de defender los derechos humanos y la necesidad de comprender las razones de nuestra guerra, sus causas y la complejidad de sus lógicas. Afirman que si bien en el país se ha presentado un acelerado desarrollo material, al mismo tiempo las relaciones sociales, las costumbres políticas y las modalidades de ejercicio del poder han permanecido, en esencia, iguales desde el siglo pasado. Incluso plantean la idea de una política sistemática del olvido, dando relevancia a fechas o acontecimientos declarados por la oficialidad como eventos históricos importantes. Frente a estas “técnicas del olvido”, como las llaman los académicos, proponen que la memoria debe plantearse, en consecuencia, como una dimensión cultural y social necesaria para superar el estado actual de conflicto e comprender nuestra realidad.

En comparación con los casos del Cono Sur, el tema de la memoria en Colombia está cruzado por ciertas particularidades. En primer lugar, la movilidad y fluidez de los actores armados hace que las víctimas desconfíen de aquellos que en un momento dado dicen ser sus protectores, incluidas las fuerzas del Estado. La dificultad para rearmar los tejidos sociales, los lazos de confianza desechos por la guerra dificultan la configuración del relato, de la memoria colectiva. En segundo lugar se presentan memorias rivales o mosaicos de memorias que no logran configurar una memoria colectiva común y que por el contrario se presentan como relatos en disputa, que llevan a privilegiar el olvido como manera de sobreponerse a esas dificultades. Por ello en lugar de tribunales de esclarecimiento y juzgamiento de crímenes, mecanismos institucionales de reparación a las víctimas, proceso de verdad y justicia, nos insertamos, como sociedad, en procesos de amnistía y reinserciones sociales artificiosas y temporales, pues no involucran a la sociedad en su conjunto y no llevan a condiciones de reconciliación sincera de la sociedad.

La ponencia se propone hacer un balance de los estudios sobre la memoria en Colombia, sus perspectivas de análisis, los marcos teóricos en los que se inscriben, para luego hacer una breve comparación con las investigaciones realizadas en el Cono Sur.

BIBLIOTECA DE ITAQUERA:

UM EXERCÍCIO DE LEITURA DAS RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE, PATRIMÔNIO E PROJETO

Lara Melo Souza

Esta comunicação tem como objetivo apresentar o trabalho levado a cabo no ano de 2008 no Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) para o desenvolvimento do projeto para a Biblioteca de Itaquera, equipamento da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Para este trabalho foram desenvolvidos estudos históricos pela Seção de Levantamento e Pesquisa do DPH que foram de extrema importância para a identificação e análise das possibilidades de ocupação de três casas remanescentes das primeiras ocupações do bairro, remontando o início do século XX. O projeto para a nova biblioteca foi desenvolvido pela Seção de Projetos, Restauro e Conservação do DPH, conjuntamente com o Departamento de Edificações da Secretaria de Obras, num diálogo constante entre a projeção para o futuro e a conexão com as raízes e a valorização da história urbana.

O bairro de Itaquera, localizado na zona leste da cidade de São Paulo, faz parte da história da ocupação da porção da cidade a caminho do oriente, com a ferrovia. Itaquera, no período de construção das casas, se beneficiava da facilidade de acesso proporcionada pela estação de trem Itaquera, da Estrada de Ferro Central do Brasil. A região se caracterizava pela volumosa extração de granito de duas pedreiras existentes no local, por possuir terrenos destinados à pequena produção agrícola e à moradia de operários que trabalhavam nas áreas centrais da cidade, além da presença de chácaras de recreio destinadas ao lazer em finais de semana.

A implantação da biblioteca em Itaquera faz parte de uma política de descentralização de equipamentos e investimentos da Secretaria de Cultura. O bairro de Itaquera possuía apenas uma biblioteca pública que funcionava de forma precária, em cima de uma padaria, cujo movimento e empréstimos superava qualquer expectativa contrária. Com uma conjuntura favorável, decidiu-se por investir numa nova estrutura para receber a biblioteca como forma de reconhecimento e estímulo à atividade do bairro. A intenção também era de utilizar este espaço com um lugar de referência, criando um novo vínculo da população com a atividade do bairro, através do reconhecimento e valorização de sua própria história.

Serão apresentados os aportes que condicionaram o projeto, os levantamentos históricos, remontando as origens das casas, a história de sua ocupação, a implantação do projeto no centro do bairro e a relação que estabelece com os vínculos da memória urbana do bairro e os motivos que levaram a escolha de um partido arquitetônico sensível ao objeto e à cidade. As três casas da quadra entre as ruas Gregório Ramalho, Inácio Alves de Matos, Américo Salvador Novelli e Ken Sugaya serão mantidas, retirando anexos e acréscimos espúrios e deformantes da percepção da configuração deste conjunto, ocupado por muito tempo pela Subprefeitura de Itaquera. Procura-se, desta maneira, não somente remontar a história passada, mas, e, principalmente, entender a atividade presente e criar meios de um futuro com memória e educação.

CAMINHANTES DA CIDADE: HOMENS E MULHERES “POPULARES” DAS RUAS DE POUSO ALEGRE – MG

Alessandra Mara Rosa Mello; Andrea Silva Domingues

A pesquisa tem como intuito refletir as práticas culturais de homens e mulheres, que se tornaram populares nas ruas da cidade, bem como a sua influência na sociedade pouso alegre. Conhecer mais sobre esses sujeitos da História que muitas vezes se encontram esquecidos no presente de uma cidade em pleno desenvolvimento.

São personagens que circulam as ruas da cidade, entrando em contato com toda a sociedade e sendo conhecidos por todos, com costumes e práticas culturais que permanecem nas lembranças individuais e sociais, compondo uma parte da história pouso alegre seja em versos, prosas ou histórias lembradas e contadas, assim a pesquisa busca conhecer essas personagens trazendo a tona à memória dessas pessoas.

O objetivo geral é refletir as muitas memórias e histórias que cercam o cotidiano desses agentes históricos considerados populares que se fazem presente na história do município, analisando suas trajetórias de vida, costumes, relações culturais e sociais.

Adotamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, documentos oficiais do município, mas principalmente a prática da história oral, através de entrevistas de trajetórias de vida, diálogos soltos, que são construídos juntamente com os nossos depoentes, preocupados sempre em considerá-los não apenas como fontes históricas, mas agentes sociais que compõem a construção de identidade, cultura, que está em constante movimento, nas relações estabelecidas. Cabe ressaltar que se visa procurar os descendentes mais próximos dessas personagens considerados populares a fim de solicitar a autorização da história de vida destes. Caso não sejam encontrados, buscaremos os representantes oficiais públicos. Realizar-se-á uma procura cautelosa nos cartórios em busca das respectivas certidões de nascimento, de óbito e nas igrejas na busca das certidões de batismo. E ainda, procuraremos nos cemitérios o local dos respectivos sepultamentos.

A realização da pesquisa possibilita a reflexão sobre as muitas memórias e histórias que cercam o cotidiano desses agentes históricos, considerados populares, “loucos”, porém presentes na história do município, analisando suas trajetórias de vida, costumes, relações culturais e sociais dentro da cidade e seus diferentes espaços nos levam a uma discussão constante sobre o significado da história oral como método de pesquisa e análise na história social.

CIDADÃOS DO MUNDO: IDENTIDADES DE IMIGRANTES NO ABC

Raquel Nantes Tavares

O vídeo “Cidadãos do mundo: identidades de imigrantes no ABC”, é resultado de pesquisa de iniciação científica realizada no Memórias do ABC – Núcleo de Pesquisas e Laboratório de Produções Midiáticas – da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). A metodologia de história oral de vida foi usada nas entrevistas realizadas com 15 senhores e senhoras, imigrantes de diversas nacionalidades, moradores do ABC (Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul). Tendo como objetivo destacar e analisar as metáforas – aqui consideradas como uma operação cognitiva fundamental na apreensão e compreensão do mundo objetivo, segundo o conceito de Lakoff e Johnson (2002) –, que afloraram nas narrativas dos imigrantes acerca de suas identidades, a pesquisa constatou o uso da metáfora do desenraizamento (IMIGRANTE É SEM RAIZ), fruto das identidades fragmentadas, ratificada pelo uso de expressões negativas ao se referirem às suas identidades. Nos discursos sobre o país de acolhida, os relatos dos depoentes mostraram uma identificação com a nova terra, apesar do orgulho da terra de origem permanecer, o que atesta a ambivalência identitária. Segundo Hall (1999), os imigrantes traduzem sua identidade, no sentido latino

de “transportar”, “transferir”. Ou seja, os imigrantes habitam, no mínimo, duas identidades e precisam aprender a falar duas línguas culturais, traduzi-las e negociar entre elas. Eles não podem mais ambicionar a pureza de cultura e identidade, porque são produtos de várias histórias e culturas interconectadas. Com o vídeo propõe-se não só o registro das histórias de vida, mas também o tecer memórias e narrativas acerca da imigração no Grande ABC. Traduzir o resultado de pesquisa científica em linguagem áudio-visual é tarefa complexa, já que não lidamos somente com linguagens diversas, mas, e principalmente, com as memórias de outrem e as relíquias relacionadas às suas histórias de vida (fotos, documentos, cartões postais etc). Manteve-se a fidelidade às narrativas, mas sem a pretensão de imparcialidade da pesquisadora e das produtoras (redatoras e editora) do vídeo, visto que desde o momento da seleção das perguntas para as entrevistas até a escolha dos recortes de depoimentos usados no vídeo, houve a intervenção de terceiros nas narrativas. O resultado, então, foi a reconstrução dos acontecimentos acerca do fenômeno da imigração e adaptação às três cidades do ABC e as suas conseqüências no imaginário dos imigrantes que se estabeleceram na região. Assim, devolvemos aos depoentes a sua própria história, agora entrelaçada com a história de outros imigrantes, ao mesmo tempo que registramos as lembranças e impressões daqueles que vivenciaram o fenômeno da imigração do início do século XX, contribuindo para posteriores estudos sobre o tema.

CIDADE, PATRIMÔNIO, MEMÓRIA: ASPECTOS DA REVITALIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO

Israel José de Oliveira

Justificativa: Este trabalho procura relacionar questões como cultura, economia e território na revitalização do Centro Histórico do Rio de Janeiro com a chamada “cultura da memória”, a partir de algumas práticas atuais de apropriação da memória e da ocupação do espaço pelos atores locais da região da Praça XV, Cinelândia, Lapa, Praça Tiradentes e Largo de São Francisco, reunidos nos Polos Praça XV e Novo Rio Antigo, para o desenvolvimento de um trabalho de associativismo empresarial voltado para o repovoamento de zonas abandonadas a partir da melhoria da qualidade dos serviços e produtos oferecidos e realização de programas que visam ao aumento da atratividade de público para as referidas regiões.

Objetivos: O objetivo principal do artigo é problematizar os conceitos de cultura, memória e economia nos processos de revitalização dos centros históricos, tentando demonstrar como a sociedade contemporânea se apropria do espaço-tempo das cidades e como a idéia de revitalização se insere nas tessituras da subjetividade humana como um esforço de resgate e preservação de relicários de um tempo vivido que se oferece como meio de produção de afeto. E ainda, refletir sobre as formas como a idéia de patrimônio cultural e histórico são incorporados no atual sistema produtivo e como isso reflete nas maneiras de apropriação das cidades pelos seus moradores e visitantes.

Marco teórico: Este trabalho toma como marco teórico principal os estudos produzidos por Bergson (2006), e Halbwachs (2006), que conceituam a memória social e estabelece os parâmetros necessários para as investigações posteriores, especialmente Huyssen (2000), que também nos oferece pontos importantes para compreensão do tema, ao relacionar arquitetura, monumento e memória. No que tange aos conceitos de patrimônio trabalhamos com Choay (2001), que traça uma genealogia do tema importantíssima para sua compreensão atual e Jeudy (2005) que estabelece uma crítica aos usos feitos do monumento nas narrativas produzidas pelos diversos atores que produzem o espaço.

Metodologia: O artigo é de cunho ensaístico, com narrativa construída a partir das investigações do autor sobre a temática que é trabalhada em sua pesquisa para tese de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ.

Resultados: Como sugere o título, ofereceremos uma reflexão sobre cidade, patrimônio e memória, demonstrando as atuais apropriações feitas do espaço-tempo, demonstrando sua importância para compreensão dos sentidos da interpelação surgida pela ebulição de urbanidade e da corpografia na contemporaneidade.

CONHECENDO HISTÓRIAS PARA SE AUTO-RECONHECER EM CACONDE: EXPERIÊNCIAS DE UM GRUPO DE PESQUISA

Jussara Marques Oliveira Marrichi

Em meados de 2009 a Diretoria de Cultura do município de Caconde, cidade localizada na região do Vale do Rio Pardo no estado de São Paulo, mostrou-se então insatisfeita com um certo desconhecimento de sua história por parte da população local. Algumas pessoas à frente dessa diretoria reconheceram a urgente necessidade de se pensar em um projeto que fosse capaz de recuperar aspectos históricos desse município a partir da perspectiva do ato de rememorar das pessoas mais velhas desta cidade. Buscava-se entender um outro lado da história urbana de Caconde a partir de memórias individuais, contadas sob o ponto de vista da própria experiência *daquelas que narram a sua experiência vivida*. No entanto, havia também uma outra preocupação: como seria realizado este projeto? De que maneira seria possível conscientizar os descendentes de imigrantes, em sua maioria italiana, a abrirem as portas de suas casas a pessoas estranhas e contarem fragmentos de suas vidas privadas? A preocupação era pertinente, afinal, em 2002 já havíamos passado por situação semelhante. Decidiu-se então por um projeto que seria realizado em duas partes. A primeira seria um curso teórico sobre História Oral aberto aos professores da rede pública e estadual que tivessem interesse em conhecer a metodologia e participar na busca incessante dessas memórias. Já a segunda parte seria a montagem de um laboratório de história oral no município e o início do trabalho propriamente dito. Portanto é neste sentido que o presente artigo se insere. A

proposta é apresentar os caminhos percorridos para a implantação desse laboratório de história oral e os resultados conquistados em um ano de trabalho. Pretende-se também discutir a maneira como a população local acabou se identificando e se reconhecendo neste projeto ao entender a importância de um trabalho voltado para a recuperação da memória local. Trabalhando inicialmente com dois eixos temáticos “A Arte do Café” e “Imigrantes italianos na região do Rio Pardo” o Laboratório de História Oral de Caconde conta atualmente com treze depoimentos orais todos devidamente tratados e já liberados ao público em geral e com seis professoras da rede pública e estadual que se envolvem diariamente para a continuidade do projeto de história oral no município de Caconde/SP.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DE FONTES ORAIS EM ESTUDOS MIGRATÓRIOS: O CASO DOS BRASILEIROS NO SUL DA FLÓRIDA

Valéria Barbosa de Magalhães

Muitos são os estudos de imigração que têm se valido de fontes orais para a reconstrução da trajetória de imigrantes, visando, entre outras coisas, explicar processos complexos que permeiam as decisões, indecisões, motivações e tramas identitárias que perpassam a realidade da mudança de lugar.

Argumenta-se, frequentemente, que a história oral ofereceria duas principais vantagens aos estudos: o desvelar de vozes e versões daqueles que vivenciam a mudança de lugar;

A possibilidade de se conhecer experiências e informações recentes, ainda não registradas em documentos de outra natureza, principalmente se forem considerados os novos fluxos migratórios.

Nos conjuntos dos estudos migratórios, entretanto, duas abordagens metodológicas têm se destacado: uma que privilegia fontes variadas, com certa ênfase nos dados oficiais, e outra que beneficia prioritariamente os elementos trazidos pela memória, valendo-se de fontes orais.

Uma consequência dos diferentes usos das fontes nos estudos de imigração está nos resultados trazidos pelas pesquisas: a primeira vertente tende a enfatizar processos macro-estruturais da imigração (ainda que utilize relatos orais) e, a segunda, elementos centrados na micro-história, privilegiando a subjetividade.

No entanto, faltam oportunidades de encontro entre os dois tipos de opções metodológicas que possam combinar tipos variados de explicações. Nas argumentações sobre a prevalência de um ou de outro tipo, os números e documentos oficiais figurariam como dados frios e que não comportariam reflexões acerca da natureza complexa dos aspectos sociais e culturais das migrações. Os dados subjetivos trariam, sob outra perspectiva, uma reconstrução das memórias dos migrantes, mas deixariam de dar atenção aos fatos objetivos que permeiam o processo.

Contudo, uma dimensão que combine elementos da micro-história – a exemplo das razões subjetivas da imigração – com as questões macro-estruturais – como as diferenças no mercado de trabalho mundial – tem sido prejudicada, senão impossibilitada, devido a essa cisão, especialmente no caso dos estudos sobre Brasileiros nos Estados Unidos.

A presente comunicação pretende, sem esgotar a discussão, apresentar vantagens e desvantagens do uso de diversos tipos de fontes nos estudos migratórios, dando especial atenção ao caso da história oral e propondo a pertinência do entrecruzamento de fontes. Serão levadas em consideração as discussões de minha tese de doutorado denominada “Brasileiros no Sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória”.

No estudo acima, ficou evidente a necessidade do uso das fontes orais. Foram elas que desvelaram as motivações complexas que levam brasileiros ao Sul da Flórida, que descortinaram o percurso da história recente desse movimento migratório e que revelaram as particularidades do caso brasileiro na Flórida em relação a outros lugares nos Estados Unidos. Entretanto, com o auxílio da etnografia e de outras fontes, ampliou-se imensamente a possibilidade de entendimento da riqueza da vivência de nossos conterrâneos no Sul da Flórida.

CONTANDO HISTÓRIAS DE REFUGIADOS E FUNCIONÁRIOS DA HOSPEDARIA DE IMIGRANTES DA ILHA DAS FLORES: O ESPAÇO MEDIANDO A IDENTIDADE

Henrique Mendonça da Silva

A imigração é uma experiência histórica fundamental para a compreensão da formação do Brasil contemporâneo. Em decorrência do crescente contingente imigratório que chegava aos portos brasileiros, nas décadas de 1870 e 1880, o governo imperial organizou um aparato institucional para seu desenvolvimento. Em 1883, a Ilha das Flores, situada no município de São Gonçalo – Estado do Rio de Janeiro. No local passaria a funcionar, no mesmo ano, a primeira hospedaria de imigrantes do Brasil.

O lugar de acolhimento que era a hospedaria vai funcionar por quase um século, recebendo em seus espaços diversas levas de imigrantes europeus. Norteado pelo argumento de um lugar estratégico, alguns ambientes da ilha tornaram-se reversíveis, servindo de espaço prisional em vários momentos da História do país.

O trabalho apresenta o depoimento de 5 refugiados da II Guerra Mundial, que chegaram ao Brasil entre 1951 e 1952, e dois funcionária da Hospedaria, que, durante uma série de entrevistas para um documentário, articulam falas que entrelaçam trajetórias familiares e conflitos políticos, além de apresentar aspectos da estrutura administrativa e do cotidiano dos imigrantes que ali estavam e que são discutidos no texto pelo diálogo entre concepções de memória, espaço e identidade.

As experiências da imigração vividas por homens, mulheres e crianças após a Segunda Guerra Mundial, oferecem a possibilidade de olhar o horizonte sob as expectativas dessas pessoas. O texto aborda as memórias acessadas nas entrevistas com imigrantes e funcionários que passaram pela hospedaria percorrendo o espaço, considerando-o um local de memória para estes dois grupos tão distintos em suas configurações culturais, sociais e geográficas.

Na Ilha existem duas memórias, a da instituição, da hospedaria ligada aos órgãos de governo, e a dos imigrantes, uma memória dividida, usando o termo de Portelli, 2001. No caso da Ilha, os conflitos memoriais são amenizados, ambas são memórias autênticas dos grupos que ocuparam o espaço, cada uma articulada pelas suas histórias particulares, e entram no corpo da narrativa mediadas pelo tempo. São memórias que não deixam de ser múltiplas e fragmentadas, divididas em seus narradores. Cada um dos grupos de entrevistados merece ser percebido e investigado no contexto de suas falas, suas estruturas, seus significados de construção atribuídos nas narrativas à experiência ligada à imigração. O fundamento teórico empregado no texto é mediado pela relação entre identidade e espaço. Para Hall, todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico: O lugar é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: “o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (Hall 2006).

A Ilha assume no imaginário dos ligados ou afetados por ela um corpo identitário, acionado nas entrevistas, estruturado em formas palpáveis (sítios e registros imagéticos) e abstratas (menos detectáveis, acessadas, no entanto, pelos caminhos individuais da memória). Tais depoimentos colhidos ao longo do ano de 2009, baseiam-se na metodologia da história oral – História de vidas. Tem por resultados pretendidos a elaboração de um banco de entrevista sobre a hospedaria e produção de material pedagógico.

CONVERSANDO COM PROFESSORES DE MATEMÁTICA: TEMPOS, TEXTOS E CONTEXTOS

Gilda Lúcia Delgado de Souza

Esta pesquisa teve por objetivo rememorar a gênese dos movimentos da Educação Matemática no Estado de São Paulo, notadamente na cidade de Santos, nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Para tanto, buscamos registrar através de entrevistas - que foram textualizadas, conforme indicam os parâmetros metodológicos nos trabalhos que optam pela História Oral - a atuação de um grupo de professores de Matemática vinculados à rede oficial de ensino, nas referidas décadas. Para sistematizarmos a trajetória de nossa investigação, optamos por apresentá-la subdividida em tópicos. Inicialmente apresentamos um levantamento teórico-bibliográfico sobre o Cotidiano, a Memória e a História, reservando um espaço privilegiado à História Oral. A escolha do referencial teórico permitiu elaborar conexões entre a memória de fatos, decisões, juízos, preconceitos, analogias, imitações e significados do sentido histórico daquilo que permanece e daquilo que se altera nas práticas da cotidianidade docente dos professores de Matemática.

Em um segundo momento, destacamos nossos procedimentos metodológicos e, nesse sentido, retomamos alguns aspectos levantados quando tratamos do tema “História Oral”. Na sequência, referenciamos um grupo de professores junto à Baixada Santista, vinculados à rede particular e pública de ensino, nas referidas décadas, utilizamos de entrevistas que foram textualizadas, conforme indicam os parâmetros metodológicos nos trabalhos que optam pela História Oral, destacando como a vida cotidiana articula-se com a memória e a história, ao que segue uma discussão, sistematização e análise do que desses depoimentos pudemos vislumbrar a cerca da História da Educação Matemática, nas décadas por nós focadas.

Nos depoimentos obtidos é enfatizado o despreparo que tiveram para ministrar aulas, uma vez que saíam habilitados da Faculdade sem nunca ter entrado em uma sala de aula, tanto de ginásio como colégio o que corresponde, atualmente, ao ensino fundamental e ensino médio.

Observamos que os professores entrevistados foram elementos de destaque de uma Educação Matemática que se pautava pela excelência de conteúdos, tanto que, para eles, o conteúdo constituía-se em eixo norteador da prática educativa. Ao concluir o curso universitário, atuaram em escolas onde predominava o ensino tradicional; onde a figura do professor constituía-se no centro do processo aprendizagem e, portanto, reforçava a necessidade do domínio dos conteúdos fundamentais que deviam ser transmitidos e assimilados por seus alunos.

DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS NO BRASIL: O RESGATE DA HISTÓRIA ATRAVÉS DAS VOZES

Michelle Aline Barreto

A dança esportiva em cadeira de rodas, surgiu no Brasil no ano de 2001, com a realização do I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas na Universidade Estadual de Campinas. Por intermédio de pesquisadores dessa instituição reuniu-se diversos grupos de pessoas com deficiência de todo país com intuito de se apresentar uma nova modalidade esportiva. Desde então, a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, instituída no mesmo momento, organiza anualmente o Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas (CBDCR, 2010). Embora se trate de uma história do tempo presente há a necessidade de se escrever a história desta modalidade, uma vez que está é registrada em diversos países e em cada local se constituiu de forma diferente. A partir dessa necessidade, o objetivo da pesquisa foi mostrar a história da formação da dança esportiva em cadeira de rodas a partir da memória de atletas que participam da modalidade de 2002.

A dança em cadeira de rodas é entendida como uma prática motora de variados estilos de dança sobre a cadeira de rodas proporcionando assim a inclusão de um maior número de pessoas no universo da dança (FERREIRA, 2008). Na modalidade competitiva os casais são formados por um andante e por outro que tenha a necessidade da cadeira de rodas para dançar devido a uma deficiência física (FERREIRA, 2007). Considerando esse grupo minoritário a metodologia da História Oral serviu como base para se conhecer a base de constituição da modalidade e que possivelmente os mantêm os atletas até hoje como competidores (SIMSON, 1991). Os entrevistados foram seis atletas que são membros da confederação e participam de campeonatos.

Podemos verificar nas falas dos depoentes cadeirantes que eles não tinha experiência com dança as já praticavam outro esporte sobre rodas e esse pode ter sido um fato facilitador para que os mesmos engrenassem na dança.

“E daí eu aceitei, esse convite, nós começamos a ensaiar. Lembro que era muito difícil pra mim, o próprio corpo era muito travado devido ao basquete, que um esporte muito bruto, um esporte de muita força”.

“Ai eu comecei a praticar o basquete. Comecei a praticar o basquete, junto com basquete veio atletismo, tênis de quadra, essas coisas... e aí eu comecei a viajar pra competição”.

Já os andantes partem de outros universos e acabaram por se engajar na modalidade por motivos diversos:

“Eu comecei nessa história da dança em 2001, 2000 mais ou menos, quando eu namorava com o Cabral, ele participava de esportes em cadeira de rodas, basquete, aí viajava. Eu comecei a viajar com ele, acompanhando ele”.

“Eu comecei na dança... Primeiro contato que eu tive com a dança, foi com a dança de salão, foi por volta dos 16 anos, hoje eu tô com 33.”

Embora muitos atletas tenham passado por essa modalidade o corpo da confederação se mantém em torno desses atletas que estão presentes desde o início do esporte no país, os mesmos lutam e esforçam para que modalidade crie raízes e se propague.

DIGERINDO TRAUMAS: ANÁLISE DE NARRATIVAS ORAIS RELACIONADAS A CRIMES DE GUERRA DO TRIBUNAL DE NUREMBERG (1945-46)

Ana Maria Dietrich

Nessa comunicação, pretende-se analisar narrativas orais de ex-líderes nazistas que foram acusados de crimes de guerra e foram julgados pelo Tribunal de Nuremberg. A barbárie dos atos anti-semitas do regime nazista que culminou no extermínio em massa trouxe a necessidade da busca e punição de culpados, que foi mais concretamente efetuada com a criação dos tribunais internacionais, como o Tribunal de Nuremberg (1945-1946). Fez-se necessário punir e extirpar a humanidade do *mal* do nazismo para que as sociedades pudessem voltar à normalidade anterior e crescessem economicamente sob a égide do capitalismo e neoliberalismo. Entre os objetivos dessa pesquisa, está a análise de elementos do discurso que foram utilizados pelos réus – deliberadamente – para compor a retórica de sua inocência visando entender a máquina de terror nazista do ponto de vista do estabelecido como “algoz”. Tais narrativas – compiladas pelo psiquiatra dos prisioneiros Leon Goldensohn – trazem aspectos para a análise de uma memória coletiva, essa subentendida a partir do conceito de Maurice Halbwachs, levando-se em conta as circunstâncias particulares que elas foram elaboradas – um Tribunal montado pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial no imediato pós-guerra. Tais circunstâncias facilitaram uma espécie de dicotomia nas narrativas que se polarizavam ora entre vítimas e algozes, ora entre culpados e inocentes. Nesse sentido, ressalta-se que as narrativas orais foram elaboradas dentro de um contexto simbólico/cognitivo específico e são pontuadas subjetivamente por tais categorizações no discurso. Por fim, problematizaremos a própria existência desse tribunal – questionando se suas ações imediatistas procuraram mostrar que o mundo se encontrava por fim desnazificado, embora não tivessem sido feitas discussões profundas no seio das sociedades européias e americanas sobre o processo de redemocratização.

DOCUMENTÁRIO DE ANIMAÇÃO? TENDÊNCIAS CRIATIVAS DA ENTREVISTA E O CASO DO CURTA-METRAGEM “DOSSIÊ RE BORDOSA”

Priscila de Almeida Xavier

A questão da linha tênue que divide os campos do documentário e da ficção se coloca quando nos dispomos a analisar este premiado curta-metragem do cineasta César Cabral. A justificativa em apresentar um documentário de animação em um simpósio de História Oral se faz pelo fato de que o filme nos abre também para as possíveis comparações em torno do tema da verdade e da representação, que é tema tanto da entrevista audiovisual quanto da História Oral.

Sem prejuízo de análise e mesmo trazendo contribuições e diálogos de ambas as áreas, a pretensa comparação a partir de um filme torna o debate o uso de novas fontes e mídias para o estudo da História Oral.

A questão da entrevista tornou-se quase que uma premissa narrativa no documentário contemporâneo. Nesse contexto, muitos cineastas a trabalham de forma criativa, até mesmo a contestando ou mesmo subvertendo sua fórmula.

O cineasta aqui citado trabalha de maneira inusitada e criativa a entrevista no curta-metragem “Dossiê Re Bordosa” (Br, 2008), que pode ser considerado um documentário de animação, com esquemas da ficção policial. Influenciado por diversos elementos narrativos importantes na história do cinema, o mote da história é investigar o assassinato da famosa personagem fictícia das “tirinhas” brasileiras (que dá título ao filme) no final dos anos 1980 – em seu auge de popularidade – por seu criador: o cartunista Angeli. Com um tom investigativo, o filme colhe depoimentos (tal qual o gênero policial assim define a entrevista) de

personagens reais, que são substituídos na tela por bonecos de massinha filmados com a técnica de *stop motion*.

Partindo deste ponto, problematizamos os usos da entrevista no documentário contemporâneo, percebendo de que forma a linguagem artística e a historiográfica podem dialogar, sem que isso interfira no rigor metodológico do trabalho do historiador e mesmo do cineasta.

DOCUMENTÁRIO PARTICIPATIVO: FRAGMENTOS DE VIDAS E MEMÓRIAS

Irislane Mendes

Por englobar uma diversidade de filmes com métodos, estilos e técnicas diferentes, pensar em documentário é pensar, muitas vezes, em fragmentos. Fragmentos de experiências passadas em que presente e passado se apresentam a um só tempo, através da oralidade. Dependente de memórias coletivas e individuais, recuperadas por estímulos externos, é através da força da subjetividade da linguagem e da forma geral de comunicação que o diálogo e as conversas corriqueiras, ordinárias, se apresentam como prazer em si mesmos. E o que se pode apreender do sujeito é somente o que está inscrito no seu discurso, que visa ligar diretamente o ouvinte ao locutor. A enunciação, conceito desenvolvido por Greimas, vista como instância de mediação, se faz no momento em que se estabelece a pessoa que fala no momento da fala, compreendendo três categorias: eu – aqui – agora (pessoa – espaço – tempo). Aproximando-se destas três categorias, a ideia do documentário participativo – conceito estudado por Bill Nichols e Fernão Pessoa Ramos, fortemente influenciado pelo cinema-verdade (*cinéma-verité*), com a presença constante da oralidade, do cineasta em cena e da documentação do momento da ação mediada – apresenta situações relacionadas no tempo e no espaço em virtude de ligações reais em que, muitas vezes, há a incorporação da memória narrativa popular a um imaginário urbano. Estão em jogo interpretações da verdade, sentimentos, diferentes visões e, não o saber objetivo, positivo, fechado em si. Não é a filmagem da verdade e, sim, a verdade da filmagem; do encontro que permite a interação e a apreensão de uma realidade que não está em si, mas uma realidade à qual damos forma. Revelações, mesmo que não possam parecer à primeira vista, podem ser descobertas como a própria alteridade. E é enquanto personagem social construído que, ao mesmo tempo, apresenta-se em processo de construção, ao ser convidado a falar, que o entrevistado/enunciador se relacionará com o cineasta via encontro com a alternância do *eu* e do *outro*. Volto-me aos conceitos propostos por Sergei Moscovici quanto ao encontro como o lugar do reconhecimento, da comunicação com o outro. E será Eduardo Coutinho, documentarista brasileiro com forte representação neste subgênero, que fará uso da conversa, do encontro, da interação e da transformação do outro diante da câmera como aposta para a criação de um cinema de palavras que nasce num lugar entre ele e o outro.

DONA ROSA RINALDI: HISTÓRIA ORAL SOBRE O PARTO

Nathalie Leister, Maria Luiza Gonzalez Riesco

Este trabalho vincula-se ao projeto “Lembranças do Nascimento: o atendimento ao parto em de São Paulo (1930-1980)”, que visa produzir e disponibilizar fontes relativas a parteiras, obstetrias e enfermeiras obstétricas e reunir depoimentos de mulheres sobre a vivência da assistência ao parto. Poucos estudos mostram a opinião e a experiência de mulheres sobre a assistência ao parto, ao longo da história. Por sua vez, esses depoimentos são importantes para compreender as transformações na assistência ao parto em seu contexto mais privado e local, mas também no âmbito sócio-cultural. Assim, este trabalho apresenta a narrativa de Dona Rosa Rinaldi sobre sua história de vida como criança, mulher trabalhadora e mãe. Moradora do Brás e do Belém, na zona Leste de São Paulo, durante 90 anos, relata detalhes sobre o modo de viver, trabalhar e parir das classes populares desses bairros, durante parte boa parte do século XX. O referencial teórico-metodológico da História Oral é adotado para abordar suas vivências e experiências no contexto histórico da assistência ao parto. A entrevista faz parte da Coleção Memória da Assistência ao Parto, pertencente ao Projeto acima mencionado. Transcrita integralmente, está disponível em áudio e texto, sob guarda do Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana da Escola de Enfermagem da USP. Sua utilização seguiu as normas éticas e legais adotadas pelo Projeto. Realizou-se a textualização e a análise de conteúdo temática. Foram extraídos os temas: Modo de viver e trabalhar na periferia da cidade; Mulher, família e maternidade; Tempos idos e tempos modernos, que são apresentados e discutidos à luz das transformações na sociedade paulista e no modelo de assistência ao parto. Dona Rosa retrata seu trabalho em indústrias de tecelagem dos bairros onde viveu. Tinha jornada de trabalho de doze horas diárias. Mudou de emprego porque apanhava no trabalho e para melhorar de salário. Casou-se aos 24 anos, com Alfredo, 31, na Paróquia São José do Belém. Teve três filhos com parteiras da região. O marido trabalhou por 25 anos no ambulatório de uma tecelagem, onde se qualificou como “enfermeiro”, e adquiriu experiência atendendo os numerosos acidentes de trabalho. Fala de uma vida essencialmente doméstica, confinada no bairro, com solidariedade e amizade da vizinhança e lazer restrito por falta de tempo e dinheiro. Os filhos e os afazeres domésticos a mantinham ocupada. As filhas estudaram o primário e trabalharam até o casamento; o filho formou-se advogado e atuou como delegado na região. A maternidade, a experiência do parto e as práticas e costumes que envolvem o nascimento refletem diferentes espaços e temporalidades e são testemunha de uma sociedade, naquilo que ela tem de melhor e de pior. Nesse sentido, a entrevista com Dona Rosa aponta elementos que ajudam a compor um panorama das transformações na condição das mulheres na sociedade. A entrevistada, em particular, representa um tipo de mulher que teve sua vida organizada no âmbito privado da família, num bairro da periferia pobre da capital paulista, ao longo de um século de grandes transformações geo-sociais nos bairros na zona Leste da cidade.

DO VENDAVAL DESTRUTIVO À ESCOLA-MODELO: A TRAJETÓRIA DE UMA JOVEM DIRETORA NUMA ESCOLA MUNICIPAL EM TAUBATÉ-SP

Cristiano José Pereira

O estabelecimento de escolas públicas em determinadas comunidades e o estudo de caso de alunos oriundos destas com o ambiente escolar, seja no campo disciplinar ou de aquisição de competências e habilidades, são temas recorrentes de trabalho no âmbito acadêmico. Porém, existe uma lacuna importante nos estudos que se relacionam com a escola brasileira: a de determinar com mais precisão o papel de um profissional muitas vezes estigmatizado pela sociedade – o Diretor. Nosso trabalho possui o objetivo de analisar a trajetória profissional de uma jovem Diretora – Virgínia Durci –, tendo como objeto específico o período que ela passou (2003-2007) à frente de uma escola pública municipal de Taubaté-SP. Fundada no início do século XXI, a escola partiu de um contexto de extrema carência: havia a falta de mobiliário, funcionários e até mesmo o prédio escolar foi destruído por um vendaval no mesmo ano de sua fundação. Quatro anos mais tarde a carência e a destruição faziam parte do passado: a escola já era considerada como um autêntico modelo na cidade valeparaibana. Tal evolução deve-se, entre outros fatores, à ação contínua da Diretora como competente e efetiva gestora da escola. Portanto, estudamos a ação e procedimentos desta Diretora frente à escola como gestora através do registro oral, recolhido através de entrevista.

Cada contexto escolar possui potencialidades e também dificuldades em alguns aspectos. O historiador, estudioso da escola, para compreender a complexidade de cada contexto, deve ter a consciência de não deixar de lado uma fonte de múltiplas informações e vivências: a Direção. Naturalmente, a trajetória de um profissional para tornar-se Diretor não pode ser deixada de lado na compreensão da importância que uma escola possui numa dada comunidade, região ou país, trajetória esta que é muitas vezes simplesmente ignorada em estudos acadêmicos brasileiros. Resta aos Diretores o estigma de “supremos mandatários inacessíveis”, profissionais pouco dispostos a colaborar com os pesquisadores e estudiosos das escolas públicas brasileiras. Estigma absolutamente impróprio, conforme verificamos.

Até mesmo grandes historiadores como Paul Thompson comprovam a afirmação acima:

Ao mesmo tempo, a história oral implica, para a maioria dos tipos de história, uma certa mudança de enfoque. Assim, o historiador da educação passa a preocupar-se com as experiências dos alunos e estudantes, bem como com os problemas dos professores e administradores. (THOMPSON, 1992:26)

Para Thompson, administradores ficam por último numa gradação de elementos pertencentes numa escola. Acreditamos que os administradores de escolas devam ser colocados em primeiro plano não só na escola, mas também em estudos em âmbito acadêmico. A postura de Virgínia Durci, como gestora, foi discreta e humilde: “Não me vejo como principal funcionária da escola”.

Portanto, estudamos um elemento que carece de maiores estudos no Brasil – o Diretor como gestor da escola, e os ganhos para o corpo discente, docente e para a comunidade em geral quando tal gestão é realizada de forma competente e inclusiva no início do século XXI em Taubaté-SP, uma das cidades mais desenvolvidas da região do Vale do Paraíba.

EDUCAÇÃO PENITENCIÁRIA AMAPAENSE: REGISTRO DE MEMÓRIAS DA COMUNIDADE ESCOLAR-PRISIONAL

Eliane Leal Vasquez

Neste artigo documentamos alguns registros de memórias da comunidade escolar-prisonal do sistema penitenciário amapaense, quanto à oferta da educação penitenciária no período de aproximadamente trinta e cinco anos. Destacamos que o referido estudo foi parte da pesquisa de mestrado que realizamos no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o qual constitui o capítulo intitulado “Sistema Penitenciário Amapaense e Escola da Prisão. Alguns aspectos do contexto histórico-prisonal de 1975 a 2007”. Esta parte da pesquisa foi desenvolvida a partir da análise de regulamentos do Complexo Penitenciário e Instituto de Administração Penitenciário do Amapá, documentos de arquivo escolar do Centro de Estudo Supletivo Emílio Médici e Escola Estadual São José, entre outras bibliografias e estudos. Além disso, realizamos entrevistas com dez alunos-presos do sistema penitenciário amapaense e três professoras. No que tange aos procedimentos metodológicos para a execução das entrevistas, realizamos gravação em arquivo digital, transcrição das entrevistas e conferência dos dados, com objetivo de analisar a categorias de informações que vieram à tona nas entrevistas de eixos-temáticos. Assim, optou-se por pesquisa de abordagem qualitativa, no campo da ciência penitenciária, o que implicou eleger a história oral como veículo para a construção de fonte de pesquisa, pois o tema da pesquisa requeria o encontro com sujeitos que tinham vivenciado as etapas da educação penitenciária amapaense. Pela análise das entrevistas foi possível identificar a coexistência de poderes no ambiente carcerário, de um lado o poder institucional, e de outro o poder-prisonal, a estrutura predial escolar e as fases das instituições escolares, o programa curricular e seus executores, os programas educacionais que foram implantados, como, o Projeto Minerva, Projeto João da Silva e as Classes de Educação Integrada, o ensino personalizado e ensino por etapas vinculado a modalidade Educação de Jovens e Adultos, além da implantação das turmas regulares do ensino fundamental e médio. A análise das entrevistas nos assinalou para o fato do convívio entre duas culturas no ambiente carcerário, a cultura escolar e a cultura prisional, contudo neste trabalho nos limitaremos a abordar apenas os registros de memórias da comunidade escolar-prisonal, quanto ao que na Lei de Execução Penal se denomina a assistência educacional.

ESCAVE ONDE VOCÊ VIVE: CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA ORAL PARA A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NAS TURMAS DE PROEJA

Edemar Ferreira Canabarro

Este artigo propõe o uso da História oral como metodologia para ensino de História nas turmas de PROEJA. Num primeiro momento mostra uma experiência com o uso dessa metodologia nas turmas de ensino fundamental. Na segunda parte sugere que a História Oral pode colaborar de alguma forma para romper com o mero ensino conteudista, levando a aprendizagem para além dos muros da escola, buscando na memória da própria comunidade sua verdadeira função. Pretende-se também chamar a atenção para a confluência multidisciplinar que a pesquisa qualitativa possibilita, trazendo o método da história oral como uma contribuição para o ensino de história nas turmas de PROEJA.

FAZENDA GRANDE, CIDADE PEQUENA: RELAÇÕES ENTRE ECONOMIA E CULTURA EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Willian Eduardo Righini de Souza

Santa Rosa de Viterbo, no nordeste do Estado de São Paulo, pode ser considerada uma típica cidade do interior com seus pouco mais de vinte e três mil habitantes. Se considerarmos o critério do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para classificar uma cidade como pequena, ou seja, com até cem mil habitantes, podemos dizer que ela é um modelo para discutirmos a maior parte das cidades do Estado, pois, em 2007, 575 ou 89,1% destas seriam de pequeno porte. No entanto, apesar da quantidade, raramente estas pequenas cidades são tratadas como objeto de estudo, seja por estarem longe dos grandes centros urbanos, por não possuírem instituições de pesquisa, como universidades, por não serem atrativas economicamente, entre outros. Com Santa Rosa não é diferente. Por não possuir um arquivo público e uma documentação organizada, a princípio, não encontramos fontes para um estudo sobre a cidade. Nesse contexto, instituímos um projeto de história oral temática híbrida para discutir as percepções e representações da população sobre esse espaço urbano, comparando-as entre si e entre os discursos já instituídos em documentos oficiais, na história local, na literatura, etc. A literatura regional do início do século XX, por exemplo, produziu uma descrição do interior ora como lugar onde não há nada para se fazer ou conhecer, como em Cidades Mortas (1919) de Monteiro Lobato, ora idealizado e puro, como nos versos de Menotti de Picchia em Juca Mulato (1917). Assim, um dos nossos objetivos foi questionar a validade dessas caracterizações entre os habitantes de uma cidade do interior na contemporaneidade. Por meio dos relatos, observamos que, assim como nas grandes metrópoles, algumas pequenas cidades do interior também passaram por significativas transformações econômicas e sociais nos últimos anos, mesmo quando não estavam vivendo uma explosão demográfica. Especificamente em Santa Rosa, a maioria da população é proveniente de uma mesma fazenda, a Fazenda Amália, e a experiência do êxodo para a cidade permitiu a produção de narrativas que inclusive questionam a própria idéia de cidade. Na relação entre economia e cultura, superamos a visão estigmatizada de cidadezinhas estacionadas no tempo, com pessoas sem estudo e mal qualificadas, e muito menos contribuimos para uma visão romântica, como muitas vezes sugeriu a literatura. Por último, defendemos que caracterizar as circunstâncias sócio-econômicas de uma cidade do porte de Santa Rosa de Viterbo possibilita estabelecer relações com cidades semelhantes, produzindo novos diálogos sobre o interior, principalmente paulista. Deste modo, ao mesmo tempo em que contribuimos para a história de cidades que muitas vezes sequer possui um arquivo público, inserimos mais uma peça no mosaico que justifica a história regional ao ressaltar as diferenças e similaridades entre lugares específicos.

FOTOGRAFIA E PESQUISA-AÇÃO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ESTUDO DO ENVELHECER DE MULHERES NA VILA CASTELO BRANCO

Maria Lucia Secoti Filizola

Utilizando-se da metodologia da pesquisa-ação e da multiplicidade de possibilidades que a oficina de fotografia e a própria imagem propiciam, este trabalho se propõe a estudar o envelhecimento de um grupo de mulheres, cuja maioria reside na Vila Castelo Branco, em Campinas, desde a sua inauguração. Percorremos com elas estas lembranças e vivências no que tange a construção social da velhice, no primeiro grupo de mulheres a envelhecer, nesta região, através dos dados qualitativos que a História Oral permite coletar.

Carência de políticas socioculturais voltadas para o indivíduo que envelhece. Abertura para o conhecimento. Resiliência comunitária, foram alguns dos dados coletados, ao pensar o cidadão que envelhece além do declínio físico, olhando este sujeito sob o enfoque multidisciplinar do envelhecimento.

O trabalho teve como marco teórico: Cartier-Bresson, Michel Thiollent, Alessandro Portelli, Michael Pollack.

FONTES ORAIS PARA PESQUISAS SOBRE MIGRAÇÃO

Priscyla Christine Hammerl, Sergio Sipereck Elias

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o uso do método da história oral como fonte de pesquisa e compreensão dos movimentos migratórios recentes. Propõe-se a estudar as memórias de duas pessoas que tiveram em suas trajetórias biográficas a experiência do deslocamento para um local diferente do ambiente em que nasceram e residiram com suas famílias, com o intuito de revelar qual a percepção em relação ao processo de acolhimento dessas pessoas, com o objetivo de cotejar as experiências migratórias.

Na lição de Sayad (1991), o processo de emigração/imigração é vivido basicamente como um processo de “desenraizamento” do lugar de origem dos imigrantes, significando uma ruptura muito profunda dos costumes, família, religião, tradição e cultura. Por outro lado, o imigrante, é antes de tudo um emigrante, devendo-se investigar sobretudo, as condições do seu lugar de origem, as razões do desligamento e da escolha pela emigração, o que permite vislumbrar a maneira como o imigrante se coloca na sociedade receptora. O método da história oral é uma meio apropriado de apreensão das histórias destes migrantes, pois como indica Alberti (2005) é um método de pesquisa que privilegia as experiências das pessoas, tentando resgatar, através de suas memórias recuperar a dados sobre as imigrações recentes. Apoiando-se em Thompson (1992), para este ensaio, definiu-se como objeto de coleta de dados a realização de entrevistas com um imigrante e uma migrante, que chegaram a São Paulo entre as décadas de 1960 e 1970 e isto porque o problema de pesquisa é justamente analisar se há diferenças de percepção entre migrantes e imigrantes à respeito da hospitalidade. Este método nos auxilia a entender a dinâmica da adaptação ou não dos imigrantes na sociedade receptora e nos permite usar, para a análise dos depoimentos, a teoria da hospitalidade, como vem sendo desenvolvida há alguns anos, por grupos de estudiosos no Brasil e na França, nos EUA e na Inglaterra.

A pesquisa, de caráter exploratório e qualitativo, consistiu na utilização do instrumento da entrevista semi-estruturada, com o auxílio de um roteiro previamente elaborado segundo os objetivos da pesquisa, que se resumiam basicamente na tentativa de resgatar as trajetórias migratórias de uma migrante e de um imigrante: os motivos, as causas, os mecanismos de adaptação, as experiências e percepções do acolhimento e hospitalidade.

A partir da realização de duas entrevistas, foi verificado que o método da história oral é extremamente eficaz para a apreensão das percepções de hospitalidade entre migrantes e imigrantes recentes. Verificamos que a utilização do mesmo método traz resultados diferentes, indicando que a história oral nos traz experiências individuais, sendo apenas indicativa de generalizações. A migrante teve sua fala em dois tempos, antes e depois da chegada do marido em contraposição ao depoimento imigrante sem qualquer ruído, uma segunda conclusão importante foi em relação à língua, pois mesmo falando uma língua diferente o imigrante se mostra mais adaptado ao meio social que a migrante e isto pela opressão feminina que não permite a sua socialização natural, dependendo sempre da vontade do marido.

FOTOGRAFIA VERNACULAR:

ÁLBUNS E RETRATOS DE FAMÍLIAS DE IMIGRANTES JAPONESES EM SÃO PAULO

Bruno Hissatugu

A produção fotográfica vernacular, ou seja, feita no domínio privado, é um dos campos de maior interesse atualmente tanto para a antropologia quanto para a fotografia. No caso da antropologia, é importante ressaltar a diferença de enunciação; ao contrário dos primeiros antropólogos visuais, que produziam imagens de populações estranhas ou estrangeiras para depois interpretar dados de cultura, ou seja, uma visão de fora para dentro, a fotografia vernacular compreende objetos de cultura produzidos por seus próprios integrantes. Para o estudo da fotografia, esse viés é importante por não ignorar as fotografias mais produzidas na história, as fotos comuns feitas por pessoas comuns, mediadas mais pelo afeto que pelo senso estético e artístico. Esse material, aparentemente marginal, pode ser de interesse antropológico mesmo que não tenha sido concebido com intenções antropológicas. Ele contém aspectos importantes da experiência vivida que deve ser de interesse do antropólogo, e não ignorados.

O trabalho relaciona duas partes fundamentais: resgate de memória e reflexões sobre a identidade. O resgate de memória se refere, principalmente, ao levantamento de fotografias antigas de famílias de imigrantes japoneses. Sua importância está no fato de que esses documentos podem se perder facilmente se permanecerem no domínio privado, longe de cuidados de restauro e conservação. Além disso, a compilação de fotos de diversas famílias pode oferecer visões menos parciais quanto a padrões de representação. Assim, é possível estabelecer comparações quanto à adaptabilidade de diferentes imigrantes japoneses em território paulista e paulistano.

As investigações sobre as identidades desenvolvidas pelos imigrantes deverão se centrar em seus retratos fotográficos, ou seja, as fotografias abordadas deverão compor um acervo que poderá ser consultado posteriormente, seja para averiguar a validade de nossas asserções, seja para fomentar novas interpretações (já que os documentos fotográficos são passíveis de inúmeras análises com diferentes propósitos).

Nossa hipótese é que a identidade dos imigrantes é multifacetada. Observamos padrões de representações de indivíduos que mostram uma nacionalidade tanto japonesa quanto brasileira, americana. Ao invés de cindir a identidade num conflito de “não ser de lugar algum”, as fotografias e os álbuns exibem identidades duais. Se ainda se guardam fotos trazidas do Japão, também se nota uma necessidade de se fazer retratar no Brasil. Através dessas fotografias, este estudo poderá confirmar o desenvolvimento da adaptabilidade de japoneses em São Paulo, e estará aberto às eventuais contradições que a linguagem fotográfica trouxe aos

dados históricos. Há diversos pesquisadores com pesquisas de grande importância para este assunto, dentre eles: Miriam Moreira Leite, Elizabeth Edwards, Gillian Rose, Richard Chalfen, Christopher Pinney e Geoffrey Batchen.

A metodologia deste trabalho se baseia na coleta e reprodução de fotografias antigas de imigrantes japoneses, exame de cartas e documentos, e entrevistas com descendentes, em geral, apoiadas por fotos. A bibliografia existente sobre imigração japonesa no Brasil cobre aspectos gerais em detrimento da experiência individual. No momento, uma forma de contribuir para esse assunto é detalhar experiências em âmbitos mais privados, íntimos.

HISTÓRIA, MEMÓRIAS E ESTIGMA DE FAVELA NO CONJUNTO HABITACIONAL DA CIDADE ALTA – RIO DE JANEIRO

Mario Sergio Brum

O tema abordado neste é a permanência e a re-significação do estigma de favela no Conjunto Habitacional da Cidade Alta, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, e que surgiu para abrigar moradores removidos no projeto de erradicação de favelas executado pelos governos estadual e federal nas décadas de 1960/70 e que, completando quarenta anos, para setores da sociedade e mesmo para muitos moradores adquiriu e/ou manteve o estigma de favela. O tema mostra-se pertinente dado o retorno da defesa da remoção de favelas por alguns setores da sociedade, como órgãos de imprensa; trata-se de, a partir de um estudo de caso, discutir a construção histórica e social da favela e de favelado como um estigma que pesa sobre as populações pobres que habitam a cidade 'fora' do mercado formal, estigma este construído socialmente e internalizado pelos favelados, dentro do que Pierre Bourdieu define como as condições sociais de produção dos enunciados. Afinal, o estigma é uma relação de poder, vitoriosa na medida em que os estigmatizados 'aceitem' (no todo ou em parte) a discriminação que recai sobre eles. Historicamente, a partir da exclusão do favelado do mercado formal de habitações, e que reproduziu (e perpetuou) essas relações sociais de poder. A favela, desde sua origem, possui estigmas a ela associados. Mais que isso, os estigmas são partes essenciais para a construção do conceito de favela. Na sua própria essência, a favela é o estigma, pois aponta uma área urbana onde existem os sinais do que não deveria haver numa cidade que se queria moderna e/ou civilizada. Também em Norbert Elias, vemos que grupos sociais em posição dominante imputam um estigma a outros, em posição inferior, no que esses acabam por introjetar tal estigma, daí a sua funcionalidade como um diferenciador social, onde outros critérios como renda ou instrução poderiam já não o fazer. Através da história, os favelados se defrontaram com os discursos e imagens projetados a respeito deles, os quais tiveram de aceitar, relativizar, rejeitar, questionar. Usamos como fontes documentos do Estado sobre as remoções (e o significado de favela para as autoridades da época) e depoimentos de moradores e suas visões sobre o que é uma favela. Através do uso de História Oral, percebemos que em muitos depoimentos a visão da favela de origem como um local de desordem e precariedade, e que a ida para o conjunto, no fim da década de 1960, figura como uma 'melhora', pois o conjunto habitacional em seu início é relatado como local da ordem e da 'beleza', posteriormente tendo se tornado uma favela, por uma 'descaracterização' das construções e principalmente, pela intensificação da violência cotidiana. Assim, vemos através dos depoimentos dos moradores que o termo favela pôde adquirir variados significados através das quatro décadas de sua existência.

HISTÓRIA ORAL DE MENINAS NEGRAS: PRECONCEITO E IDENTIDADE NO SERTÃO MORENO

Larissa Martins Costa

Esse trabalho faz parte de projeto de iniciação científica desenvolvido no âmbito do curso de História da UFMS. O objetivo é fazer História Oral de vida de meninas negras, matriculadas em escolas públicas da cidade de Três Lagoas (MS). As entrevistas podem servir de subsídios para entender o papel da escola e de seus currículos na formação identitária das crianças e adolescentes negras. As entrevistas de História de vida podem dar maior entendimento qualitativo do drama vivido por essas meninas. Uma vez que as estatísticas divulgadas pela imprensa e elaboradas em universidades e institutos de pesquisa mostram a maior vulnerabilidade da mulher negra em termos econômicos, políticos e sociais. Mostrar as dificuldades enfrentadas durante a vida escolar, pode ajudar na criação de políticas públicas de combate ao racismo. No estado do Mato Grosso do Sul, criado por decreto em 1977, os meios de comunicação ajudam na propagação de uma ideologia de uma sociedade "morena", enfatizando a mestiçagem como constituinte da identidade do estado. A rejeição ao termo "preto" ou negro, coloca-se como obstáculo às políticas de afirmação engendradas no momento por políticas federais e combatidas por políticas estaduais. A afiliada da TV Globo no estado chama-se "TV morena", o principal estádio chama-se "Morenã" e nas rádios da capital, no transporte coletivo, e locais públicos em Campo Grande, é comum encontrarmos a frase "cidade morena"; com essa ênfase na mestiçagem, pode-se prever dificuldades para negros e negras se afirmarem enquanto grupo distinto na sociedade circundante. Sabemos que a infância e a adolescência em nossa sociedade constituem fases em que boa parte da formação da identidade se consolida. Cumpre desvendar, por meio das entrevistas, quais os mecanismos usados pela instituição escolar para referendar ou combater essas dificuldades de inserção de negras na comunidade, já que a escola por ser um espaço em que a todo momento auxilia na construção da identidade de crianças e adolescentes enfrenta o desafio de construir uma identidade negra valorizada em uma sociedade que historicamente ensina aos negros que para serem aceitos é necessário negar-se. Através deste artigo, pretendemos mostrar as primeiras entrevistas feitas com crianças e equipe escolar. O trabalho, como um todo pretende oferecer a oportunidade para docentes e discentes pensarem

a realidade das relações raciais do “Sertão Moreno” a partir de sua diversidade cultural. Os resultados podem ajudar a revisar os conteúdos aplicados no que se considera educação “formal” no Mato Grosso do Sul, por sua vez defende uma educação em que promove-se a igualdade social, mas que divulga a imagem de seu estado como mestiço.

HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE MÚSICOS SUL-MATO-GROSSENSES: SONS DO PARAGUAI NO SERTÃO-CERRADO

Letícia Fumiko Kudo

Quando falamos sobre os estados brasileiros é comum que os relacionemos a características que definam suas culturas, costumes, aspectos geográficos, climáticos, enfim, algo que os singularize entre os estados da federação. Entretanto definir as manifestações culturais sul-mato-grossense não é uma tarefa muito fácil, visto que o estado é de ocupação relativamente recente e formado por pessoas com culturas de diferentes estados do Brasil e de países vizinhos. Um exemplo de cultura estrangeira que compõe o estado é a paraguaia. Sua influência é uma das mais notáveis na cultura sul-mato-grossense, pois ela está fortemente presente na culinária, em hábitos sociais, no artesanato, na música, objeto a ser discutido, dentre outros.

A música, como várias outras características do Mato Grosso do Sul, é bastante diversa, e vai desde o sertanejo ao rock. Mas os tipos de músicas que se apresentam como característica do estado é a polca paraguaia, o chamamé, a guarânia e o rasqueado, músicas estas herdadas justamente do nosso vizinho Paraguai. Uma das coisas mais intrigantes nisso é pensar em como um país que sofreu tanto na guerra contra o Brasil, a qual, inclusive, saiu perdedor, pôde ter caracterizado tanto a música do estado? Por isso buscamos compreender quais as influências da música paraguaia na música do Mato Grosso do Sul por meio da história oral de vida de músicos sul-mato-grossense, bem como buscar compreender como se define a música do estado? Esse tipo de música é conhecida em outros estados?

Estas questões, consequentemente, geram outras perguntas que nos remete a refletir sobre as características e identidade do Mato Grosso do Sul, tais como o que caracteriza o Estado? Qual sua identidade? Qual o tipo de música característica do estado? Existe música típica do estado?

A metodologia utilizada é a História Oral, e tem como base entrevistas de História Oral de vida, a partir de rede de músicos sul-mato-grossenses. Nosso primeiro entrevistado foi o Senhor José Luiz a partir da qual foi criada uma rede de colaboradores. Os procedimentos de pesquisa, relacionados a história oral, serão aqueles utilizados pelo Núcleo de História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO-USP).

Quanto ao aporte teórico utilizo Laraia (2008) para discutir a difusão de cultura, para a discussão da música tenho por base Napolitano (2005), Halbwachs (2004) e Duncan (2009).

Esse tema constitui um dos mais urgentes em função da necessidade de se pensar e dar mais atenção à composição mestiça, plural, e até indefinida do estado, para que essa miscigenação não se transforme em fragmentação. Pois há quem diga que a identidade do estado é justamente não ter identidade. Será? Gostaria de convidá-los a refletir sobre este tema.

HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: UM GRUPO, SUAS FRENTE DE PESQUISA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Luzia Aparecida de Souza, Déa Nunes Fernandes, Maria Ednéia Martins-Salandim

Na Educação Matemática a oralidade sempre foi um suporte reconhecidamente útil para a compreensão dos objetos que nos dispomos a investigar em nossas pesquisas, no entanto, é recente o uso da História Oral como método qualitativo de pesquisa neste campo; um levantamento do tipo “estado da arte”, publicado em 2006, registra no ano de 1987 um trabalho em Educação Matemática que assume a História Oral como método de pesquisa. Neste texto apresentamos um grupo de pesquisa em Educação Matemática, criado em 2002 – o Grupo “História Oral e Educação Matemática” (GHOEM) – e alguns princípios que têm direcionado suas investigações. Trata-se de um grupo que tem se apropriado dos pressupostos teóricos da metodologia da História Oral em suas investigações; ampliando seus referenciais teóricos ao dialogar com vertentes historiográficas específicas na busca de responder questões próprias da Educação Matemática. Temos defendido que, ainda que a História Oral não esteja apenas vinculada a questões historiográficas, não é possível afastá-la dessas questões e, portanto, é adequado exercitar-se nessa metodologia embasados em uma concepção de História. Abordar a História Oral como metodologia de pesquisa é pensar na ressonância entre fundamentação teórica e procedimentos de pesquisa que permitem a construção de documentos (escritos como a transcrição e textualização, e/ou orais) a partir de situações de entrevista. Este texto descreve, ainda, as quatro frentes de pesquisa atualmente desenvolvidas pelo Grupo, como contribuições para a região cujo interesse centra-se nos estudos da interface História/ Educação Matemática, bem como algumas das pesquisas a elas vinculadas. As concepções sobre História Oral, seus pressupostos, propostas e alcance são tematizados, e também, dada a aproximação visceral entre esse método e as narrativas, são considerados aspectos sobre como têm sido concebidas as elaborações textuais escritas a partir de fontes orais e sobre como tem sido exercitada a análise das narrativas pelos pesquisadores do grupo. Nas narrativas reside a própria possibilidade e potencialidade do que o grupo tem chamado História Oral. A busca pela interlocução com movimentos historiográficos (como os que estruturaram iniciativas e continuidades nas propostas dos *Annales*, Nova História, História Cultural) permite pensar essas

narrativas não mais constituindo A história, mas como constituidoras de histórias possíveis, versões legitimadas como verdades dos sujeitos que vivenciaram e relatam determinados tempos e situações. Narrativas que permitem, no momento de sua construção, perceber o indivíduo constituindo-se frente ao outro, para o outro, singularizando o universo social. Essas as narrativas orais fixadas pela escrita são tomadas como fontes históricas, intencionalmente constituídas, que não estão subjugadas a um critério de valor definido a partir da “realidade” do mundo.

HISTÓRIA ORAL E IDENTIDADES: CULTURA, TRADIÇÃO E MODERNIDADE NO SERTÃO-(S)CERRADO DO ALTO-PARANÁ

Lourival dos Santos

O objetivo desse trabalho é apresentar a experiência de pesquisa em História Oral e Identidade desenvolvidos no Curso de História do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul em Três Lagoas.

Tendo em vista a crescente demanda por trabalhos envolvendo os procedimentos da História Oral na UFMS, seguindo tendência presente em todo o Brasil, foi criado em 2009, o Núcleo de Pesquisas e Estudos de Oralidades (NUPEO) com o objetivo de abrigar projetos de pesquisa assentados em procedimentos de História Oral. A delimitação geográfica do “Alto Paraná” justificou-se em função da dinâmica sócio-cultural e econômica da região onde se localiza o campus de Três Lagoas. A dinâmica de crescimento dessa área impõe desafios aos pesquisadores das ciências humanas, no sentido de estabelecer políticas públicas da preservação de memórias das comunidades desvendando o mundo cerrado da região – ainda sertão para muitos pesquisadores.

Escassamente povoado, o imaginário nacional a respeito do Mato Grosso do Sul baseia-se na idéia de sertão, de vazio, do contato inaugural entre o homem e a natureza. Esse contato com a natureza tem sido elemento principal da definição da identidade por meios das elites do estado, de criação recente (1977).

Constituíram, inicialmente, projetos de pesquisa em nível de iniciação científica, pois os cursos de História na UFMS apenas recentemente estão sendo recompostos por contratação de doutores, em condições de gerarem projetos de pesquisa e futuros programas de pós-graduação.

Valendo-se de estratégias de História Oral, a partir da experiência e dos procedimentos de Pesquisa, utilizados pelo Núcleo de Estudos de História Oral da USP, iniciamos projetos de História Oral de vida: sobre a comunidade indígena Atikun em Nioaque; sobre a torcida organizada alviverde do Palmeiras, em Araçatuba; sobre crianças negras em escolas públicas da cidade; sobre a influência paraguaia na música sulmatogrossense; e sobre militantes de comunidades eclesiais de base em Andradina, no oeste paulista.

Esses projetos caracterizam-se todos por temas que buscam entender a formação de identidades em estado que ainda procura estabelecer sua distinção entre os estados da federação brasileira.

O registro de entrevistas, sustentado por projetos temáticos, abre a possibilidade de reinventar a narrativa e recuperar a função social dos narradores. A identidade sulmatogrossense situa-se entre a fronteira oeste do estado de São Paulo, de onde acorreram as expedições colonizadoras e os confins das terras pantaneiras. Antes de se interiorizar no Pantanal, o homem que ocupou o estado teve uma experiência ainda *cerrada* aos olhos dos pesquisadores, talvez pela escassez de sua ocupação, se comparada aos centros hegemônicos cultural e economicamente, mas jamais pela pouca importância histórica que homens e mulheres da fronteira oeste ocupam na História do Brasil.

HISTÓRIA ORAL NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E IDENTIDADE DE ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA E DE SEUS FAMILIARES

Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim

Este trabalho visa mostrar os resultados parciais de um projeto que investiga os objetos biográficos e as performances narrativas na construção da história oral de vida dos alunos da EMEF Pedro Aleixo, situada na Zona Leste da cidade de São Paulo, e de seus familiares da terceira idade. Para tanto, evidencia-se o procedimento da história oral na valorização de narrativas pessoais, em um espaço de subjetividade, que apontam experiências do narrador-colaborador. Cabe assim, maior atenção aos objetos biográficos enquanto catalisadores dos aspectos performáticos que compõem o fato comunicativo, como suportes para a memória, considerando as construções/criações desenvolvidas no tempo presente.

Ressaltamos a importância deste processo para idosos e crianças: os idosos têm a oportunidade de compartilhar suas vivências com quem as está iniciando agora, podem transmitir seu conhecimento de forma lúdica e afetiva. E as crianças podem conhecer o mundo pelo olhar e emoção de um adulto. Ambas as gerações sofrem muitas vezes por não terem valor de produtividade na sociedade atual. Estão isolados pelo ritmo acelerado de trabalho e a nova estrutura familiar. Nossa sociedade tem por hábito perguntar às crianças o que vão ser e aos velhos o que foram, como se ambos não fossem gente. Estamos marcados pela necessidade da utilidade das pessoas, perdendo a visão do valor da pessoa por ela mesma, valor da presença humana. Essa postura deixa a sociedade atual em grande prejuízo. Colocar esse relato vivo do passado em contato com as crianças é dar oportunidade para que elas compreendam o mundo, pois os fatos históricos são contados por alguém real que passou por aquela situação, podendo muitas vezes reconhecerem-se no mesmo contexto. Compreenderão o passado através da imaginação, da fantasia, do lúdico,

criando laços com a identidade cultural do grupo ao qual pertencem, construindo o presente de forma ativa e consciente.

Os objetivos principais desse trabalho são: valorizar o indivíduo da Terceira Idade integrando-o em ações junto à comunidade; Incentivar o hábito da leitura e da escrita junto a estudantes do Ensino Fundamental 3; Promover o senso de responsabilidade e de cidadania através da valorização da história local, Promover a integração da escola com a comunidade.

HISTÓRIA, MEMÓRIA E IMAGENS: HOSPITAL DAS CLÍNICAS SAMUEL LIBÂNIO - POUSO ALEGRE - MG

Álvaro Nonato Franco Ribeiro, Andréa Silva Domingues

Este trabalho propõe apresentar os resultados obtidos com a pesquisa realizada durante o ano de 2009 intitulada “HISTÓRIA, MEMÓRIA E IMAGENS: HOSPITAL DAS CLÍNICAS SAMUEL LIBÂNIO – POUSO ALEGRE – MG”, projeto este que foi financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do estado de Minas Gerais (FAPEMIG). O objetivo dessa pesquisa consistiu em estudar o percurso histórico do Hospital das Clínicas Samuel Libânio, bem como seus significados e importância histórica como patrimônio para a cidade e seus trabalhadores durante o período que vai dos anos de 1975, quando a responsabilidade sobre a instituição se transfere do estado de Minas Gerais para a Fundação Universitária do Vale do Sapucaí (FUVS), até o ano de 2008.

Uma das primeiras constatações realizadas a partir de nossas pesquisas foram as relações entre a cidade de Pouso Alegre e os governos militares implantados no Brasil a partir do ano de 1964, uma vez que, para compreender a transferência, tivemos que buscar o processo de criação de sua mantenedora, a Fundação Universitária do Vale do Sapucaí. A criação da mesma está relacionada ao projeto da Ditadura Militar brasileira de descentralização do ensino superior e conceder o mesmo à iniciativa privada, uma vez que seria muito oneroso para ele manter o grande número de faculdades que seriam necessárias para preparar a juventude que se tornaria a “futura tecnocracia dirigente” do país. Neste contexto, foi criada na cidade de Pouso Alegre a Fundação de Ensino Superior do Vale do Sapucaí (FUVS) em 1964, e quatro anos depois, em 1968, o curso de Medicina, o primeiro da Universidade do Vale do Sapucaí, mantida pela Fundação. A doação do Hospital das Clínicas Samuel Libânio é uma consequência. O hospital, criado em 1921, estava sob a responsabilidade do estado de Minas Gerais, e a partir da criação do curso de Medicina foi utilizado como hospital-escola. A manutenção do mesmo era muito custosa para o estado, então a Fundação propõe recebê-lo do governo mineiro através de uma doação, o que se efetua em 1975.

Para trabalharmos com essa pesquisa adotamos como metodologia a análise e interpretação de imagens fotográficas e depoimentos orais arquivados no Acervo Institucional da FUVS/Univás. Além da utilização de jornais que foram encontrados no Museu Histórico Municipal “Tuany Toledo”. O trabalho de interpretação dos depoimentos e imagens foi extremamente valioso para essa pesquisa, pois os mesmos revelam as impressões de quem viveu essa história, seja através da memória, ou da fotografia.

Realizar essa pesquisa nos possibilitou ampliar o debate dentro do Núcleo de Estudos Culturais – NESC, sob a necessidade e o significado de se trabalhar com a história oral e a história local, foi a partir desta análise que conseguimos compreender as relações entre a FUVS e a Ditadura Militar, e como o Hospital das Clínicas Samuel Libânio de tornou uma referência regional na área da saúde, imagem esta construída pelos funcionários que o compõem e também pela população pouso-alegrense.

HISTÓRIAS DE VIDA DE VELHOS MORADORES DA VILA MATILDE: LAZER E CARNAVAL

Lidiane da Fonseca Luiz

Este resumo refere-se ao Trabalho de Conclusão de curso realizado no ano de 2009, na EACH/USP, orientado pela profa. Valéria Barbosa de Magalhães. O presente trabalho tem como objetivo, apresentar por meio das memórias de velhos moradores, a história do lazer no bairro paulistano de Vila Matilde, situado na Zona Leste da cidade, é um bairro de tradição carnavalesca, em virtude da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde. O método de pesquisa adotado foi história oral. Foram feitas 10 entrevistas para analisar os hábitos de lazer dos moradores, com o intuito de resgatar a história dos bairros e valorizar a região Leste onde está situada a Escola de Artes Ciências e Humanidades, o novo campus da Universidade de São Paulo.

HISTÓRIAS IMBRICADAS: ONTEM/HOJE, ENTREVISTADO/ENTREVISTADOR E MUITAS MEMÓRIAS

Mariângela de Vasconcelos Nunes

Neste texto apresento algumas questões teórico-metodológicas relacionadas ao uso da História Oral como documento. Refiro-me notadamente às histórias de vida. Mostro inicialmente estas como um lugar de interatividade onde circulam entrevistado e entrevistador; portanto, como construção destes dois autores. Ainda falo sobre o caráter movediço do passado: um campo de ação contínuo, que em parte se desenrola no presente do narrador. Destaco também a importância de relatos para capturar a dimensão do vivido e suas redes de subjetividade. Desta forma, tais pontos indicam como diferentes sujeitos se integram nos fios da história, como ressignificam e reinventar valores e práticas. Destaco também os diálogos entre as diferentes memórias:

memória popular e memória oficial. Para discutir estas questões me amparo em entrevistas que realizei nos anos de 2002, 2003 e 2005, nos Cariris Velhos paraibano, com antigos lavradores e moradores da região, quando buscava dados para a elaboração de minha tese “Entre o Capa Verde e a Redenção: A Cultura do Trabalho com o Agave nos Cariris Velhos (1937-1966, Paraíba), defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, em 2006. Foram ainda relevantes para a leitura destas Fontes os trabalhos de alguns teóricos, a exemplo de Certeau e Verena Alberti.

IDENTIDADE E TRABALHO DOCENTE: A SITUAÇÃO DO PROFESSOR READAPTADO EM ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Maria de Lourdes de Moraes Pezzuol

O presente artigo aborda o método de pesquisa de história oral temático, utilizado como parte da metodologia no desenvolvimento da dissertação de mestrado intitulada: *Identidade e trabalho docente: A situação do professor readaptado em escolas públicas do Estado de São Paulo*, concluída no ano de 2008, na Universidade Brás Cubas, cidade de Mogi das Cruzes-S.P. O tema retrata um aspecto da realidade do sistema educacional do Estado de São Paulo, envolvendo professores que em algum ponto de suas carreiras apresentaram um problema de saúde, que os levou ao processo de readaptação. Professores que continuam dentro dos ambientes escolares, afastados das salas de aulas, sem uma proposta de integração para a continuidade de seus afazeres pedagógicos. Conforme o que relata o Decreto Número 39.929, de 30 de janeiro de 1995, que considera elevado o número de servidores readaptados, especialmente professores, e considera que essa situação interfere de forma negativa em todo o processo de ensino-aprendizagem. O objetivo principal da pesquisa foi identificar o perfil desses professores, nos ambientes escolares, do ponto de vista do trabalho no campo da educação, no que se refere às consequências que o processo de readaptação pode provocar para a identidade profissional docente. O referencial teórico - conceitual abrange autores que utilizam a história de vida como método investigativo, Roggero (2001), Bom Meihy (2002) e Josso (2004). A escolha da metodologia de história de vida, como abordagem central, se justifica como forma de dar voz e sentido à realidade que professores vivenciam em seus processos de readaptação. Trata-se de um procedimento metodológico qualitativo, que proporciona o contato direto do pesquisador no contexto social a ser estudado, o que pressupõe maior familiaridade com o problema e com o ambiente, possibilitando uma compreensão do fenômeno. Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras readaptadas, jovens, uma possui 34 anos e outra 35, que foram surpreendidas pelo processo de readaptação há mais de 05 anos. A pergunta formulada para desencadear as narrativas das depoentes foi: *Narre a história da sua vida, focalizando a escolha da profissão docente, sua atuação e como a situação de readaptação faz parte dessa trajetória*. Logo após as narrativas, realizou-se a análise. Já que não existem pesquisas que retratem a situação de professores readaptados, tanto pela singularidade como nas ações refletidas pelo coletivo, a metodologia história de vida, possibilitou registrar as experiências vividas no passado e na vida cotidiana, as representações que se tem da formação e atividade profissional e perspectivas que essas professoras alimentam sobre o futuro. Ao relatarmos a condição de vida de duas professoras readaptadas, conseguimos entender a coletividade social do grupo ao qual elas pertencem. Conclui-se que o processo de readaptação como se tem realizado pelo sistema público Estadual, interfere na identidade docente. O não reaproveitamento desse profissional, como educador gera acomodação ou insatisfação, fatores que refletem em ações pessoais, profissionais, fora e dentro dos ambientes escolares e contribui para a má qualidade do ensino público.

IMIGRAÇÃO PORTUGUESA E PASTEL DE BACALHAU NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DE SÃO PAULO. SÃO PAULO, 2010

Idália Maria Teixeira Souto, Sênia Bastos

A presente pesquisa tem por objetivo problematizar a imigração portuguesa e o pastel de bacalhau na área central da cidade de São Paulo, mais especificamente no Mercado Municipal Paulistano. Em fase de desenvolvimento, inscrita na temática de “história oral, memória e fontes de pesquisa”, trata-se de uma pesquisa qualitativa, apoiada em produção de fontes orais a partir da metodologia de História Oral.

Essa apresentação reúne a sistematização dos resultados de duas entrevistas: uma com um comerciante português, cuja família está instalada no Mercado Municipal Paulistano desde sua inauguração, em 1933, e, outra, com uma antiga frequentadora, também portuguesa, de 76 anos. Ao término das entrevistas, foram feitas notas de campo com as impressões gerais, como as personalidades dos depoentes e observações adicionais para complementação dos dados. As entrevistas foram gravadas (com a autorização dos depoentes e carta de cessão) e, posteriormente, transcritas para análise.

Baseada nessas entrevistas, a discussão se encaminha para a reflexão da constituição dos mitos fundadores propostos por Hobsbawn e Ranger (2002) na área central de São Paulo. Como resultado percebe-se a influência da imigração portuguesa na definição de uma importante iguaria comercializada no Mercado Municipal Paulistano: o pastel de bacalhau, que atrai muitos moradores e turistas pela fama que ganhou. De acordo com o entrevistado, a origem do pastel encontra-se relacionada ao Hocca Bar criado, em 1933, como lanchonete São Jorge, onde a portuguesa Maria de Deus Ferreira, esposa do também imigrante português Horácio Gabriel, o criou. No início, o recheio era envolto em uma massa típica portuguesa. Posteriormente, para agradar ainda mais o paladar do paulistano, Dona Maria de Deus resolveu envolver as 150 gramas de bacalhau em uma massa de pastel criada por ela. Homenageado com a medalha José de Anchieta por torná-lo símbolo de São Paulo, esse estabelecimento destaca-se como o maior comercializador da iguaria no Mercado.

A influência portuguesa também é percebida nos hábitos de antigos frequentadores dessa etnia, visto que ali compram ingredientes para a preparação de alimentos. A entrevistada alega que a tradição é a marca do Mercado, pois ela compra bacalhau e azeite na mesma banca desde 1960 e que ele era (e é) o local de referência na cidade para adquirir bons produtos gastronômicos.

Tratar a comercialização do bacalhau no Mercado implica em problematizar o aspecto cultural presente na comida, ou seja, a influência da imigração portuguesa na produção, preparação e consumo de determinados alimentos. Ao que se refere ao pastel de bacalhau, comporta a discussão do processo de fusão de múltiplas influências étnicas presentes na cidade, que resultaram na elaboração da receita e no consumo dessa iguaria.

ISADORA DUNCAN: NARRATIVAS E ENREDOS DA PESSOA, PERSONAGEM E ARTISTA

Carmelita Fleury Croce

O presente trabalho tem como objetivo principal buscar fontes documentais e trabalhar com as formas de narrativas acerca da pessoa e da concepção de arte da bailarina Isadora Duncan (1877-1927), inserida num contexto da *Belle Époque*, na Europa, em finais do século XIX e início do XX.

A partir da obra de Suely Kofes, “Uma trajetória em narrativas”, procurou-se compreender de quais maneiras foram elaboradas as narrativas e depoimentos acerca da trajetória de vida, da personagem e da arte criada pela bailarina. Para tal, utilizou-se de depoimentos contemporâneos à bailarina, bem como sua autobiografia, “Minha Vida”, alguns artigos de jornais da época, bem como a obra de Roger Garaudy, “Dançar a vida”, no qual faz menção à Duncan como pioneira da dança moderna.

A partir dos documentos que, de acordo com Kofes, são interpretados como formas de narrativas acerca da vida e arte da bailarina, pudemos observar que como pessoa Duncan teve uma vida conflituosa e de certa forma trágica em função da sucessão de fatos que relata em sua autobiografia. Como personagem foi uma mulher revolucionária em função de seus ideais e maneira como viveu a vida, contrariando o arquétipo de mulher que se tinha na época e, como artista, foi uma “dançarina dionisiaca” (Garaudy) que inovou a arte da dança que foi feita até então, resgatando a estética da arte grega e a natureza como formas de inspiração para seus movimentos, criando uma arte inovadora considerada por muitos como expressão de liberdade.

Ao utilizar a obra de Kofes para embasar este trabalho, buscamos fazer uma comparação das formas de narrativas existentes acerca da pessoa, da personagem e da artista Isadora Duncan, compreendendo nas diversas fontes documentais as variadas formas de narrativa que temos acerca da mesma pessoa. Assim, os resultados mostram como foi interpretada pelos outros e por ela mesma, para então podermos observar que hoje, a idéia que se tem de Isadora Duncan, é a de uma mulher que foi revolucionária, van-guardista e fruto de um berço artístico embebida no contexto da *Belle Époque*.

Ao ler depoimentos deixados por ela em jornais da época, depoimentos de artistas da época, a obra de Garaudy que contempla Duncan, bem como sua autobiografia, pudemos perceber que as interpretações feitas acerca da trajetória de vida de Isadora Duncan, bem como sua própria interpretação acerca de sua trajetória (autobiografia), são narrativas que em sua maioria confluem quanto à concepção de que foi uma artista inovadora, que causou polêmicas e contradisse a concepção moral e ética da época, bem como foi a pioneira quanto ao surgimento da dança moderna que vemos atualmente não somente na Europa, mas no mundo.

LAZER NA RUA: MEMÓRIAS DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS NO TATUAPÉ

Alex dos Santos Faria

Este resumo refere-se ao Trabalho de Conclusão de curso realizado no ano de 2009, na EACH/USP, orientado pela profa. Valéria Barbosa de Magalhães. A presente pesquisa teve como objetivo analisar como a perda da rua como um espaço de lazer influenciou nas formas de manifestação do lazer e do brincar, levantando aspectos como a ocupação das ruas pela circulação e insegurança perante a violência urbana e as transformações da cidade. Esta pesquisa justifica-se devido ao notável processo de crescimento urbano mundial e pelo conseqüente afastamento das pessoas dos espaços externos ao lar, algo ressaltado pela cada vez mais intensa presença de lazers como a televisão e a Internet que se destinam a utilização principalmente em ambientes fechados. Como método foi escolhida a história oral, que possibilitou uma visão subjetiva do assunto pautada nas memórias dos nove entrevistados, moradores da região do Tatuapé, eles trouxeram suas impressões sobre as transformações do bairro e sobre a temática do lazer na rua, relatando suas experiências e compartilhando histórias que retrataram estes temas. A fim de atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, o trabalho apresentou duas divisões teóricas: a primeira abordou o lazer, o brincar e a urbanização, relacionando estas categorias temáticas e proporcionando uma série de reflexões sobre os assuntos discutidos; e uma segunda parte que buscou discutir as particularidades da memória e as características da história oral, temas indispensáveis para a análise das entrevistas. No âmbito da pesquisa de campo, foram analisadas duas redes de entrevistados, uma formada por representantes sociais ligados principalmente ao conselho comunitário do Tatuapé e a outra constituída por moradores sem estes vínculos com representações do bairro. Os depoimentos colhidos foram analisados de forma temática, respeitando os assuntos levantados durante a pesquisa bibliográfica e analisando a coletividade e a individualidade de cada um e a relação do depoente com o bairro do Tatuapé. Além disso, foi escolhido entre os depoimentos um para ser apresentado de forma integral, transcrito de acordo com o método de história oral. Percebeu-se com esta pesquisa que o processo de crescimento urbano tem trazido uma série de transformações no âmbito do lazer e que muitas destas mudanças embora possam ser consideradas natu-

rais, enfrentam uma certa resistência por parte dos moradores mais tradicionais nos quais notou-se majoritariamente a presença de um saudosismo quanto a atividades de lazer vivenciadas por estes que não possuem espaço dentro das novas gerações. Além disso, notou-se que o Tatuapé vem passando por um grande processo de transformação, atendendo as novas demandas da população local, destacando principalmente a verticalização e o encasulamento em condomínios, shoppings e escolas devido a um sentimento de insegurança ligado ao ambiente externo do lar. Nesse contexto, notou-se também que vivências no lazer Como elementos presentes na memória coletiva dos moradores do Tatuapé, ressaltando a representatividade cultural destas atividades.

LEMBRANÇAS DE ANTIGOS FERROVIÁRIOS DE PARANAPIACABA: MEMÓRIA COLETIVA E TURISMO

Ricardo Jesus Corte

Este resumo refere-se ao Trabalho de Conclusão de curso realizado no ano de 2009, na EACH/USP, orientado pela profa. Valéria Barbosa de Magalhães. Os avanços tecnológicos, quase sempre resultam em mudanças espaciais, que conseqüentemente geram alterações na sociedade. Paranapiacaba, uma pequena vila ferroviária localizada no município de Santo André, passou por mudanças significativas nos últimos anos, relacionadas ao progresso tecnológico e também pelo advento do turismo. Neste sentido, é importante resgatar parte da memória coletiva local para que a prática do turismo histórico-cultural na vila seja enriquecida de elementos históricos vivenciados pelos seus moradores mais antigos.

MECANISMOS DE CENSURA EM RÁDIOS MINEIRAS: USO DE ENTREVISTAS COM RADIALISTAS

Ana Paula Nunes

Nessa comunicação, busca-se investigar por meio de entrevistas os mecanismos de censura aplicados em duas grandes rádios mineiras, a *Inconfidência* e a *Itatiaia*, ambas de Belo Horizonte, durante o período que foi considerado como *apogeu* da Ditadura Militar (1968/1973). Entende-se que as formas de censura utilizadas pelo poder estatal com relação às mídias radiofônicas sejam peculiares frente às outras mídias, dada a agilidade e rapidez da linguagem radiofônica oral. Considera-se que mídia radiofônica teve um papel essencial como difusora de informação naquela época, uma vez que a televisão apesar de popular ainda tinha um caráter de entretenimento e mais livre da conjuntura política que o país vivia. Dessa maneira, o rádio foi um dos veículos que mais sofreu com a repressão e censura do regime militar. Como procedimento metodológico foi adotado a história oral, pois acredita-se que no presente trabalho, a história, o tempo e a memória, que são os elementos primordiais da história oral, estão intensamente ligados em todo o decorrer do estudo. Sendo assim, pretende-se registrar a partir de documentos e principalmente depoimentos uma reconstrução histórica no contexto político nacional, diretamente vinculado aos meios de comunicação.

Entre as vertentes de estudo da História Oral, escolhemos a denominada História Oral temática, que se refere prioritariamente ao relato de experiências ou processos específicos vividos e testemunhados pelos entrevistados a partir de um tema de estudo pré-escolhido pelo pesquisador. A rede principal do projeto foi formada por radialistas das duas rádios que sofreram direta ou indiretamente conseqüências da censura institucionalizada na Ditadura tendo que divulgar muitas vezes as notícias na presença de um censor ou sendo obrigados a modificar a programação de acordo com as normas da censura vigente. Justifica-se a relevância desse projeto para os estudos da memória do jornalismo radiofônico ao englobar duas rádios antigas e renomadas da capital mineira que estavam em funcionamento na época analisada. Procura-se comparar as duas rádios - uma rádio de caráter privado - a *Itatiaia*, e a outra pública - a *Inconfidência*. Assim, buscamos entender, pela análise das narrativas, se havia distinção por parte da censura nessas diferentes classes de emissoras. Outro ponto importante é a intenção de fugir dos estudos centrados em mídias impressas, grande maioria em pesquisas sobre censura, e também diferenciar-se na questão geográfica, uma vez que muitos estudos estão calcados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, que foram palcos de muitos acontecimentos marcantes dessa época.

MEMÓRIA COLETIVA E INCLUSÃO DIGITAL COM IDOSOS DE DOIS BAIROS DE SANTO ANDRÉ: IMPRESSÕES E REFLEXÕES SOBRE UM PROJETO EM ANDAMENTO

Ana Keila Mosca Pinezi, Andrea Paula dos Santos, Leonardo Gentile,
Taís Kashiura de Vita, Diego Moraes, Alexandre Soares Cavalcante

Valorizar a memória de um grupo social significa possibilitar o acesso à própria história de uma sociedade. Registrar essa memória é uma maneira de manter vivas as referências culturais de um povo. Fundamentado nessas noções, o projeto de pesquisa e extensão, em andamento, intitulado “Memória coletiva e inclusão digital: recuperação da memória coletiva de idosos do bairro Bangu e Santa Teresinha, em Santo André, e registro de história de vida por meio das tecnologias de informação e comunicação”, objetiva analisar a memória coletiva de um grupo de idosos, moradores desses dois bairros da cidade de Santo André, próximos ao Campus da Universidade Federal do ABC (UFABC). O registro da memória desses idosos será feito por meio do uso

do computador. Isso implica um espaço em que esses idosos tenham contato com as tecnologias da comunicação e da informação e que acessem espaços virtuais que lhes interessem e que possibilitem registrar suas memórias. A conjugação da memória coletiva, registrada no computador e na internet por meio de um blog, e o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação apontam para a perspectiva de inclusão digital dessas pessoas e para que ela se dê de forma que faça sentido a elas e à comunidade em que estão inseridas. Dessa forma, supõe-se que o registro da memória desse grupo de pessoas possibilitará a compreensão de aspectos históricos e culturais da cidade, do bairro e da própria inserção e presença do campus da universidade no universo, físico e imaginário, dessas pessoas. No que se refere à categoria velhice, esta será analisada segundo a teoria antropológica sobre o tema. A velhice não é uma categoria natural. Ao contrário, essa classificação do período da vida é marcada por um contexto histórico, isto é, há uma maneira de conceber e viver o envelhecer que é peculiar a cada sociedade. Portanto, as categorias de idade não são determinadas pela biologia, mas são construções históricas e sociais. As relações que se estabelecem entre a dimensão biológica e a dimensão sócio-cultural é que nos interessam para pensar a concepção de velhice em um contexto particular. Como o projeto está em processo, serão apresentadas impressões iniciais sobre a ida do grupo de idosos à UFABC e as primeiras reuniões realizadas com esse grupo, bem como as técnicas utilizadas com esses idosos no que tange à valorização de suas memórias e à inclusão digital. O projeto conta com dois graduandos bolsistas, dois voluntários, além da coordenação, constituída por duas docentes. Ainda, as entrevistas coletivas com o grupo de idosos, cerca de 12 pessoas, têm sido filmadas para posterior análise e elaboração de um curta a ser divulgado à comunidade local, à acadêmica e aos moradores da cidade de Santo André.

MEMÓRIA DE MÃE: LUTAS POLÍTICAS E AS NOVAS CONCEPÇÕES SOBRE A MATERNIDADE

Marcela Boni Evangelista

É certo que os estudos que têm como base a memória acionam uma série de elementos subjetivos. Sentimentos muitas vezes contraditórios transparecem nas narrativas que se formam a partir de lembranças. A experiência da maternidade, enquanto específica do universo feminino, apresentou ao longo do tempo diversos significados, desde algo inevitável e ao mesmo tempo indiferente até elemento que confere santidade às mães.

A pesquisa “Maternidade e Violência: história oral de vida de mães de crianças e adolescentes em conflito com a lei”, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História Social da USP, tendo como base os procedimentos teórico-metodológicos da história oral, lida diretamente com o universo simbólico da maternidade e toda a subjetividade que a circunda.

É importante ressaltar que não se trata de qualquer tipo de maternidade, mas de uma experiência repleta de traumas. Afinal, ser mãe de crianças e adolescentes que fogem às regras sociais não parece ser tarefa das mais fáceis. Isto fica ainda mais patente na medida em que entram em cena medidas sócio-educativas de privação de liberdade e, no limite, a morte do filho.

O grupo que deu início ao trabalho de campo faz parte de uma associação denominada AMAR (Associação de mães e amigos da criança e do adolescente em risco), criada em 1999 com o propósito de denunciar as irregularidades que então caracterizavam diversas unidades da Fundação Casa (antiga FEBEM).

As entrevistas realizadas com estas mulheres-mães permitiram identificar que sua atuação pela defesa dos direitos de seus filhos somente teve início quando do envolvimento destes com atos infracionais e com eventuais prisões. Isto denota que o papel de mãe ampliou o papel desempenhado por estas mulheres na sociedade como um todo. A “maternidade cidadã” como alguns autores denominam pode ser vista, então, como uma ressignificação da maternidade e, para além disso, do exercício da cidadania por parte de tais mulheres.

Seu protagonismo, cujo início remete a uma experiência marcada pelo trauma, substitui a apatia que em muitos casos se mostra como única alternativa. A experiência compartilhada, por sua vez, é verificada na memória coletiva exposta por sua trajetória. É neste sentido que conseguimos encontrar a origem da identidade que existe e unifica essas mulheres.

O presente trabalho busca, portanto, explorar a simbologia da experiência da maternidade na adversidade característica das histórias de vida de mulheres-mães de crianças e adolescentes em conflito com a lei, bem como os novos significados atribuídos a sua condição na sociedade.

MEMÓRIA DE VELHOS: UM ESTUDO REALIZADO COM OPERÁRIOS DA COMPANHIA NITRO QUÍMICA BRASILEIRA ENTRE 1937 E 1960

Antonia Sarah Aziz Rocha

Trata-se de um estudo realizado sobre a formação do operariado da Cia Nitro Química Brasileira. Estes operários eram migrantes nordestinos os quais atraídos pelo crescente sucesso econômico da cidade de São Paulo, deixavam seus estados de origem em busca de melhores condições de vida. a partir dos relatos de antigos operários procuramos identificar como se desenvolveu a formação deste operariado pela indústria, a qual oferecia algumas instituições auxiliares para que assim pudesse formar o trabalhador bem a gosto do patrão.

MEMÓRIA DO CANGAÇO NA “PALAVRA CANTADA” DE SÉRGIO RICARDO NO FILME DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL

Cícero Francisco Barbosa Jr.

Trazer à tona a memória do cangaço por meio da análise do filme de Glauber Rocha, “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (filmado entre 1963 e 1964) representada entre outros elementos, pela canção de Sérgio Ricardo e letras do próprio Glauber. Na busca de retratar o drama social nordestino, a trilha sonora expressa por meio da “palavra cantada” – aglutinadora de lembranças e memórias – a proposta revolucionária do Cinema Novo e resume as questões do messianismo (na figura de Sebastião) e do cangaço (principalmente com Corisco) dentro do filme. Por meio dessas narrativas orais, o objetivo é discutir a História do tempo presente e a linguagem cinematográfica, utilizando como referências metodológicas Marc Ferro e Marcos Napolitano para entender a linguagem fílmica, as canções aplicadas dentro da narrativa e o diálogo das letras com as imagens no conteúdo do filme. Podemos ressaltar desse estudo de que não se trata na verdade de uma reflexão sobre o cangaço, mas que por meio dele podemos abrir uma discussão sobre o momento da política brasileira do período. O que está presente na película é uma voz de resistência.

MEMÓRIA E IDENTIDADE DAS INTERVENÇÕES DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO (MR8) NO MOVIMENTO POPULAR (1975-1995)

Eladir Fátima Nascimento dos Santos

No Brasil dos últimos anos da década de 1970, eram crescentes a insatisfação popular frente às ações políticas, sociais e econômicas da ditadura militar instalada no país desde 1964. O movimento de oposição crescia e a redemocratização passou a ser a palavra de ordem de maior aceitação. Ato público se realizavam, manifestos eram publicados e diversos setores, desde os mais liberais até os setores mais radicais, se uniam numa luta comum pelo fim da ditadura militar. Setores de esquerda, que estiveram desde os anos 1960 na clandestinidade, passaram a participar dos movimentos pelo fim do autoritarismo e restabelecimento da ordem democrática. Participavam na reorganização das forças populares que se manifestavam através de greves contra o arrocho salarial, na criação de associações de moradores e na reabertura das entidades estudantis. Nesta época, uma organização de esquerda, o Movimento Revolucionário 8 de Outubro - MR8 – apresentava a proposta de organização de uma frente popular e democrática formada pela união dos setores populares com a burguesia nacional para superação da ditadura militar. Nossa pesquisa tem como objetivo analisar, com base em fontes orais, as memórias construídas relativas à atuação do MR8, no período de 1975 a 1995. Procura observar e interpretar as relações entre espaço, memória e identidade nas intervenções dos militantes do MR8, no movimento popular e verificar os impasses, tensões e desafios que estiveram presentes nestas relações. Para analisar as intervenções do MR8 no movimento popular, procuramos aplicar o modelo dinâmico do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002) para o estudo das relações entre *espaço social* e *lutas políticas*. Os resultados iniciais nos mostram que a organização política MR8 teve um papel considerável no processo de reativação do movimento popular de resistência à ditadura militar com a prática de reabertura e criação de organizações políticas.

MEMÓRIAS DO ESTÁDIO DE FUTEBOL JORNALISTA MÁRIO FILHO: AS DIMENSÕES SIMBÓLICA, CULTURAL E POLÍTICA DO MARACANÃ

Rosângela de Sena Almeida

É notório o valor simbólico que o estádio de futebol Jornalista Mário Filho - o Maracanã - tem para futebol nacional e para sociedade brasileira. Ao sediar inúmeras competições nacionais e internacionais, este estádio dá voz ao orgulho do brasileiro em ser o melhor do mundo em alguma seara, o único país a ter participado de todas as Copas do Mundo, o único pentacampeão do mundo e, em breve, o único com um estádio que, ineditamente, será palco das partidas finais de duas Copas do Mundo.

Apesar da frustração pela derrota no jogo final da Copa do Mundo de 1950, o Brasil organizou um evento inesquecível e com um público recorde que só foi superado décadas depois. Em 30 de outubro de 2007, a Federação Internacional de Futebol Amador (FIFA) anunciou oficialmente o Brasil como o organizador e sede da Copa de 2014. Assim, mais de cinquenta anos depois o país volta a sediar uma Copa do Mundo e outra vez a cidade do Rio de Janeiro e o estádio do Maracanã serão contemplados com o jogo final desta competição.

Este estudo tem como objetivos prioritários pesquisar e analisar o conteúdo simbólico e imagético que faz do estádio do Maracanã, um patrimônio, uma imagem emblemática e um lugar de memória no imaginário social, identificando sua influência e participação nas formações identitárias do brasileiro e, sobretudo, promovendo a reflexão acerca do processo de construção de sua memória social.

O estádio do Maracanã é um espaço promotor de eventos culturais e esportivos na contemporaneidade que provoca experiências concretas e subjetivas, desperta lembranças e memórias e media narrativas biográficas e etnográficas. Assim, apresentando-se como um guardião de memórias locais, da memória de uma comunidade e de uma prática cultural/esportiva, nosso objeto de estudo se configura nas três dimensões que permeiam o conceito de *lugar de memória*: a simbólica, pois está in-

vestido de uma aura imaginária, de traço imaterial; a funcional por sua utilidade, sua funcionalidade primeira de local de partidas de futebol e a material por ser a materialidade de um projeto arquitetônico constituído dos aspectos físico, artístico e estético.

Como metodologia será utilizada a análise do conteúdo (BARDIN, 1977) veiculado na mídia impressa brasileira, cujo corpus se constitui de artigos de jornais brasileiros, dos anos de 1950, 2009 e 2010 e a interpretação de depoimentos e entrevistas de pessoas vinculadas ao universo social do futebol, tanto os protagonistas que atuaram ativamente como os espectadores que vivenciaram a Copa do Mundo de 1950.

Relacionando seu objeto de interesse com os conceitos de formações identitárias (HALL, 2000) do brasileiro, de patrimônio (CHAGAS, 2005 e 2009) e de lugar de memória (NORA, 1993), esta pesquisa intenciona descrever e analisar a participação do processo de patrimonialização do estádio do Maracanã na construção de uma memória social.

NARRATIVAS ORAIS PROPONDO CIDADES

Leno Barata Souza

Em meu doutorado procurei discutir determinadas conjunturas históricas da cidade de Manaus entre os anos de 1920 e 1967. Estes estudos aconteceram por intermédio de um tema específico: “A Cidade Flutuante de Manaus”, um fenômeno social e cultural próprio do lugar e que, dentro deste período, foi gradativamente se formando pelo vasto e intrincado litoral da capital formado, em sua orla sul, pelo rio Negro e por dezenas de igarapés que, a partir do rio, penetram Manaus adentro.

Grosso modo, a cidade flutuante de Manaus respondia por casas construídas de madeira, cobertas com palha ou zinco, sustentadas sobre bóias capazes de torná-las flutuantes sobre o rio Negro ou igarapés da capital e que em seu auge demográfico e territorial, no início dos anos sessenta, chegou a ter quase doze mil habitantes, os quais, além de moradores, frente as suas necessidades de serviços, inauguraram e/ou desenvolveram uma gama de atividades profissionais intimamente ligadas e dependentes do regime das águas do rio.

Estudar a cidade flutuante de Manaus se configurou como um importante veio histórico que, além de possibilitar a discussão de peculiares modos de vida local, nos quais a água é cultura marcante e atuante, motivou ainda uma reconstrução histórica da própria cidade de Manaus, tradicionalmente pinçada por uma memória hegemônica que, a partir da crise econômica da borracha (pós- Primeira Guerra) liquidando com a então *belle époque* amazonense, tendeu a cristalizar uma cidade completamente parada no tempo, como se a sua sociedade houvesse mesmo deixado de existir.

Procurando contrapor estas memórias hegemônicas, buscamos outras desconhecidas do âmbito acadêmico: moradores antigos de Manaus, especialmente ex-moradores da cidade flutuante. Todos, partindo das suas vivências atuais na capital amazônica ajudaram a reconstruir uma urbe pulsante, intrigante e pouco conhecida.

As pegadas desta cidade, projetada pelas narrativas dos entrevistados, passa bem ao largo da inerte capital das falas e memórias oficiais. Seus rastros foram mais vivamente encontrados nas margens fluviais da cidade, território de francas disputas das mais variadas ordens: moradias, trabalho e lazer, demandas e expectativas sociais que a cidade flutuante parecia atender, especialmente para uma população de ribeirinhos amazônicos que, ao longo deste período, imigraram para a principal cidade do estado na esperança de sustentos que seus interiores não mais lhe propiciavam.

Neste sentido, a cidade flutuante, a partir da orla no rio Negro, com suas casas, seus serviços e suas disputas, retransformou a paisagem social da chamada frente de Manaus, porta de entrada pela qual a capital se abria para o mundo. Representando finalmente, uma das mais impactantes manifestações culturais, exemplo significativo e original do cada vez mais caro e utópico projeto de “Direito a cidade”.

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL ARQSHOAH – ARQUIVO VIRTUAL SOBRE HOLOCAUSTO E ANTISSEMITISMO –WWW.ARQSHOAH.COM.BR

Rachel Mizrahi, Lílian Ferreira de Souza

Esta proposta integra o conjunto de projetos de pesquisa do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação – LEER - criado em 2006, junto ao Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo, sob a coordenação da prof^a. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro. O Núcleo de História Oral é coordenado pela prof^a. Dra. Rachel Mizrahi.

O Holocausto e o antissemitismo, temas focados na documentação histórica produzida no Brasil, França e Portugal entre 1933-1945, justificam-se enquanto fenômenos sociais cujas dimensões, abalaram a história da humanidade do século XX. Suas conseqüências enquanto vestígios ideológicos, físicos e mentais ainda estão presentes no atual século. Ainda que arquivos nacionais e internacionais permaneçam fechados aos pesquisadores, acervos ainda inéditos continuam sob a guarda de instituições e famílias zelosas em relação à história de sobreviventes dos campos de concentração. Estes, já bastante idosos, dificultam o registro completo, embora testemunhos oculares de suas lembranças.

Um dos objetivos do Núcleo de História Oral - Arqshoah - é reunir testemunhos orais e gerar informações que possibilitem avaliar o posicionamento político e ideológico assumido pelo governo brasileiro durante a era nazi (1933-1945) e mesmo no pós-guerra quando centenas de sobreviventes do Holocausto e deslocados de guerra procuraram refúgio no Brasil. Questões como estas buscam demonstrar que o nazismo foi um movimento político de dimensões históricas mundiais.

A metodologia de pesquisa do Núcleo esta fundamentada nas orientações expressas pelo *Manual de História Oral* do professor Dr. Jose Carlos Sebe Bom Meihy do Núcleo de História Oral da Universidade de São Paulo. Que consistem na gravação dos registros orais, transcrição, textualização e transcrição (elaboração do texto final) que é enviada ao entrevistado para sua aprovação e posterior inserção em banco de dados, para consulta on line, no portal do Arqshoah.

O Núcleo de História Oral já entrevistou cerca de 70 sobreviventes de campos de concentração, residentes em São Paulo. Deste número, 50 estão disponíveis para consulta no site www.arqshoah.com.br

A metodologia do trabalho com fontes orais permite aos sobreviventes refugiados papel de colaboradores, ao assumirem a elaboração do texto que compõem sua versão da história no rico universo de vivências coletivas.

O CARNAVAL CURITIBANO: IDENTIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

Vanessa Maria Rodrigues Viacava

As pesquisas realizadas ao longo de 2008 nos levaram a pensar o carnaval da cidade nos termos definidos por Victor Turner, como um *drama social*. Para tanto, tomamos o carnaval como uma “forma cultural complexa”, conforme a sugestão de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Nossas análises situam o carnaval não apenas do ponto de vista do espetáculo da avenida, nos preocupamos com os modos de fazer desse carnaval de Curitiba. Em nossa pesquisa de campo, nos colocamos o desafio de nos aproximarmos de todas as agremiações carnavalescas atuantes no carnaval da cidade. Nossa inserção em campo começou ainda no primeiro semestre de 2008 com a realização de uma série de entrevistas com personalidades do carnaval da cidade – os pioneiros da folia curitibana – e pesquisa em arquivos públicos em busca de fotografias e documentos que pudessem nos fornecer informações sobre as escolas de samba. Permanecemos em campo, nos ensaios, barracões, nos desfiles e nas apurações ao longo dos ciclos carnavalescos de 2008/2009 e 2009/2010 seguindo as lições de Clifford Geertz, no “olhar por sobre os ombros”. Entre as narrativas acerca do carnaval curitibano nos chamou a atenção um recorrente assunto: o relacionamento das escolas de samba e a Fundação Cultural de Curitiba. Em diversas conversas os *cartolas*, *bambas* e *foliões* enfatizaram a falta de apoio da prefeitura e a ausência de uma infra-estrutura para o carnaval na cidade. As escolas não possuem barracões nem quadras de ensaio e Curitiba não tem sambódromo. Esses seriam os motivos para a baixa qualidade estética do carnaval de Curitiba e o pouco interesse da população local em prestigiar o evento na avenida Cândido de Abreu. A escassa verba cedida pela FCC para as escolas de samba promove uma organização bastante específica de se fazer carnaval: um *modo de produção familiar*. O estilo do carnaval curitibano pode ser definido como familiar e se contrapõe ao padrão carioca de *carnaval-negócio*. Para essa comunicação pensamos em apresentar os bastidores do carnaval curitibano com ênfase nas narrativas produzidas sobre o carnaval curitibano e suas comparações com o carnaval carioca, como a fala nativa situa uma identidade carnavalesca particular de Curitiba. Além dessas narrativas, nos preocupamos em abordar os discursos sobre a relação da FCC com as escolas de samba. Não desejamos reproduzir tais discursos, nos preocupamos em compreender como as escolas de samba procuram falar de si mesmas para si mesmas, ou seja, o exercício da reflexividade.

O CONCEITO DE PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO CENÁRIO POLÍTICO-EDUCACIONAL EM SÃO PAULO, NA DÉCADA DE 90, E O OLHAR DE PAIS ATORES DOS MOVIMENTOS POPULARES DE SÃO MATEUS

Maria Lucia Salgado Cordeiro dos Santos

O texto proposto trata da dissertação cuja pesquisa foi desenvolvida entre os anos de 2003-2005 na PUC/SP. O trabalho propôs analisar o sentido atribuído ao conceito de participação da família na escola nos anos 90. Para isso, analisou as políticas públicas para educação daquela década, partindo do âmbito federal, para compreender as medidas das esferas estadual e municipal, em São Paulo. Com o objetivo de comparar o conceito de *participação* presente nas políticas públicas, com o conceito de pais de alunos envolvidos na participação da família na escola, foram entrevistados quatro pais de alunos que atuaram de diferentes formas na política educacional no bairro de São Mateus, zona Leste de São Paulo. Entre os quatro entrevistados, insere-se o depoimento da própria pesquisadora, abrangendo dois momentos em que ocorreram ações organizadas para promover mudanças educacionais naquele bairro. As duas primeiras entrevistas são de participantes que atuaram no Conselho de Escola deliberativo em 1991/93. Os outros dois entrevistados foram escolhidos por terem participado de um movimento de pais no bairro, que se organizou para evitar a transferência de alunos, durante a implantação da reorganização da rede estadual em 1996. O resultado dessa pesquisa buscou desvelar o sentido de participação nas políticas públicas educacionais paulistas, dos anos 90, e o significado de participação para os pais que almejavam a melhoria da educação, participação essa, perpassada, por vezes, por ambigüidade e contradições. Concluiu-se com a análise que a participação proposta pelos pais divergia daquela proposta nas políticas públicas para a educação no período, sendo que o que representava direito de expressão e luta por parte da população do bairro, teve o sentido de mecanismo de controle e obrigação por parte das políticas que instituíram os Conselhos de Escola como instrumento de participação.

O PAPEL DOS SÍMBOLOS DO COLÉGIO PEDRO II: TECENDO MEMÓRIAS E IDENTIDADES POR MEIO DE NARRATIVAS

Tatyana Marques de Macedo Cardoso

O Colégio Pedro II é uma instituição federal de ensino que se transformou, ao longo de sua história, em referência nacional para a educação brasileira (Andrade, 1999). É, portanto, um lugar de memória na acepção de Pierre Nora (1993). Nesse sentido, o Colégio Pedro II constrói a sua memória através de diversos meios, dentre eles, pelos símbolos. No Colégio Pedro II, diversos símbolos, criados em diferentes momentos na história da instituição, integram a rotina escolar, tais como: o emblema, a bandeira, o hino, a tabuada, dentre outros. Através deles, o colégio proclama a sua identidade, sugere valores tais como respeito, tradição e lealdade ao mesmo tempo que evidencia o passado institucional glorioso. O objetivo deste trabalho é investigar a relação entre os símbolos dessa instituição e as construções identitárias de pertencimento dos membros (corpo docente, discente e técnicos administrativos) do Pedro II. O corpus deste trabalho é construído por uma entrevista grupal (Bauer & Gaskell, 2000) com membros da instituição (aluno, funcionário, professor) realizada a partir de um roteiro constituído por perguntas abertas que visam a evocar narrativas que tematizam a relação entre as experiências pessoais dos participantes, a instituição e os vários símbolos. Partindo do pressuposto de que tais símbolos se constituíram em elementos fundamentais para a construção de significados e representações por parte de um determinado grupo, questionamos: Em que medida os símbolos do Pedro II são representados discursivamente como elementos que reiteram, modificam e/ou perpetuam traços identitários relativos à memória institucional do Colégio Pedro II? Como as narrativas podem oferecer uma janela para a compreensão da relação que os participantes têm no contínuo tradição/modernidade que permeia a sociedade contemporânea na qual o colégio está inserido? O presente trabalho, de natureza interdisciplinar, se apóia no seguinte referencial teórico: Halbwachs (2006) para a categoria memória social e Pollack (1992) e Mishler (2002) para a categoria identidade. A abordagem adotada para a análise dos dados, a vertente socio-interacional (Goffman, 1981; Gumperz, 1982), nos auxiliará a compreender como os participantes, na interação com os outros, co-constroem tanto suas identidades quanto a ordem social (Sarangi, 1999) que os cerca. As narrativas têm sido vistas como formas de dar sentido a experiências e de construir identidades. Observaremos como elas constroem quem somos e sinalizam nosso envolvimento e pertencimento a diferentes grupos sociais. As conclusões parciais do presente trabalho, que integra a pesquisa de mestrado, sugere que há traços identitários que atravessam o discurso dos membros do Colégio Pedro II e que alguns símbolos são apropriados pelos mesmos a partir do sentimento de pertencimento, de orgulho e de tradição que integram o sistema de valores constitutivos da memória social dessa instituição de ensino.

O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL PAULISTANA

Ronaldo André Rodrigues da Silva

O presente trabalho apresenta como proposta a construção de uma relação entre os conceitos de patrimônio cultural e patrimônio industrial segundo o desenvolvimento e a valorização da realidade sócio-laboral. A ampliação do conceito de patrimônio, a partir dos conceitos de patrimônio industrial, memória e identidade permite a construção de uma memória individual e coletiva observada a partir de elementos da vida profissional e ou cotidiana de operários/funcionários e a construção de suas identidades.

As atividades das organizações e sua inserção na sociedade têm repercussões diversas a partir das experiências e buscam identificar elementos contemporâneos da vida social cotidiana cujos pressupostos constituíram-se segundo uma análise das variáveis sócio-culturais e históricas e que resgatam uma relação entre patrimônio-sociedade-empresa.

Os elementos de identidade social e patrimonial garantem uma percepção diferenciada da inter-relação entre os conceitos de memória, cultura e patrimônio e revelam uma ampliação de seu escopo segundo a inclusão de elementos, geralmente esquecidos, da formação do conceito de patrimônio. Uma metodologia a partir dos conceitos acima descritos visa analisar as relações estabelecidas e as conexões sócio-industriais entre as organizações e a sociedade.

A partir dos conceitos de patrimônio industrial, memória e identidade busca-se definir as principais linhas de estruturação de pesquisas que consistirão em pilares cujas variáveis e propostas metodológicas têm um modelo-base que visa à preservação da memória industrial em suas mais diversas possibilidades. Um dos pontos focais de análise baseia-se a partir da identificação de indivíduos e grupos a partir dos quais se pretende buscar a inter-relação entre empresa e sociedade. Proporcionar uma “história de vida” empresarial, segundo as perspectivas sócio-econômicas e culturais, e construí-la segundo a memória oral compreende uma possibilidade de obtenção da formação histórica de um processo de industrialização ou da implementação de uma organização em sua totalidade social e se constitui no foco central do *paper*.

Nesses casos, a relação empresa-sociedade percebida a partir da história oral de trabalhadores e ex-trabalhadores, familiares e entorno social visa (re)construir a identidade social e cultural que integram práticas sociais e definem uma identidade entre indivíduo-empresa-sociedade. O conhecimento de elementos da sociedade que compõem a memória e a história empresarial e sua reconstrução através dos conceitos definidos por patrimônio cultural e patrimônio industrial constituem-se em oportunidades para o desenvolvimento e incremento de uma identidade segundo conceitos relacionados ao patrimônio local e se constitui em ponto relevante para as determinações sócio-histórico-econômicas ocorridas durante a vida empresarial.

Desenvolve-se, dessa maneira, uma análise direcionada à valorização de um processo de identificação da memória da cidade e de seus diversos tipos de patrimônios e a (re)criação da formação das cidades e de identidades individual, social e patrimonial.

O PROCESSO EXPERIENCIAL DE PRATICANTES DO BUDISMO TIBETANO, SEGUNDO SUAS HISTÓRIAS ORAIS DE VIDA, EM UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA

Elisabete Freire Magalhaes

Minha pesquisa de doutorado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo visa discutir o processo de individuação de praticantes de budismo tibetano, tal como definido por Carl Gustav Jung. Para Jung, o ego é o centro da consciência enquanto o Self expressa a totalidade da psique, que abarca tanto a consciência, da qual o ego faz parte, quanto o inconsciente pessoal e coletivo. O ego nos dá uma noção de identidade baseada na possibilidade de nos reconhecermos enquanto uma unidade capaz de mediar as diversas instâncias da psique. O Self, diversamente, representa o centro de uma totalidade mais ampla, na qual Jung supõe haver um centro organizador que direciona o ego rumo a um processo de desenvolvimento da consciência, que implica um contato com o os conteúdos inconscientes, não apenas pessoais mas também coletivos, visando ampliá-la. O processo de individuação, segundo Jung, trata do modo como a consciência pode dialogar com os conteúdos inconscientes apresentados pelo Self. O estudo de tal processo em praticantes budistas tibetanos é relevante, não apenas por buscar discutir a articulação entre a 'psicologia' budista e seus pressupostos ontológicos e a psicologia de Jung, mas também por pretender registrar a memória de seus praticantes e seu ancoramento na tradição budista tibetana no exílio, após a diáspora sofrida pelos tibetanos em função da usurpação de seu território pelos chineses em 1959. Os depoentes são, em sua maioria, ocidentais, mas também entrevistamos dois monges de nacionalidade tibetana, criados nos moldes monásticos tradicionais em monastérios construídos na Índia para tal finalidade. A metodologia usada na pesquisa foram os procedimentos em História Oral de Vida, de tal maneira que pudéssemos traçar o percurso desses praticantes, desde a infância até o momento atual, apontando o processo psíquico envolvido nesse percurso, o qual jamais se separa da própria biografia da pessoa e de seu tempo histórico. Desse modo, em nossa análise, discutiremos o ser humano contemporâneo em suas relações com o nosso momento histórico, no qual testemunhamos um esgarçamento das relações pessoais e comunitárias decorrentes de um processo avassalador de massificação e consumismo, e os processos inconscientes ou mesmo conscientes que podem se dar a partir do contato com o budismo tibetano compreendido como manifestação cultural, terreno fértil para a produção de símbolos.

A pesquisa, que se encontra em andamento, já aponta alguns resultados no que diz respeito à adaptação da tradição budista tibetana no ocidente e à manutenção de suas raízes. A memória mais viva que todos os depoentes guardam diz respeito à relação com seus mestres, que os inseriram na tradição budista, em alguns casos, ainda na infância, conferindo-lhes, não apenas um sentimento comunitário de pertencimento a um povo (como no caso dos tibetanos nativos), mas principalmente o acesso a um arcabouço cultural que os torna humanos, fazendo um contraponto com a barbárie que atravessa a história e que marca a história recente do Tibete.

ORALIDADE E MEMÓRIAS

Liana de Paulla, Ana Cristina do Canto Lopes Bastos

O trabalho de história oral iniciado na Fundação CASA-SP como uma das ações da Escola para Formação e Capacitação Profissional (EFCP) através do seu Centro de Pesquisa e Documentação (CPDoc) no Projeto Oralidade e Memórias, visa auxiliar na formação dos Fundos de Arquivo do acervo institucional, bem como, recuperar memórias de colaboradores que contribuíram e contribuem para compor uma dada história desta instituição. Em sua trajetória histórica a Fundação CASA, antiga Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM), possui uma farta documentação escrita, a ser organizada, mas a dimensão humana, uma história de sujeitos que participaram e participam de sua trajetória, ainda precisa de um grande esforço. Por outro lado, esse projeto tem como objetivo contribuir para dar visibilidade à história da instituição tendo por base os relatos de seus colaboradores, objetivando desenvolver e disseminar uma metodologia de registro com o fito de preservar, socializar, articular e fortalecer diferentes iniciativas de valorização da sua história.

Para garantir que a história dessa instituição agregue, também, as histórias dos sujeitos que a compõe, foi criado o projeto Oralidade e Memórias, que procurará captar lembranças sem perder de vista que o indivíduo que rememora ou evoca o tempo vivido o faz sempre de forma seletiva, o que significa que se há memórias recuperadas, há também lembranças esquecidas e excluídas de forma consciente ou inconsciente.

Escrever essa história é encontrar os vestígios que marcaram o cotidiano e os momentos de ação dos sujeitos que, do plano do ideal, saíram em campo aberto para a concretização do real, já que ideal e real são faces de uma mesma moeda. É também proceder à reconstrução da mentalidade institucional inscrita nas mais diferentes expressões de linguagem falada, escrita e através de imagens significadas em áudio, vídeos, fotografias e demais recursos da tecnologia de comunicação.

A coleta de informações se dará a partir de entrevistas gravadas e posteriormente recuperadas, procurando manter o máximo de fidelidade na interação entre entrevistador e entrevistado. O ponto de partida da escolha dos entrevistados é selecionar colegas e ex-colegas que trazem consigo uma dimensão humana, um 'olhar' comprometido com a sociedade no desempenho de seus papéis no trabalho com adolescentes e jovens.

ORALIDADES ATKUM NO SERTÃO SUL-MATO-GROSSENSE: MEMÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA

Gabriel Ulian, Lourival dos Santos

O presente trabalho tem o objetivo apresentar os resultados obtidos ao decorrer da pesquisa de iniciação científica com os índios Atikum, em Nioaque, Mato Grosso do Sul, baseada em procedimentos de pesquisa de História Oral de Vida (NEHO-USP). A comunidade abordada pela pesquisa é composta por um contingente de aproximadamente 90 indígenas Atikum que se estabeleceram na Reserva Indígena de Nioaque, onde coabitam com os Terena, desde a década de 1980. Nesse momento o grupo de indígenas em questão deixou suas terras de origem, na chamada Serra do Umã, nas proximidades do município de Carnaubeira da Penha, sertão pernambucano, em diversos fluxos migratórios devido a longos períodos de seca e também a violência causada pelos conflitos entre determinadas lideranças Atikum, traficantes não-indígenas e polícia federal, em vista da plantação de *cannabis sativa*, popularmente conhecida como cânhamo ou maconha, na área indígena em questão.

Em meio a esse contexto o grupo abordado chega a terras sul-mato-grossenses em busca de melhores condições de vida e acaba por fazer das terras Terena de Nioaque o seu local de reprodução física e cultural. Nesse meio os Atikum tiveram por muito tempo sua identidade indígena questionada pela população não-índia de Nioaque e até mesmo por alguns indígenas da etnia Terena, haja vista que são falantes apenas da língua portuguesa, sobre a qual apresentam um sotaque bastante arrastado, tipicamente nordestino, e não apresentam aspectos fenotípicos evidentemente ameríndios, haja vista seu histórico de mistura com grupos quilombolas e remanescentes. A religião Atikum é marcadamente católica, uma vez que o grupo foi aldeado por jesuítas ainda no século XVII, de modo que o a etnicidade do grupo foi constituída especificamente entorno do ritual do Toré, uma dança através da qual os indígenas operam um transe com os chamados “encantos de luz”, enquanto batem os pés descalços no chão, chacoalham maracás e cantam as linhas de toré.

As entrevistas já realizadas demonstram a manutenção de uma identidade calcada simultaneamente, e talvez paradoxalmente, na ancestralidade a Serra do Umã e ao enraizamento em terras sul-mato-grossenses, demonstrando-se frutíferas para discussões sobre identidade etnicidade e dinamicidade cultural. Para tanto pesquisa vem valendo-se de referenciais como: Carneiro Da Cunha (1986), Grünewald (1993), José Da Silva (2000) e Meihy (1991; 2005; 2007), dentre outros.

O SAMBA TINHA MAIS VIDA: MEMÓRIA DE MÚSICOS E INTEGRANTES DA COMUNIDADE DO SAMBA EM FLORIANÓPOLIS/SC

Lisandra Barbosa Macedo

Este trabalho tem como objetivo analisar os discursos em torno da identidade cultural através das manifestações da música popular em Florianópolis, Santa Catarina, a partir dos depoimentos de músicos e participantes das comunidades do samba, enfatizando, principalmente, a questão das formas musicais e melódicas que compunham em meados do século XX. Pautadas na valorização dos antigos instrumentos, na forma como eram confeccionados, nos formatos dos conjuntos, grupos e nos gêneros musicais, estas memórias nos conduzem e nos auxiliam para uma reflexão historiográfica sobre experiências musicais enquanto formas de lazer, de afirmação e representação cultural, aqui se entendendo como linguagens e representações de mundo, tal como esta se configura nas premissas da História Cultural. A música, nesse sentido, se torna um dos agentes formadores dos discursos em torno da identidade cultural das populações que compõe as regiões periféricas urbanas.

OS ATORES-OPERÁRIOS DO ABC PAULISTA: O TEATRO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO DA CULTURA REGIONAL

Paula Venâncio

Esta comunicação apresenta um estudo inicial dos processos de comunicação da cultura e seus elementos de inovação por meio das manifestações teatrais nas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, na região do ABC, entre 1960 e 1990, a partir de relatos orais dos artistas locais. A região do ABC tornou-se símbolo de uma pujança econômica e industrial na segunda metade do século XX e figurou como berço da classe operária e palco dos movimentos e lutas sindicais. O teatro, bem como outras manifestações artístico-culturais, surgiu no ABC como possibilidade de vazão para sensibilidade criadora, alternativa de lazer e forma de interação social entre os trabalhadores e seus familiares. Para estudar o movimento teatral dessa região é certo que não se pode conceber o local como uma unidade cultural, homogeneia e específica. Mesmo que tão evidenciado seu perfil proletariado, é preciso considerar a composição social do ABC, evocar a memória dos indivíduos, valorizar os sujeitos da ação que, diante de interesses antagônicos, lutaram durante décadas e se descobriram enquanto classe. Ao longo das décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990, artistas-cidadãos modificaram a paisagem do subúrbio, lhe conferiram representações e símbolos em um processo de construção e desconstrução das identidades locais, fizeram dos salões de igrejas, clubes, palcos e mesmo das ruas espaço de criação e reflexão. Sendo assim, essa comunicação que ora se apresenta, justifica-se pelo estudo da memória do movimento teatral regional, a fim de compreender como foram tecidas as formas de comunicação de uma comunidade ao expres-

sar sua cultura e fazer seu exercício político, utilizando-se das várias manifestações teatrais que perpassaram os anos de 1960 até a década de 1990. Ao utilizar-se de narrativas orais de história de vida como possibilidade de estudo de processos comunicacionais, traz-se a tona o entendimento da formação das múltiplas identidades e as relações estabelecidas entre os movimentos políticos, sociais e culturais da região. A partir do ponto de vista dos múltiplos sujeitos que se relacionaram com o teatro no ABC é possível reconhecer as representações sociais de seus artífices ao movimento estudado. Para tal são analisados os registros de narrativas orais dos artistas da região e as informações coletadas nos acervos pessoais, públicos e de periódicos regionais. Como objetivo dessa pesquisa, pretende-se, com o cruzamento das fontes coletadas, identificar os processos de comunicação da cultura por meio das manifestações teatrais e analisar suas relações com a formação de uma identidade cultural local em um período de transições econômicas e política, de enfrentamento à censura imposta por um regime autoritário, assumindo destaque na luta operária e culminando no processo democrático. Parte-se da metodologia das narrativas orais de história de vida e da interpretação de documentos, posicionando-se diante dos estudos de comunicação e cultura.

OS CINEMAS DO BAIRRO DA PENHA

Carlos Alberto Pereira

Nosso trabalho foi norteado pela metodologia da história oral e pelo método da Geografia Humanista, tendo como marco referencial os autores Lafif A. Cassab, Alessandro Portelli e Yi-Fu Tuan, somando as lembranças das salas de cinema, a percepção do lugar e do espaço vivido. Diante da perspectiva do método empregado na pesquisa foi necessário como marco inicial à compreensão da fenomenologia. Com o humanismo a Geografia passou trilhar um novo caminho, o espaço deixou de um referencial, transferindo-o para o espaço vivido, construído a partir da percepção do indivíduo.

Escolhemos trabalhar com a História Oral, pela possibilidade em apresentar através de depoimentos a perspectiva do sujeito que vivenciou a história, sendo parte integrante da construção daquilo que foi a história dos cinemas no centro da Penha. Buscamos na história vivida por cada um dos nossos sujeitos, na qual está forjada suas experiências mais profunda, que pode até nem ser partilhada, mas ainda sim compoem o todo que faz este sujeito ser o que é e como é. O diferencial impresso em cada um de nós.

A história do cinema que começou no dia 28 de dezembro de 1895, na capital francesa, onde acontecia à primeira exibição, daquela que seria conhecida como a Sétima Arte, acontecendo no Brasil em 08 de julho de 1896. Tendo a partir de 1.900 um lugar fixo na capital paulista. E o bairro da Penha teve sua primeira sala inaugurada em 1.913. As salas de cinema, no início do século passado, eram um local de encontro social, então, as salas da região central, foram-se estruturando para que de fato pudesse comportar um público mais exigente, diante de uma cidade que se expandia, e buscava segregar as áreas centrais das periféricas.

O bairro da Penha em São Paulo, tem sua história profundamente envolvida com o desenvolvimento da cidade, em função se ser um bairro muito antigo, datado de fins do século XVII. Nascido ao redor de uma capela construía em louvor a Nossa Senhora da Penha de França, teve até o início do século passado um caráter mais bucólico, tendo no entorno do núcleo central a presença de várias chacaras e casas de veraneio, levando-nos a discussão se o mesmo continuava sendo subúrbio ou poderia ser denominado periferia.

Nossos sujeitos foram então selecionados entre os parentes ou amigos de alguns dos funcionários da Sabesp Penha, sendo eles o Sr. Antonio e as Senhoras Susi, Rosa, Dona Ida e Magali. E conforme Dona Ida, no início "... o filme era passado primeiro de tudo na parede da igreja da Penha, na parede, os padres moravam em frente, da janela deles eles focalizam a parede. Então era falada na missa, na reza, e todo mundo vinha pra cá, pra cima, pra rua da Penha...". A Penha, sofreu com o fechamento dos cinemas que estavam localizados no centro do bairro, também ganhou novos lugares de compra, pois os antigos cinemas ganharam nova função social. E a Penha caminha a passos largos para deixar de ser subúrbio para ser urbano.

OS EFEITOS DA 5692/71 NOS AGENTES EDUCACIONAIS DA 1ª À 4ª SÉRIE DO 1º GRAU DA REDE ESTADUAL DE ENSINO ENTRE 1970/1986

Márcia G. Martins

A Educação tem ocupado nos cenários brasileiro e mundial um espaço de destaque nas discussões atuais e existe uma grande mobilização dos educadores pela busca de conhecimentos que viabilizem a formação do indivíduo em seus aspectos cognitivos, sociais e culturais, capacitando-o a atuar no mundo globalizado. Porém, a instituição Educação está inserida numa outra instituição denominada Estado que é responsável pela normatização do sistema educacional. Essa normatização está articulada às transformações políticas e sociais da época em que é produzida e sempre que for modificada interferirá diretamente no fazer pedagógico. Assim, refletir sobre Educação implica em considerar a trajetória que o ensino brasileiro percorreu até hoje para entendê-lo e poder atuar de forma adequada. Esta pesquisa trata-se de uma investigação a respeito do impacto da lei 5692/71 nos agentes educacionais da 1ª à 4ª série do 1º grau da rede estadual de ensino entre 1970 e 1986, período do regime militar brasileiro. A partir da leitura da bibliografia citada, do levantamento de dados em arquivos que possuam documentos referentes ao período e assunto estudados, serão selecionadas escolas que caracterizem o perfil estudado e possibilitem a localização de representantes do corpo discente e docente desse período. Os passos seguintes serão selecionar os entrevistados e agendar as entrevistas que se realizarão a partir da metodologia da História Oral. Essas entrevistas deverão ser transcritas e comparadas para que possamos, através das informações das mesmas, construir o perfil da escola antes da lei 5692/71 passar a vigorar e como esta se modificou a

partir de sua aplicação, o que caracteriza o principal objetivo da pesquisa. O que se espera, então, por meio da memória relatada nas entrevistas de História Oral, é construir um panorama da escola pública paulista no período selecionado. A pesquisa justifica-se, pois busca uma melhor compreensão da escola contemporânea, visto que essa teve suas origens nas modificações ocorridas a partir de 1970, visando uma melhor atuação e pretende contribuir com novos conhecimentos sobre o tema proposto.

OS “PAULISTAS”, OS “TERRORISTAS” E O IMAGINÁRIO CAMPONÊS NO ARAGUAIA: A MEMÓRIA/HISTÓRIA DA GUERRILHA (1972-1974)

Gerson Alves de Oliveira

Concentrando o estudo sobre o processo de modernização/industrialização da agricultura na região do Bico do Papagaio, – área de fronteira entre os Estados do Pará, Maranhão e Tocantins – esta pesquisa pretende analisar a relação entre cultura e política no âmbito da sociabilidade e da identidade, a partir do imaginário local sobre a Guerrilha do Araguaia (1972-1974). Do ponto de vista sócio-antropológico, visa-se observar como se deram as ações dos camponeses da região durante os acontecimentos da Guerrilha e como tais ações estavam vinculadas com a própria realidade da região, quando se compreende a formação da sociedade brasileira. Desta forma, será problematizada a visão dos Guerrilheiros e do Estado Militarizado tendo como base a sociabilidade local, ou seja, o espaço social, o ambiente da população da região muito enraizado na tradição oral. A hipótese é diagnosticar uma dinâmica histórica singular, na qual as relações sócias e políticas têm como fundamento uma representação simbólica entendida como construto de uma visão de mundo. Neste caso, considerar-se-á o território como expressão de valores e de uma identidade baseada em uma moralidade que opera através da memória, principal mecanismo que dá sentido e significado a vida em comunidade. A pesquisa será realizada nas cidades de Marabá no Pará e Xambioá no estado do Tocantins, cidades consideradas pólos de atuação tanto do Militares quanto dos Guerrilheiros. Compreende-se que através do estudo da cultura dos camponeses da região e de reconstrução histórica de suas trajetórias pessoais no âmbito da história de vida do grupo, poder-se-á multiplicar os exemplos de uma proximidade entre imaginário camponês e os fatos que envolveram os acontecimentos relacionados à Guerrilha do Araguaia, além de expor as relações entre cultura e sociedade. Portanto, nos propomos aqui retomar o aspecto sócio-antropológico presente no imaginário dos posseiros sobre a Guerrilha, cujos fundamentos revelam mais que simples mitos, lendas e ritos, pois evidenciam uma identidade própria, muito atrelada ao processo de formação da sociedade no âmbito mais global.

PALESTRA ITÁLIA E CORINTHIANS: HISTÓRIA ORAL E FUTEBOL (1940-1942)

Alfredo Oscar Salun

Palestra Itália e Corinthians: Quinta Coluna ou tudo buona gente? Com esse título, foi defendida no departamento de História Social da USP, a tese de doutorado sob orientação do Prof.Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy. Abordamos a história do futebol paulista entre 1900 e 1942, enfatizando os dois clubes, considerados pela mídia os mais populares de São Paulo: Palestra Itália e Corinthians. Diante dessa premissa, ampliamos nosso horizonte para uma história conjunta dessas agremiações, que nasceram nos bairros operários, ligados aos imigrantes e que se tornaram clubes de significativa importância esportiva, social e econômica. Ambas as entidades sofreram em 1940-1942 um processo de intervenção/nacionalização e tais semelhanças nos permitiram reconhecê-las como “Os filhos de Abraão”, designativo justificador da rivalidade entre eles.

Discutimos a história do acesso do Corinthians e Palestra nos campeonatos oficiais, foi representativo de conflitos e negociações entre os denominados “clubes populares” e os de “elite”, que retratamos mediante pesquisa em jornais de época e documentos cartoriais.

Apontamos o desenvolvimento do futebol como um esporte de massa e a importância desses clubes nessa trajetória, e como ocorreu a lenta transformação dos espaços, antes reservados às elites, que foram apropriados por outros estratos sociais. Ainda discutimos a constituição dos clubes como espaços políticos e pólos de identidade, numa sociedade em crescente processo de industrialização e urbanização, em que adquiriram personalidades próprias, incentivando as diferenças.

Sobre esse período foram analisados vários jornais paulistanos, com os diferentes enfoques sobre os conflitos presentes nos campeonatos oficiais, fosse da LPF ou da APSA, que permitiram compreender essa fase, sob diferentes ângulos.

História Oral.

Como se optou pela utilização de um Núcleo Documental heterogêneo, no intuito de explorarmos diferentes aspectos sobre o processo de nacionalização/intervenção do Corinthians e Palmeiras, foi elaborado apenas um roteiro para nortear as entrevistas, já que os colaboradores estavam informados de nossas intenções e o tema que pretendíamos abordar.

As narrativas de colaboradores identificados como “palmeirenses” e “corinthianos” remetem às experiências individuais e à tradição familiar passadas pela geração que presenciou o episódio da nacionalização/intervenção dessas agremiações entre 1940-1942 e que transmitiram pela oralidade suas experiências sobre esse evento, que entrelaçou a história do clube com a história de cada colaborador (entrevistado).

Ao reconhecermos que as pessoas podem ser identificáveis por diversos critérios, encontramos nas entrevistas indicações da importância do futebol como um dos possíveis pressupostos articuladores de identidades.

A partir dessa Comunidade de Destino (torcedores de futebol com forte ligação emocional com esses clubes), foram formadas duas colônias e suas decorrentes redes. Houve uma pergunta de corte específica para cada uma delas; o significado da

mudança do nome do clube (Palmeiras) em 1942 e os efeitos desse episódio (individual\coletivo) e no Corinthians, os efeitos da intervenção do governo no clube em 1940-1941.

PARTILHAS FAMILIARES:

DIVISÃO DE BENS E COMPORTAMENTO MIGRATÓRIO DE UMA FAMÍLIA NORDESTINA

Marisa Tayra Teruya

Os Maia de Catolé do Rocha (alto sertão paraibano) constituem um poderoso grupo político-familiar nordestino, e detentores dos cargos políticos locais, de meados do século dezanove até o início do século vinte e um. Ao acompanhar, em meu trabalho de tese, os processos de partilhas de bens ocorridos no período 1870-1970, um dos resultados observados relacionou-se ao comportamento migratório do grupo. No âmbito desta proposta de apresentação de trabalho, trato especialmente dos ramos empobrecidos e que foram sendo, ao longo do tempo, excluídos da história e da genealogia familiar e da própria região. Esta população começa a sair de Catolé nas primeiras décadas do século vinte e aumenta, a cada geração, de modo a sobrepujar, em números relativos, a população de herdeiros que ali permanece mas deixa rastros de suas partidas e vidas nos inventários de partilha.

PROBLEMATIZANDO O USO DA HISTÓRIA ORAL EM ESTUDOS IMIGRATÓRIOS

Rafael Galvão Monteiro

Tendo em vista o grande número de pesquisas científicas sobre imigração, passa-se a considerar a gama de métodos utilizados para abordar os diferentes olhares sobre o tema. Nesse sentido, a História Oral é vista como oportunidade de compreender um grupo, a partir de experiências e versões particulares por meio da realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam acontecimentos.

O objetivo do presente estudo é discutir os benefícios da aplicação da História Oral em pesquisas acadêmicas sobre imigração, assim como apontar dificuldades encontradas no desenvolvimento de tais pesquisas.

Este artigo fundamenta-se principalmente nos estudos realizados por Alberti (2000, 2003, 2005), Ferreira (1998, 2000) e Thompson (1992), que além de mencionarem os passos para a aplicação do método, tais como o uso de instrumento de pesquisa e o tratamento do depoimento, também discutem o valor e a importância da História Oral em estudos sobre memória, e como ela pode mudar a perspectiva da história e abrir novos campos de investigação.

Com resultados parciais, esta pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento, e a presente análise contempla os resultados de pesquisa bibliográfica e de entrevistas realizadas com duas imigrantes coreanas.

Especialmente vantajosa em estudos imigratórios, a História Oral permite a produção de fonte de pesquisa que amplia o conhecimento sobre fatos passados, considerando a interpretação dos atores ou testemunhas de acontecimentos que nos ajudam a compreender uma sociedade. A História Oral permite a recuperação da história de excluídos e admite heróis dentre o povo por meio da valorização da visão do indivíduo sobre eventos vividos coletivamente. O relato do depoente traz vida, cor, rosto e sensações à uma história distante e muitas vezes repleta de hiatos, resultantes de memórias esquecidas e silenciadas.

Nesse sentido, as fontes orais produzidas pelo método em questão acabam eventualmente por preencher lacunas deixadas por outros documentos ou mesmo apontar distorções em discursos já internalizados. No caso do início da imigração coreana no Brasil, é sabido sobre o caso de coreanos que dominando o idioma de seus antigos opressores, os japoneses, se passavam pelos mesmos em certos momentos, tendo em vista que este segundo grupo já se encontrava bem estabelecido entre a sociedade brasileira nas décadas de 1960 e 1970.

Por outro lado, notam-se as dificuldades encontradas pelo pesquisador não só em tratar o material coletado, mas principalmente no decorrer das entrevistas e no contato inicial com os entrevistados. No caso específico de entrevistas com imigrantes, entre as barreiras encontradas, está a comunicação com o entrevistado e toda sua complexidade. O idioma e valores culturais podem constituir um empecilho mesmo antes da entrevista, no primeiro contato do pesquisador, quando ocorre a tentativa de explicar o teor da pesquisa. Neste caso, enfrenta-se também o obstáculo da resistência do entrevistado em compreender que a História Oral não se limita à história contada oficialmente, que tenta, por outro lado, apreender a percepção do indivíduo sobre o geral.

PERSPECTIVAS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA:

RELAÇÕES DE MEMÓRIA E IDENTIDADE NA HISTÓRIA PROPOSTA PELOS PCNs

Catarina Menezes

O presente trabalho tem como base a análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Fundamental II, referentes à área de História, os quais são tomados como fonte. Neste estudo, propomos analisar a percepção e as propostas em torno do significado dado à História e seu ensino, a partir da problematização das relações entre a História e as concepções de memória e identidade apreendidas no documento, em diálogo com os debates historiográficos desenvolvidos em torno da questão levantada.

Dessa forma, com o intuito de questionar a compreensão de História na perspectiva dos PCNs, tomamos como objeto, no

processo de abordagem documental, as problemáticas da escolha da memória a ser lembrada e da construção de identidades que pode se dar a partir do fazer e, especialmente, do ensinar da História. Questões que se faziam presentes nas discussões dos anos 1980 em torno da educação no país e, especialmente, na formulação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) de 1996, com as quais os PCNs estavam articulados. Debates que se tornam cada vez mais recorrentes em uma contemporaneidade entendida entre práticas de globalização e de fragmentação cultural.

Com base no diálogo historiográfico, com autores como Stuart Hall; Maurice Halbwachs Jacques Le Goff; Paul Ricoeur; Michael Pollak; Estevão de Rezendes Martins e Ulpiano B. de Menezes procuraremos apresentar a questão sobre as possíveis percepções acerca da História, mostrando algumas de suas relações com o processo de apropriação de memória e construção de identidades, a fim de indicar a relevância dessa problemática ao se trabalhar com o ensino de História, como pretendemos fazer com a proposta de análise dos PCNs.

Notamos que na perspectiva dessa proposta educacional um dos papéis primordiais do Ensino de História é a construção da noção de identidade do aluno, o conhecimento de si e também dos outros, permitindo a percepção de semelhanças e diferenças, seja entre indivíduos, grupos ou sociedades.

Tendo em vista que os PCNs tomam a questão da construção da identidade individual, coletiva e nacional como fundamentos do ensino de História, perguntamo-nos sobre qual identidade nacional querem construir e como propõem que isso seja desenvolvido. De que modo pensam em lidar com a “perda de identidade” marcante da sociedade atual e por eles mesmos identificada?

Sendo assim, pretendemos ressaltar ser a relação ensino de História – identidade – memória algo diretamente vinculado, também na perspectiva dos PCNs. Proposta que está inserida, de um lado, no processo de produção, reflexão e diálogo crítico acerca da História, desde a nacional à social, desenvolvida na academia. Mas também possui relação direta com o sistema educacional, dotado de característica singulares e complexas que envolvem, portanto, não uma mera aplicação de propostas, mas, pelo contrário, re-apropriações e releituras que tem como base as especificidades de cada cultura escolar.

PRIMO LEVI: MEMÓRIA E TESTEMUNHO DOS CAMPOS DE EXTERMÍNIO NAZISTAS

Lucas Amaral de Oliveira

Georges Bataille (1989, p.9) reconheceu que a literatura impõe uma lealdade e uma moral rigorosa, pois não é inocente: “a literatura é o essencial ou não é nada”. Logo, pelo seu comprometimento ético, resolvemos utilizá-la como um campo de análise, adotando, mais especificamente, a literatura de guerra do intelectual italiano, e sobrevivente de Auschwitz, Primo Levi, que foi capaz de reconstruir uma história nefasta e construir, com sua incrível literatura-memorialística, a devida mediação entre o passado e o presente. Pensamos que por dois motivos estes documentos narrativos, que fundam a base empírica de nossa investigação, são fundamentais para se entender o testemunho da violência incomensurável perpetrada pelo Holocausto: por um lado, devido ao conteúdo denso de “verdades” históricas que está presente nesse campo – e ao fio narrativo coeso que elas seguem, próprias para estabelecer uma ponte entre o ocorrido e o contado; por outro, por comporem uma fonte preciosa do que Maurice Halbwachs (2004, p.85) chamou de uma “memória coletiva”, medida em unidade de tempo e solidamente mais extensa que qualquer relato histórico que não é hábil na tarefa de reconstruir esta continuidade de tempo interrompida. Assim, tendo em vista a memória de Primo Levi, ativada mediante sua literatura ética e histórica, alguns conceitos como o de experiência de vida, memória e narração serão pensados criticamente nesta investigação, que buscará compreender como eles se relacionam no interior de uma obra intimamente estigmatizada pela lembrança dos campos de extermínio nazistas. Nosso esforço inicial, portanto, se concorrerá em decifrar a inter-relação da memória com as particularidades do gênero autobiográfico de Primo Levi. Para tanto, não faremos somente o resgate de uma memória individual traumática, mas, sobretudo, de processos sociais e de mecanismos culturais pelos quais um exemplo particular conseguiu conectar sua experiência subjetiva com outras, convertendo-a, assim, em uma experiência coletiva. Com efeito, mediante a literatura-memorialística de Levi, tentaremos descobrir como foi possível haver tão duradouro processo político de desumanização racional e de destruição planejada do homem. Esperamos, com isso, compor algumas considerações que busquem compreender, pelo menos em parte, alguns aspectos da violência incomensurável perpetrada nos campos de extermínio nazistas. Ademais, ajustando nosso olhar em torno das reminiscências presentes nos textos de Levi, buscaremos o fio que conduz toda sua preocupação em dar testemunho do que foi, para muitos, “inexperienciável”. Estes são os desígnios desta pesquisa, que procura, ainda, por meio de um diálogo interdisciplinar, descortinar o que há de mais socialmente relevante da memória auto-reflexiva deste magnânimo escritor italiano.

PROJETO MEMÓRIA LOCAL NA ESCOLA: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS DE UM TRABALHO DE HISTÓRIA ORAL NA ESCOLA

Danilo Eiji Lopes, Giselle Rocha

Este artigo apresenta reflexões e resultados sobre os nove anos do Projeto *Memória Local na Escola*, desenvolvido pelos institutos Museu da Pessoa e Avisa Lá em parceria com diversas Secretarias Municipais de Educação e por meio de financiamentos de empresas apoiadoras. Trata-se de um projeto didático, de nove meses de duração, que tem por metodologia encontros mensais de formação com professores de 4º ano – fundamental I. Os principais objetivos das ações de formação empreendidas com o projeto são baseados em dois eixos: capacitação de professores para a realização de projetos com a história da comunidade contada por seus moradores e desenvolvimento de práticas sociais de leitura e escrita.

De acordo com esses norteadores, as comunidades escolares realizam uma série de atividades voltadas para a preservação da memória por meio de uma metodologia de história oral, o desenvolvimento da leitura, da escrita e do desenho, o trabalho coletivo e a interação social.

Nesta perspectiva, o projeto é coerente com as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de História. “A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia.” (PCNs, 1998, p.40)

Desde 2001, o Projeto Memória Local envolveu 20.425 alunos, 750 professores, 271 escolas, 271 coordenadores pedagógicos, 30 Secretarias Municipais de Educação e uma Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. Durante esses anos de formação, observou-se que as práticas escolares referentes ao conteúdo “história local” somente valorizavam as mudanças espaciais ao longo do tempo e não privilegiavam a memória e a história dos moradores locais. A partir da execução do projeto nas escolas, os educadores e os alunos passaram a ter outro olhar sobre a história e seus agentes: compreensão da importância dos moradores na construção do seu tempo, formação de uma identidade local e percepção como participantes da história.

Após todos esses anos de trabalho, o desafio não é apenas mudar a prática de ensino de história, mas perpetuar um *sentido de História* onde a compreensão do presente seja construída além de marcos oficiais e que entrevistas de histórias de vida sejam incorporadas como fontes de pesquisa.

Como pactuar essa nova prática de ensino com os PCNs de História? Como legitimar projetos com esse enfoque dentro da Escola? Como as histórias de vida transitam entre os saberes escolares? Estas e outras questões são abordadas ao longo deste artigo.

PROJETO OBSERVATÓRIO DA MEMÓRIA AUDIOVISUAL

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação São Miguel Paulista

Justificativa: O CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação São Miguel Paulista teve origem no Projeto São Miguel Paulista e Brasileiro que tinha como objetivo formar jovens do bairro em pesquisadores sócio-culturais com as realizações de oficinas na área de comunicação, metodologia de pesquisa, fotografia e produção textual para citar algumas, durante os anos de 2006 e 2007. Atualmente, CPDOC São Miguel desenvolve ações de formação em memória local para escolas, entidades sociais com a utilização da linguagem audiovisual de forma a permitir à re-significação do patrimônio, dos valores culturais e sociais criando um diálogo crítico com as transformações urbanas que impactam no modo de ver e interagir com o mundo em que vivemos. Neste sentido realizamos formações em audiovisual (fotografia e vídeo) e as suas relações com a memória coletiva e social, incentivando a discussão sobre a importância do papel da imagem na construção da identidade e do desenvolvimento local, favorecendo a ampliação do acervo visual da região. Outro aspecto que destacamos é a relação dessas ações com as mídias sociais que procuramos criar, incentivar e participar, disponibilizando as nossas produções em blogs e redes interativas na internet que têm trazido resultados significativos como o aumento do número de visitantes – pesquisadores, professores, alunos do ensino público e de cursos universitários que buscam informações sobre o bairro no Centro.

Objetivo: Criar um espaço de produção de informação e conhecimento (memória social) nos eixos: Memória local, cidadania e desenvolvimento local, com a participação dos moradores, utilizando as tecnologias da informação e comunicação, favorecendo a re-significação da história do bairro.

Marco teórico: A partir da compreensão da contribuição das mídias sociais na disseminação do conhecimento, procuramos estabelecer uma relação da produção de memória social no espaço da WEB como forma de potencializar criação de comunidades virtuais e redes sociais que desenvolvam ações de memória utilizando esse espaço de interação, permitindo a criação e adoção de metodologia participativa e inclusiva na sociedade do conhecimento.

Metodologia: A produção coletiva do conhecimento e do pensamento sistêmico, somadas ao trabalho em grupo favorece a criação de um ambiente de aprendizado coletivo amparado nas novas tecnologias que proporcionam a troca e aquisição de informações; na criação e participação em redes sociais; no acesso as ferramentas gratuitas de produção midiática, e na difusão das ações e conteúdos na rede proporcionam maior visibilidade das ações no território e ao mesmo tempo permitem ser monitoradas e avaliadas.

Resultados: O acervo de imagens e a produção de relatos com as atividades e oficinas e a disponibilização nas mídias sociais mantidas pelo centro, resultaram no prêmio de Menção honrosa Milton Santos conferido pela Câmara Municipal de São Paulo em 2009. Além de aumento na procura pelas formações e produtos de memória realizada pelo Centro.

RACHADURAS NO ESPELHO DE NARCISO: O INÍCIO DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DAS IDOSAS MORADORAS DO BAIRRO DA MOOCA DA CIDADE DE SÃO PAULO – REPRESENTAÇÕES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS

Mesaque Silva Correia, Maria Luiza de Jesus Miranda

É notória atenção dada ao corpo nas sociedades atuais, em especialmente na sociedade brasileira que culturalmente cultua a beleza, a boa forma física e o vigor. Na maioria das vezes a velhice se apresenta para este ideal como incômoda, que deve ser afastada e negada. Desta forma, “ser velho” é estereótipo negativo pelo corpo evidenciar marcas do tempo que não podem ser apagadas, e por mais que este corpo seja trabalhado para rejuvenescer, não consegue mais ser atlético, firme e liso como antes.

Tendo em vista estas questões, este estudo teve como objetivo, analisar a partir das narrativas das idosas moradoras do bairro da Mooca da cidade de São Paulo, as estratégias de enfrentamento por elas encontradas para lidar com o processo de envelhecimento e suas subjetividades delineadas socialmente. A cidade e o bairro foram escolhidos por estarem localizados no centro deste país tido como “jovem”, do carnaval e do futebol. Para tanto, utilizamos a metodologia da História Oral Temática e entrevistamos oito idosas moradoras do bairro da Mooca, que participam de um Programa de Educação Física para Idosos implantado na Universidade São Judas Tadeu que trabalha sob a perspectiva do envelhecimento bem sucedido. Realizamos uma análise das narrativas em si e em seu conjunto. Encontramos que o reconhecimento da velhice como fase da vida com possibilidades e limites foi o primeiro passo dado por essas idosas para o enfrentamento dos estereótipos socialmente delineados ao envelhecimento; que a readaptação social e o autocuidado são formas encontradas para viver bem nesta fase da vida.

RELEMBRANDO A OCUPAÇÃO DO JARDIM SÃO CARLOS: VÍNCULOS SOCIAIS, TERRITÓRIO E CULTURA POLÍTICA

Claudelir Corrêa Clemente

Este trabalho rememora a experiência social de ocupação de terras do bairro Jardim São Carlos, Zona Leste de São Paulo, nos anos 80 que resultou na construção do atual Conjunto Habitacional. A ocupação do Jardim São Carlos fez parte de uma série de ocupações desencadeadas entre fevereiro e abril de 1987. Dois fatos foram importantes para tal ocorrência: a) a demora de atendimento às reivindicações do movimento; b) a mudança de governos, na cidade e no estado.

A Prefeitura, administrada por Jânio Quadros a partir de 1985, é totalmente contrária aos novos movimentos sociais. Já Orestes Quêrcia, que é eleito governador do Estado de São Paulo, por sua vez tinha uma certa inserção em alguns movimentos, mas apresenta-se reticente frente a política habitacional.

O não-atendimento das reivindicações tornava a situação insuportável porque os militantes tinham que continuar a se submeter aos aluguéis abusivos e a situações vexatórias de despejo, ao mesmo tempo em que a recessão econômica contribuía para aumentar o número de moradores de rua, uma situação sempre presente na história dos militantes. Na verdade, os movimentos de moradia que se alastraram nos finais dos anos 70 já refletiam a carestia que corroía os bolsos dos trabalhadores desde aquela época. Era uma velha história que parecia não ter fim, desanimando alguns militantes e inflamando outros.

Com as mudanças de governantes, as antigas promessas pareciam ter caído no vazio, não tinham resposta. O prefeito anterior – Mário Covas – negociou 283 lotes para o então Movimento dos Sem-Terra (MST), no bairro de Santa Rita. No plano estadual, Montoro havia negociado 4.50500 lotes nas comunidades Águia de Haia, A. E. Carvalho, Jardim São Carlos, Encosta Norte, Fazenda Itaim e Jardim Lorena. No entanto, os novos governos pareciam estar envolvidos com outras questões: o estadual, com a posse do governador e o municipal parecia administrar para uma parcela da população da cidade, que, com certeza, não eram os sem-terra, sem-teto, os sem-cidadania.

Por meio de uma metodologia pautada em histórias de vida coletadas entre os participantes do MST e descrições etnográficas realizadas entre os anos de 1995 à 1998, com dados de observações participantes no bairro Jardim São Carlos, viso neste trabalho demonstrar quais foram as estratégias utilizadas pelos participantes do movimento que permitiram a conquista de suas casas; a importância dos laços sociais que estas pessoas intensificaram ao longo do desenvolvimento e crescimento do movimento e sobretudo os resultados em termos de mudanças sociais que contribuíram para uma nova cultura política na Zona Leste da cidade de São Paulo.

RESGATE DA HISTÓRIA DA SAÚDE EM BELTERRA, OESTE DO PARÁ, PELOS SEUS ANTIGOS TRABALHADORES

Suzana Cesar Gouveia Fernandes, Fan Hui Wen, Myriam Elizabeth Velloso Calleffo,
Cibele Cintia Barbarini, Fernanda Palo Prado

A Companhia Ford Industrial do Brasil, na década de 1930, criou duas cidades históricas na margem do rio Tapajós, oeste do Pará – Fordlândia e Belterra – garantindo à mão-de-obra nativa, bons salários, hospital e escola de qualidade, moradia subsidiada e lazer, para produzir a borracha que seria utilizada para produção de automóveis em sua matriz nos Estados Unidos. Essas cidades eram extensões do modelo americano em sua arquitetura e no estilo de vida. Belterra foi considerada a maior produtora de látex do mundo entre 1938-40. Orgulhosos de seu passado que ainda é tão presente, o discurso dos moradores reafirma a relevância do patrimônio, seja ele cultural ou ambiental. Nosso objetivo, por meio do Projeto CNPq/FAPESP Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Toxinas, é entender a trajetória histórica da saúde em Belterra, onde as questões políticas e as posturas sobre o futuro do município se estendem para a discussão sobre a presença do Instituto Butantan na área. Desenvolvendo ações de pesquisa, formação e divulgação na região, a instituição paulista vem mobilizando a comunidade e demonstrando que, para os pesquisadores, a memória da região é também o resgate de sua identidade. Realizamos entrevistas semi-estruturadas com profissionais de saúde que trabalharam no Hospital Henry Ford e com antigos funcionários da Companhia Ford, todos de origem brasileira. A história oral, nesta pesquisa, valoriza a experiência humana, fruto do choque e da convivência de dois mundos completamente diferentes – o ribeirinho amazônico e o trabalhador rural nordestino e os funcionários norte-americanos da Cia. Ford. Essas experiências relatadas não estão documentadas nos relatórios oficiais, que são escassos já que muito pouco

sobrou da administração norte-americana depois da saída dos mesmos em 1945. Com as mais de 20 entrevistas realizadas até o momento, tem sido possível resgatar o perfil epidemiológico das doenças que acometiam as populações ribeirinhas da região, os tratamentos, cirurgias e profilaxias, bem como as relações estabelecidas entre médicos e enfermeiros, e destes com a população usuária quanto aos equipamentos de saúde oferecidos. A reconstrução das instalações do Hospital, construído uma ilha de excelência em meio ao vazio de serviços e profissionais na Amazônia, nos propicia evidenciar a influência americana na administração de bens públicos, neste caso a saúde e a educação. A abrupta saída da Companhia e transferência do patrimônio para o governo federal, por conseguinte, trouxe consequências inevitáveis que ainda hoje se refletem no modo de vida e na situação da saúde, não somente dos antigos funcionários, mas de toda a população de Belterra e entorno.

RESISTÊNCIA, CULTURA E MEMÓRIA

Andrea Silva Domingues

A pesquisa teve como objetivo estudar os costumes, a performance, as artes de viver e fazer, constituídos no cotidiano do espaço urbano e rural; a partir dos valores, trajetórias de vida e lutas sociais dos agentes históricos que participam da festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis no estado de Minas Gerais, que se realiza a mais de duzentos anos; entendo cultura como parte integrante de um campo de mudanças e disputas sociais e políticas; cercado de interesses e reivindicações. O estudo desenvolveu-se através da História Oral refletindo sobre as maneiras de viver dos participantes da Festa, na tentativa de entender essas experiências, valores, cotidianos e costumes que auxiliaram na reflexão da maneira de pensar o coletivo. Buscando a todo o momento perceber essas experiências e processos relacionados ao festejo, observando que a história, por mais distante que seja, tem por objetivo provocar reflexões sobre o mundo atual.

Escolhi utilizar como fonte depoimentos dos diferentes segmentos que vivenciam o festejo de Nossa Senhora do Rosário, bem como, cartazes de propaganda e atas da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário e o livro tombo da paróquia da cidade. Buscando assim compreender os diferentes significados que a festa tem para cada um, incluindo suas relações com a cidade e o trabalho, seus valores e relações sociais, principalmente a festa como uma prática de resistência à tradição que se insere no campo da cultura popular. Compreendendo as recordações dos depoentes como olhares múltiplos, expressões de diferentes tempos vividos, experimentados individual e socialmente; foi possível perceber nas narrativas orais o ir e vir da memória, possibilitando a reflexão sobre a diversidade das experiências vividas por cada um, seus pontos de semelhança e suas diferenças, e também pontos de convergências e tensões.

As memórias são, portanto, experiências historicamente construídas e constantemente modificadas que fazem do passado uma dimensão importante na constituição do presente. Pensarmos a relação entre a memória, experiência e diversidade cultural é fundamental para discutirmos as múltiplas práticas culturais que envolvem a festa de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Silvianópolis em Minas Gerais, no período dos anos setenta ao tempo presente.

Na perspectiva de querer saber como os sujeitos que participam da festa se movimentam e atuam na realização do festejo há mais de duzentos anos, percebendo que a festa ocupa um espaço privilegiado na cultura de seus participantes, e que esta deve ser entendida como um conjunto de valores compartilhados privilegiei metodologicamente a documentação oral. Assim, como parte das conclusões de nosso estudo a festa foi e é pensada, como uma tradição atualizada e ao mesmo tempo em transformação, que se constitui nas experiências sociais diversas, instituindo um campo de memórias atravessado pelos conflitos de classe, que nos conduz a outras histórias.

REVISITAR E RECONSTRUIR A CIDADE: NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA OPERÁRIA NA “CIDADE DO CRIME E DO TRABALHO”

Marta Gouveia de Oliveira Rovai

Durante muitos anos, após 1968, ser um morador de Osasco, era ser tomado por um sentimento de vergonha e mal estar. Após a greve operária que tomou conta da cidade, e da enorme repressão sofrida pelos trabalhadores durante a Ditadura Militar, jornais e televisão colaboraram na construção de uma imagem pejorativa de seus habitantes. A fama de “cidade do crime”, na década de 70, provocou um enorme silenciamento sobre os diferentes significados acerca da luta sindical. Nos anos 80, os governos que se sucederam, promoveram campanhas enaltecendo Osasco como a “cidade do trabalho”, num movimento também silenciador. Apenas no final de 1987 começaram a surgir trabalhos acadêmicos sobre a greve de 1968, procurando ouvir o que os operários tinham a dizer sobre a experiência sindical e a história local.

Um movimento de debates e encontros começou a se ampliar nas escolas e sindicatos, realizado pelos próprios trabalhadores, buscando abrir espaço na “memória enquadrada” sobre a cidade. Nesse processo, ainda hoje dinâmico, insere-se minha pesquisa, na busca de tentar entender não a greve em si, mas a construção de uma nova identidade para os moradores osasquenses, a partir dos grupos “autorizados” a falar sobre as experiências políticas nas últimas décadas. Ao escutá-los, pretende-se perceber como os narradores revisitam uma história traçada oficialmente, e buscam refazer a trajetória de suas vidas fora dos estereótipos construídos em torno da cidade “criminosa” ou “trabalhadora”.

O trabalho exclusivamente com relatos orais não pretende considerar que a história oral seja a portadora de uma fonte mais fidedigna e verdadeira, mas considera, como afirma Portelli, ser possível refletir sobre os significados atribuídos pelos operários aos fatos narrados - a greve e a repressão - assim como sobre seus sentimentos, valores e expectativas. Essa história mais subjetiva, que

passa pela memória coletiva, partilhada, desses operários, parece apontar para novos acordos e fronteiras na elaboração de uma outra identidade, que busca “sair das sombras”, repensando uma nova cidade, um projeto de futuro para seus habitantes. A greve de 1968 é o marco dessa comunidade afetiva que, dividida em redes de sindicalistas, operários-estudantes e operários, negocia. Que novo consenso se constrói em torno da cidade? Que imagens seus narradores querem partilhar ou negar em suas lembranças? Que ucronias aparecem nas narrativas, e que não estão nos documentos oficiais, escritos, validados por uma história enquadrada?

As entrevistas com os operários de Osasco são uma tentativa de se compreender, por uma série de diálogos e estímulos, os embates entre as memórias, a luta pelos espaços de poder na cidade, pelo direito de lembrar de forma diferente. E mais do que isso, pensar na possibilidade de políticas públicas em Osasco, uma vez que esse grupo tem cada vez mais participado nas esferas do poder municipal, que possam nascer das expectativas desses homens que, ao presentificarem suas experiências, projetam possibilidades de “fazer diferente”, de romper o silêncio político ao qual foram jogados, e apontar projetos de mudança.

RURALIDADES: HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADE CAIPIRA

Jussara Christina Reis

Os velhos moradores do Bairro Boa Vista, em Bragança Paulista/SP, se deparam com um novo contexto cultural decorrente das mudanças sócio-econômicas regionais, que traz à cena o urbano ao ambiente rural. Considerando a interação entre rural e urbano, Carneiro (1998) aponta para a dificuldade em delimitar fronteiras claras entre as cidades e pequenos vilarejos a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais, propondo pensar o “rural” e o “urbano” a partir de um ponto de vista dos agentes sociais que realizam essa interação. Neste sentido, o presente estudo busca identificar os percursos identitários dos moradores mais antigos do bairro, diante dessa interação entre urbano e rural.

Para Candido (2001) a continuidade da cultura caipira está relacionada a não alteração de seus aspectos essenciais, como os escassos recursos financeiros e a economia agrária de subsistência, sendo que a urbanização e desvalorização da vida rural provocam a extinção dessa cultura. Em contrapartida Sahlins (1990) acredita que as sociedades tradicionais são submetidas a mudanças radicais, impostas externamente pela expansão capitalista, o que torna impossível manter a premissa de que o funcionamento dessas sociedades está baseado em uma lógica cultural autônoma. Para o autor essa proposição resulta de uma confusão entre um sistema aberto e a total ausência de sistema, tornando-nos incapazes de dar conta da diversidade de respostas locais ao sistema mundial, em especial daquelas que conseguem persistir em seu rastro.

Sob esta perspectiva a História Oral enquanto metodologia deste estudo, com base nos estudos de Thompson (2002), Bosi (2004), Queiroz (1987), permitiu identificar por meio das histórias de vida dos moradores entrevistados a importância dos elementos da cultura caipira para a (re)construção de suas identidades em meio a urbanização. Segundo Schörner (2007), os sujeitos ao reportarem às suas vidas relembrem eventos sócio-culturais, nos quais, para além do perfil pessoal, há um conjunto de representações do meio e da época, que podem servir para identificar problemáticas e reconstruir um universo social a partir da construção da identidade do sujeito. Esta será realizada à medida que o depoente narra suas memórias e desenvolve a consciência do “eu” através da interação de sua própria vivência com o grupo social, que irá apontar um futuro possível.

De uma forma geral, observou-se por meio dos relatos que os modos de vida dos entrevistados estão conectados a uma memória que ultrapassa a época vivenciada, e que encontram-se em constante ligação entre o passado e o presente, revelando uma trajetória que também está ligada ao lugar de vivência, em que as transformações de um ambiente caracterizado histórica e socialmente como rural evidenciado pela diminuição das festas e do trabalho agrícola, se insere em um novo contexto em que aspectos do ambiente urbano também passam a compor a atual realidade local. Os depoimentos indicam a contínua necessidade dos moradores de reinventarem as próprias percepções do meio em que vivem e sua própria identidade, sendo que para esta última a memória é o principal elemento.

SÃO MIGUEL PAULISTA - CAPELA DE SÃO MIGUEL ARCANJO: INTERFACES DAS MEMÓRIAS DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Isabel Rodrigues de Moraes

Na pesquisa em questão procuro refletir o bairro de São Miguel Paulista e seu cotidiano, especialmente ligado à presença da Capela de São Miguel Arcanjo. Este templo religioso é considerado um dos exemplares mais antigos da cidade de São Paulo, que conserva sua originalidade. O bairro de São Miguel Paulista, situado na zona leste da cidade, foi nos primeiros anos de sua colonização um aldeamento indígena chamado Ururai. O processo de ocupação do bairro está, portanto, ligado à fundação da cidade de São Paulo, por ser um local estrategicamente situado, favorável à efetivação da fé Cristã no Planalto Piratininga, tendo sido para isso, necessária a construção de uma Capela que serviria de ponto de aglutinação desses índios. Com a transformação do aldeamento em bairro de brancos foi construída uma nova capela em 1622.

A capela com seus alpendres fronteiros e laterais possui elementos arquitetônicos singulares e ainda, pia batismal e bancada de comunhão originais em jacarandá. Tombada pelo IPHAN em 1938 e pelo Condephaat em 1974, passou por obras de restauração em 1939/40 e atualmente está em processo de restauração amparado pela Lei Rouanet de Incentivo à Cultura.

O objetivo da pesquisa é analisar as dinâmicas sociais que se estabeleceram e se estabelecem em torno desse bem cultural e as ações que viabilizam sua preservação. Assim, foram analisadas as ações do poder público, principalmente as relativas aos tombamentos, restauração e medidas que visam sua proteção e, ainda, a participação ativa dos sujeitos sociais que se relacionam

com esse bem e que vivenciaram e vivenciam esses momentos e que tem ações voltadas para sua preservação.

Dessa forma, busco perceber a “Capela de São Miguel Arcanjo” como parte da experiência social que envolve interesses e relações de poder que dão significados diferentes a esse patrimônio histórico, trabalhando as tensões daqueles que a significam como patrimônio, trabalhando as tensões e relações de poder que dão significados diferentes a esse patrimônio histórico, trabalhando as tensões daqueles que a significam como patrimônio do passado e lutam pela sua preservação e, por vezes, daqueles que a vêem como coisa velha e, portanto, na afinada com o progresso. Serviram como fonte de pesquisa os documentos produzidos pelos órgãos oficiais e ao bairro de São Miguel, bem como as diferentes produções desses sujeitos, procurando entender o sentido histórico desse patrimônio cultural.

TRABALHO E MEMÓRIA:

TRAJETÓRIAS DE VIDA DE TRABALHADORES MARANHENSES EM ESTIVA - MINAS GERAIS

Tamara Moreira Santos, Andréa Silva Domingues

O trabalho de pesquisa, intitulado “Trabalho e Memória: trajetórias de vida dos trabalhadores maranhenses em Estiva - Minas Gerais”, constitui um estudo que vem sendo realizado referente ao deslocamento de trabalhadores maranhenses para o município de Estiva, sul de Minas Gerais, a fim de trabalhar nas lavouras do morango. Buscou-se neste trabalho entender as razões que impulsionam esses trabalhadores homens e mulheres a esse deslocamento, bem como discutir o caráter compensatório do movimento, partindo da elucidação das condições de vida desses atores sociais na cidade de Ribamar Fiquene no Maranhão, local de origem dos mesmos, e das condições lhes oferecidas no município de Estiva. O estudo tem por objetivo compreender os diferentes processos que antecederam e sucederam o deslocamento social desses trabalhadores. Partindo da análise de suas experiências de vida, suas memórias, desejos e anseios, buscou-se compreender as mudanças ocorridas na vida desses trabalhadores com o advento do deslocamento e suas significações para os mesmos. Para se alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, metodologicamente foram executados o trabalho de campo com a documentação oral. Buscou-se respaldo nas fontes orais, a fim de compreender através da análise das memórias o processo que envolveu e envolve, especificamente a cidade de Estiva, no sul de Minas Gerais, pois através de diálogos, com a prática da história oral, foi possível melhor reflexão sobre nosso objeto de estudo. Assim esta pesquisa propõe compreender e reconhecer as experiências vividas por esses agentes sociais, com o compromisso de ampliar a visão que se tem dos mesmos e contribuir na elaboração de uma bibliografia sul mineira do tema, voltada a um novo olhar que se propõe a discutir e analisar as práticas sócio-culturais e relações humanas desses trabalhadores migrantes com o meio circundante, através da investigação da realidade.

TRANSFORMAÇÃO SENSÍVEL: NEBLINA NOS TRILHOS

Cláudio Penteado, Terezinha Ferrari, Ana Maria Dietrich

Este projeto de extensão é fruto da parceria entre as instituições UFABC e CUFGSA e propõe a produção de um vídeo-documentário como instrumento pedagógico multidisciplinar de divulgação do patrimônio histórico relacionado a identidade dos ferroviários na região de Paranapiacaba por meio da utilização da linguagem do audiovisual. Pretende elaborar entrevistas com vistas a analisar a memória coletiva do grupo de ferroviários que se estabeleceram na Vila de Paranapiacaba (Santo André-SP) durante o processo de implementação e desenvolvimento da primeira via férrea em solo paulista: São Paulo Railway Co. Pretende – por meio das narrativas – estabelecer um diálogo entre passado e presente, entre a memória e o espaço e entre as identidades dos grupos sociais que se estabeleceram na região, procurando dar maior visibilidade ao passado relacionado aos ferroviários. O projeto está dividido em 3 etapas: pesquisa histórica e de campo (elaboração de entrevistas com ferroviários, seus familiares diretos, turistas e moradores da Vila de Paranapiacaba e estudiosos da memória dessa região); produção do documentário e exibição e debate com alunos de instituições do ensino superior, entidades, associações, sindicatos e núcleos de memorialistas que pretendam congregar o patrimônio ferroviário, para a população de Paranapiacaba e outros interessados. O público alvo são alunos, professores, ferroviários, especialistas ligados às áreas de engenharia, tecnologia e humanidades (destacando o caráter interdisciplinar do projeto), estimulados sobretudo na produção de novos conhecimentos gerados em exposições e debates. Ao final, pretende-se criar um registro histórico audiovisual de um importante fragmento da história brasileira, da ferrovia e dos ferroviários, assim como registrar a memória relacionada ao cotidiano, ao trabalho e às técnicas de antigos ferroviários da Vila de Paranapiacaba.

UMA DEMOCRATIZAÇÃO RELATIVA: O CASO DA USP LESTE

Graziela Serroni Perosa

Nesta comunicação pretende-se examinar de perto os obstáculos à democratização do ensino, no sentido pleno da palavra, à luz do caso da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, a EACH, mais conhecida como USP Leste. A instalação de uma universidade pública na zona leste de São Paulo era uma reivindicação antiga de movimentos sociais dessa região da cidade, que até então nunca havia recebido uma única iniciativa de ensino superior público. Talvez porque para as regiões mais pobres da cidade, os cursos técnicos eram percebidos como mais pertinentes, do que aqueles que dariam acesso às profissões liberais. Trata-se de

uma modalidade democratização que costuma reservar aos mais pobres, os cursos socialmente menos valorizados e aos grupos de mais alta renda, as carreiras mais prestigiadas do sistema de ensino. Tal modalidade de democratização possui como efeito a tendência a preservar as distâncias entre os grupos sociais e acrescer a ela uma justificação propriamente escolar da posição na estrutura social. As subdivisões internas aos sistemas de ensino - entre elas a divisão entre os cursos clássicos x cursos técnicos - é datada de meados do século XIX na Europa e onipresente no Brasil ao longo de todo o século XX. Nos sistemas de ensino secundário europeu, essa subdivisão interna entre uma escola para o povo e uma escola para a elite é datada do século XIX e se materializava em torno de alguns aspectos: a origem social dos alunos de cada carreira, as modalidades de programas de ensino (aprendizagem de línguas x aprendizagens manuais), na duração dos cursos (mais longos x mais rápidos) e se diferenciavam pelo destino social de seus egressos, em geral, os ex-alunos das fileiras mais valorizadas do sistema de ensino tornavam-se profissionais liberais e os demais, possuíam como horizonte as ocupações ditas manuais. Em São Paulo não foi diferente. Durante décadas, eram os cursos técnicos, de nível secundário, voltados para a aprendizagem rápida de um ofício, que se instalavam na porção leste da capital paulista. Vale lembrar, a difusão da educação na cidade se deu, desde as primeiras décadas do século XX, na forma de um acirrado mercado escolar, marcado pela comercialização do acesso aos bancos escolares. Daí porque a instalação da EACH, nova unidade da USP na zona leste da cidade possa ser considerada uma etapa importante para alcançar uma democratização do acesso ao ensino superior público paulista. Nesta comunicação pretende-se interrogar as raízes das lutas e das tensões simbólicas que concorrem para o êxito de um projeto concreto de expansão do ensino superior público na Zona Leste da cidade.

UM CORPO SUBTERRÂNEO: MEMÓRIA E POESIA AUDIOVISUAL

Patrícia Costa Vaz

Este trabalho propõe o estudo do processo criativo do cineasta piauiense Douglas Machado no documentário *Um Corpo Subterrâneo* (2007), tomando como base as abordagens propostas por Cecília Salles (1998), que convidam ao entendimento de uma “morfologia da criação” e ao ato de criação como um processo, à medida que esse congrega várias etapas de realização que convergem na feitura da obra, com base em materiais do artista que revelam como se deu o pensar e a concretização da mesma. Há mais de 20 anos produzindo filmes e documentários em diferentes países como Brasil, Suécia, Espanha e El Salvador, Douglas Machado dirigiu o longa-metragem *Cipriano* (2001), assim como a série de documentários *Literatura: Brasil*, sobre os escritores Ariano Suassuna, Marcos Vinícius Vilaça, H. Doblal, Luis Antônio de Assis Brasil. Conhecido pelo uso da pré-produção como ferramenta importante na feitura de seus documentários, Douglas Machado assume um novo desafio ao trabalhar em *Um Corpo Subterrâneo* na “busca da memória audiovisual do homem piauiense”, como ele sintetiza este documentário. Nele, Machado faz uma viagem do norte ao sul do Piauí percorrendo seis cidades. Em cada uma delas o ponto de partida é um cemitério. O diretor identifica um túmulo recente, procura os familiares deste falecido e, a partir de relatos dos parentes e amigos, reconstrói a imagem do morto e de cada um desses indivíduos permeado pelo luto. A lembrança dos hábitos, gostos, comportamentos e as imagens dos objetos que os rodeavam se constitui no que Ecléa Bosi (1983) chama de “vontade de revivêscência”, uma força que solidifica no presente (ou melhor, eterniza) aquele, ou aquilo, que era apenas transitório. No final das entrevistas a câmera é entregue a um dos parentes para que este faça também um registro pessoal (sobre e/ou para o morto) com a câmera. As imagens e falas captadas por Machado e pelos familiares, guiadas através dos cômodos da casa e dos pertences do falecido montam um mosaico das preferências daqueles que se foram – um diagrama do que cada um foi na memória dos que ficaram. O mergulho na obra do documentarista vai além da análise do filme pronto, vamos percorrer o universo de concepção do filme, tendo como objetos de análise: páginas do diário do autor - cujas divagações pessoais dialogam com verificações e idéias que serão posteriormente descartadas ou utilizadas na produção do documentário; textos lidos por ele, que embasam suas concepções sobre memória e morte; o projeto do filme onde Douglas discrimina a proposta do documentário, os objetos e estratégias de abordagem com a câmera e entrevistas, textos produzidos por ele sobre suas obras, entrevistas, textos e filmes utilizados como referência para o documentário. O objetivo desse estudo consiste ainda em propor um alargamento das discussões para além das produções do eixo Sul-Sudeste, através da compreensão do processo criativo de um documentarista que, embora não seja conhecido do grande público brasileiro, tem uma vasta e rica produção audiovisual.

USOS DO PASSADO SINDICAL E MILITANTE DO ABC PAULISTA E SUAS REDES: NOVOS ESPAÇOS PÚBLICOS, DE MEMÓRIA, ATRAVÉS DAS MÍDIAS ELETRÔNICAS

Ricardo Medeiros Pimenta

Nos últimos trinta anos testemunhamos uma mudança significativa no cenário dos mundos do trabalho e sindical no Brasil onde o desenvolvimento e mobilização do sindicalismo brasileiro em meados da década de 1970 e ao longo dos anos oitenta se alternaram com o conjunto de desafios e demais intempéries ao longo dos anos noventa.

Esta contundente alternância convergirá para a chegada de Luis Inácio Lula da Silva a presidência da República em 2002. Marcava-se aí um novo período de forte comoção e identificação entre os movimentos populares. Em sua própria estrutura, um campo de profícuas problematizações possíveis cuja análise se fez necessária para a tese de doutorado da qual este artigo se erige e faz parte. Análise esta que se debruçou sobre os recentes meios utilizados pelas instituições sindicais, ligadas a este passado comum, que passaram a falar de sua própria história. Para tal, a experiência de criação e uso do sítio eletrônico “ABC de Luta”

(projeto que busca criar no espaço da internet um sítio eletrônico como lugar de memória virtual) aponta claramente para este “desejo de memória” partilhado entre diversos atores sociais que compuseram e ainda compõem o cenário da esquerda brasileira balizada na trajetória histórica dos militantes do ABC Paulista.

Criado em função da construção/institucionalização e divulgação de uma memória dos trabalhadores e militantes ligados ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e ao próprio movimento dos militantes que permeiam outras instituições como a CUT e o próprio PT, este projeto de memória se converte em um grande “mosaico virtual de imagens, palavras e sons” onde se instala ali uma memória em permanente manutenção.

Partilhada por uma grande rede de atores sociais que transcendem o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, ao longo da passagem dos anos noventa para os primeiros anos de 2000, o projeto de memória dos metalúrgicos do ABC é mais que uma confluência de falas e narrativas de seus protagonistas. Segundo José Felício (presidente nacional da CUT em 2001), é uma “luta por hegemonia”. Condizente à “ambição por veracidade” e “justiça” presentes na análise de Ricoeur no concernente às matrizes que compõem a história; ou com os “usos” e “abusos” da memória no cenário público da sociedade civil, segundo Marie-Claire Lavabre e Tzvetan Todorov, promovendo uma instrumentalização política do passado.

Nesse sentido é que compreendemos o quanto essas realizações presentes no espaço da *world wide web* permitem para além do acesso à informação, através do espaço virtual de registros orais e demais fontes enriquecedoras do campo de pesquisa da história oral, um movimento crescente de interesse sobre esse registro da história e o enquadramento da memória no escopo sindical e militante de esquerda.

“VOCÊ TEM QUE DAR O QUE PROMETEU, MEU BEM” E OUTRAS QUESTÕES SOBRE COLABORAÇÃO EM HISTÓRIA ORAL

Ricardo Santhiago

Não há novidade no uso da ideia de “colaboração” no âmbito da história oral. Em seu sentido mais trivial e operativo, a colaboração é indispensável para a utilização de um método fundado no diálogo entre pessoas. Contudo, em algumas circunstâncias a colaboração é aludida como princípio norteador de práticas militantes; como diretriz capaz de determinar o *coeficiente de ética* de pesquisas; como sugestão para a minimização de assimetrias no trabalho de campo. Ao mesmo tempo, na maior parte dos casos, é sensível a distância entre a adoção do “conceito” em trabalhos empíricos e os resultados “colaborativos” destes. Este é o mote da presente comunicação, que unirá reflexões a respeito de ideias sobre colaboração, em história oral, e comentários sobre uma experiência concreta de pesquisa.

VOZES DA MANCHA ALVIVERVERDE: HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE TORCEDORES PALMEIRENSES DE ARAÇATUBA-SP

Mariana Alice Gatti

Por meio da identificação do futebol com a esfera social, as Torcidas Organizadas começaram a ocupar espaço na sociedade brasileira contemporânea. Esse aparecimento, sobretudo, tem maior evidência e visibilidade apenas de um lado, o lado de quem as vê, nesse sentido, o uso da História Oral torna-se indispensável para o inverso desta situação, ou seja, pensar nesses grupos, através e a partir de seus próprios membros. Com o aumento quantitativo de torcidas organizadas, a industrialização e os processos de urbanização, esses grupos saíram dos espaços metropolitanos e chegaram às cidades interioranas, como é o caso da torcida palmeirense Mancha Alviverde em Araçatuba-SP. Em entrevistas já realizadas com esses torcedores propomos um olhar acerca de como se identificam enquanto grupo (torcida), desprendendo-se de olhares pré-conceituosos e estereotipados que circundam esses grupos. Para essa nova perspectiva, precisamos compreender como se dão as relações entre os próprios membros da torcida e o lugar onde estão alocados, como também, suas diversificadas relações com outros torcedores organizados, quer seja da mesma torcida e/ou time, quer seja em outras agremiações. Em nossa pesquisa não existem lugares para margens simplistas que os reduzam a uma noção de uniformidade, que na maioria das vezes, não é verdadeira. O uso de fontes orais possibilitará novas perspectivas, análises e abrangências sobre a forma como esses palmeirenses se identificam dentro da Mancha Alviverde, sub-sede de Araçatuba-SP, como também, nas viagens e arquibancadas quando se unem com a sede e outras sub-sedes da Torcida. Então, são nos extremos entre Paixão e Fanatismo, que irão se delinear as características peculiares desses sujeitos, partindo, impreterivelmente, de seus próprios olhares, bem como, da realidade que vivenciam. Sendo assim, procuraremos compreender esse elemento do mundo futebolístico que é o universo do torcedor, estudando-os enquanto grupo, mas também, as mais diversas particularidades entre eles. É importante ressaltar que não negamos os processos e mudanças que a grande maioria das torcidas organizadas tem sofrido, sobretudo, o interesse maior está na arte do espetáculo, e nas suas mais variadas formas de expressões culturais de massas, uma vez que os jogos de futebol, também se tornaram grandes espaços de sociabilidade. O aporte teórico da pesquisa está fundamentado entre metodologias e técnicas da História Oral, estudos sociológicos e antropológicos sobre o futebol e suas mais diversas representações na vida social, além de alguns estudos realizados sobre torcidas organizadas.

REALIZAÇÃO

GEPHOM - GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM
HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA

APOIO

